

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**MARIA LUCIA SPADINI DA SILVA**

**PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS SEGUNDO O  
OLHAR DOS GESTORES, FAMILIARES E EDUCANDOS: UM ESTUDO DE CASO  
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE SÃO PAULO**

**DOUTORADO EM EDUCAÇÃO: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**

**SÃO PAULO - SP  
2015**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**MARIA LUCIA SPADINI DA SILVA**

**PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA VIDA ESCOLAR DOS FILHOS SEGUNDO O  
OLHAR DOS GESTORES, FAMILIARES E EDUCANDOS: UM ESTUDO DE CASO  
EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA CIDADE DE SÃO PAULO**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Educação: Psicologia da Educação sob a orientação da Profa. Dra. Heloísa Szymanski.

**SÃO PAULO - SP  
2015**

**Banca Examinadora**

-----

-----

-----

-----

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho aos meus professores, colegas educadores, alunos e famílias com os quais divido minha jornada e caminhada pela Educação.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço às duas pessoas mais importantes da minha vida, Lia e Pedro, meus filhos, por permitirem que eu acorde, a cada dia, mais feliz e com as esperanças por um mundo melhor renovadas.

Ao Giulio e à Yara, por me apoiarem e me incentivarem a lutar, cada vez mais, para ser uma pessoa melhor.

Agradeço à Heloísa Szymanski, minha orientadora, por repartir comigo pelo menos dez anos de experiência e de aprendizado.

Aos meus colegas de trabalho, professores, coordenadores, diretores, psicólogas, pelos momentos de reflexão e aprendizagem sobre educação.

À CAPES, pela concessão da Bolsa de Estudos

E à PUC-SP, Universidade que faz parte da minha existência, hoje e sempre.

## RESUMO

A presente pesquisa propõe-se a compreender a participação da família na vida escolar dos filhos, do ponto de vista de gestores, professores, famílias e alunos de uma escola pública da periferia da cidade de São Paulo. Usaremos, como referência, estudos que tratam da relação escola-família; o pensamento de Paulo Freire sobre educação e participação e as reflexões de Bordenave sobre o que é participação. Na literatura pesquisada, esta participação se apresenta na forma de *avaliação participativa da e na escola*; nos *modos institucionais de participação* e na *participação contribuindo com o desempenho do aluno*. Trata-se de um estudo de caso qualitativo, que se utilizará de observação participante e entrevistas reflexivas para a coleta de dados. Os resultados apontaram que a participação é compreendida como importante para melhorar: o desempenho da escola como um todo (gestão); o desempenho do aluno em sala de aula (professores); o desempenho do filho na escola (mães) e para ajudar os alunos a atenderem às solicitações da escola (alunos). Uma ação voltada para a participação desencadeada pela escola são as entrevistas com as famílias dos alunos que apresentam questões em sala de aula, como um recurso capaz de promover uma maior humanização na relação conflituosa entre professores e alunos. A expectativa de participação por parte dos gestores e professores é de que os pais se interessem por e valorizem mais os estudos dos filhos; as ações das famílias apresentam um modo de participação muito próximo das expectativas levantadas pelos gestores e professores; e os alunos relatam ações das famílias incentivando os estudos. Mesmo assim, a escola ainda sente que falta participação. Foi possível perceber que a equipe escolar apresenta uma teoria sobre participação, elaborada a partir da sua própria experiência e da reflexão sobre a sua prática, caracterizando, aqui, um modo particular de pensar e agir da escola na direção da tão almejada participação.

**Palavras-chave:** *Escola, família e participação; Educação e participação; Relação família-escola*

## **ABSTRACT**

This research aims to understand the family's participation in the school life of children, from the point of view of managers, teachers, families and students from a public school on the periphery of the city of São Paulo. We will use as a reference, studies dealing with school-family relationship; some concepts of Paulo Freire on education and Bordenave with his reflections on what's participation. In this literature, this contribution is in the form of participatory evaluation in the school and of school; in the institutional modes of participation and involvement contributing to student achievement. This is a qualitative case study, which will be used participant observation and reflective interviews for data collection. The results showed that participation is understood as important to improve: school performance as a whole (management); student performance in the classroom (teachers); the child's performance in school (mothers) and to help students meet the school requests (students). One action triggered by the families of students with classroom issues in order to understand the situation experienced by them. This understanding leads to greater humanization between teachers and students. The expected participation by managers and teachers is that parents will be more interested and give more value to the study of children; the families have a way of very close involvement of expectations raised by managers and teachers, and students reported actions of the families to encourage studies. Even so, the school still feel that lack participation. It was observed that school team presents a theory of participation, drawn from the reflection on their practices, characterizing, here, a particular way of thinking and acting towards the much desired participation.

**Keywords:** *School, family and participation; Education and participation; family relationship school.*

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	9
1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 Relação escola-família .....	13
1.2 Participação e educação .....	16
1.3 Escola, família e participação .....	28
2. MÉTODO.....	39
2.1 Estudo de caso.....	39
2.2 Objetivo geral .....	40
2.3 Objetivos específicos.....	40
2.4 Procedimento para coleta de dados .....	40
2.5 Procedimento para análise de dados .....	43
2.6 Constituição da situação de pesquisa .....	44
3. RESULTADOS .....	51
3.1 As entrevistas.....	51
3.2 Síntese descritiva das entrevistas .....	52
4. ANÁLISE DOS DADOS .....	64
4.1 Gestão .....	65
4.2 Professores .....	78
4.3 Mães .....	89
4.4 Adolescentes.....	94
4.5 Crianças.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	111

*Um pai, preocupado com sua filha que, na quarta série do ensino Fundamental, ainda não aprendera a ler e a escrever, foi questionar sua professora:*

*- Faz quatro anos que minha filha frequenta escola e ainda não aprendeu a ler e a escrever. A senhora sabe me dizer o que acontece?*

*A professora respondeu:*

*- O senhor não ajuda em casa.*

*O pai, muito seguro e um pouco indignado com a resposta, disse:*

*- Todo dia, pela manhã, eu coloco o uniforme na minha filha, pago a perua escolar, digo a ela para respeitar os colegas e obedecer à professora. Agora, ensinar a ler e a escrever é com a senhora, professora. Não consigo.*

(relato de um pai a uma psicopedagoga)

## **APRESENTAÇÃO**

Minha trajetória profissional como educadora (inicialmente professora de Educação Infantil, depois coordenadora pedagógica, psicopedagoga clínica e professora universitária) colocou-me em contato com um vasto repertório de situações que a escola vivencia no seu cotidiano, seja na relação aluno-aluno, professor-aluno, aluno-coordenação, coordenação-professor, aluno-aprendizagem, família-escola e assim por diante. Uma, porém, me chamou e chama a atenção, na medida em que é utilizada de forma muito intensa e forte pelas escolas, já há algum tempo: na função de coordenadora pedagógica, escuto com muita frequência que os conflitos que acontecem na relação professor-aluno, seja da ordem da indisciplina ou da não aprendizagem, tem, como causa, a não participação da família na vida escolar dos filhos.

Essa inquietação deu origem à minha Dissertação de Mestrado, intitulada “*Relação escola-família – possibilidade de aproximação a partir das dificuldades de aprendizagem dos alunos*” (SILVA-SPADINI, 2008). As análises e os estudos feitos na Dissertação confirmaram, por um lado, a complexidade da relação escola-família e, por outro, as possibilidades de trabalho construtivo conjunto das duas instituições, em benefício do processo educativo escolar dos alunos/filhos.

A escola pesquisada na Dissertação apresentava um problema, na época, de não alfabetização de parte significativa dos alunos da quarta série do Ensino Fundamental de oito anos, atual quinto ano. Os educadores dessa escola resolveram, então, junto com a equipe de pesquisa, enfrentar essa situação,

reunindo sistematicamente coordenadora e professoras para, juntas, elaborarem atividades pedagógicas diferenciadas, preparadas de modo a atender às necessidades individuais dos alunos, que surtiram ótimos efeitos, fazendo todos avançarem de forma significativa no processo de alfabetização.

A pesquisa de Mestrado propôs-se a analisar e acompanhar o relato das professoras sobre esse trabalho, com foco na relação com as famílias. Procurou compreender as práticas pedagógicas utilizadas, a relação das professoras com a equipe gestora e com os alunos, a relação dos alunos com a aprendizagem e, mais especificamente, a relação que essas professoras mantinham com as famílias dos alunos, ou seja, como as compreendiam e delas se aproximavam. Notou-se particularmente a importância da gestão escolar aberta ao diálogo, contribuindo para a compreensão de que a participação familiar na escola também depende de uma política de gestão.

Foi possível observar algumas posturas dos educadores quanto à relação escola-família: ora as professoras culpavam as famílias pela não alfabetização dos alunos; ora percebia-se nelas a presença do mito, bastante difundido, da não disposição das famílias à participação; ou, ainda, verificava-se que as professoras apresentavam uma forma distantemente institucional de se relacionar com as famílias, além de desconhecerem as diferenças entre a socialização escolar e a socialização familiar (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001).

Em que pesem esses aspectos, na maioria dos relatos obtidos, foi notado que as professoras reportavam-se às vivências familiares dos alunos como um dos elementos facilitadores da compreensão da situação vivida por eles em sala de aula. A partir desta percepção as professoras foram incentivadas a promover maior contato com as famílias, o que resultou no planejamento de uma reunião de pais com característica de acolhimento por parte da escola, focada mais nas possibilidades e avanços dos alunos do que nos seus fracassos. Essa postura proporcionou às famílias sentimentos positivos e indicativos de uma maior aproximação com a escola. Daí decorreram outras atividades nas quais perceberam-se várias formas possíveis de participação dos pais na escola que não apenas as tradicionais reuniões periódicas, formais ou “institucionais”.

Os resultados acima descritos responderam à minha interrogação sobre a possibilidade de aproximação da escola com a família, sem responsabilizá-la por aspectos pedagógicos, pertinentes à escola. Porém, como já dito anteriormente, persiste ainda, nas escolas, no meu entender, questão quanto à participação da família. Aliás, uma postura, por parte dos educadores, que não reconhece a participação, mas sim a negligência da família em atender às solicitações da escola.

É interessante notar que, no meu trabalho como educadora, não encontrei uma só família que fosse indiferente às orientações da escola. Muito pelo contrário, em suas falas, as famílias sempre relatam solicitar aos filhos que estudem, que prestem atenção às aulas, que não discutam com os professores, que preservem o ambiente escolar etc. Enfim, sempre dão aos seus filhos orientações “desejadas” pelos professores, mesmo que nem sempre as mesmas sejam cumpridas pelos alunos, no espaço escolar.

No ano de 2012, em um encontro informal com uma colega coordenadora de uma escola municipal de Ensino Fundamental, tomei conhecimento de que a aproximação com as famílias, na sua escola, foi importante para melhorar o desempenho da Unidade Escolar nos sistemas de avaliação oficiais da rede municipal de ensino. Esse processo teve início quando assumiu a coordenação, juntamente com a atual equipe gestora.

Nesta afirmação, surgiu meu problema de pesquisa: como esta escola entende a participação da família na vida escolar dos filhos?

A participação da família é cada vez mais desejada como um fator capaz de auxiliar na melhora do desempenho da escola, embora não se tenha clareza quanto aos procedimentos capazes de promover esta participação e nem em qual medida ela interessa. Trata-se de um aspecto da vida das escolas que merece estudos mais aprofundados principalmente em relação ao significado dessa participação. Este é um verdadeiro desafio para educadores e também para os pais.

Meu objetivo, neste trabalho, então, é o de compreender como é considerada a participação familiar na vida escolar dos filhos, do ponto de vista dos gestores de escola, dos professores, das famílias e dos alunos de uma unidade escolar.

Acredito que este trabalho possa contribuir para o reconhecimento de modos diversificados de considerar a participação da família na vida escolar dos filhos, além de relatar uma experiência vivida por uma escola que entende ser importante a aproximação com a família.

Apresento inicialmente, na Introdução, uma reflexão sobre a relação escola-família; um estudo sobre a participação, que demonstra nossa forma de pensá-la como uma forma de cuidado, uma possibilidade de libertação fundamentada em Bodernave e nas ideias de Paulo Freire; por fim, um estudo bibliográfico sobre trabalhos científicos que tratam do assunto: família, escola e participação. Estes serão os fundamentos que nortearão a análise dos dados coletados neste trabalho.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Relação escola-família

A interrogação sobre a participação da família na escola é parte de um contexto maior e se insere no tema relação escola-família. Nota-se que a ordem utilizada, ou seja, relação escola-família e não família-escola, como é comumente abordada, justifica-se pelo fato de a escola ver esta relação como fundamental, devendo, portanto, partir dela o passo inicial para que se consiga essa relação. Mas nem sempre isso acontece. Abaixo, serão apresentados relatos de pesquisa e resumo de ideias de autores sobre o assunto, que apontam vários conflitos que causam mais o afastamento do que a aproximação da família e que fizeram parte do estudo realizado na Dissertação de Mestrado por mim apresentada (SILVA-SPADINI, 2008).

Iniciaremos nossa reflexão com Ariés (1986), autor que nos relata a maneira como a família se constituiu social e historicamente ao longo dos séculos, passando por transformações constantes, a partir das mudanças que ocorreram na sua forma de se relacionar com as crianças e com as escolas recém-instituídas. Para este autor, o surgimento da escola deu-se, entre outras razões, em função da necessidade de a família cuidar melhor da formação de seus filhos, apontando o século XVII como o período em que a família passa a ter uma preocupação maior com o acompanhamento escolar dos filhos:

Os tratados da educação do séc. XVII insistem nos deveres dos pais relativos à escolha do colégio e do preceptor, e à supervisão dos estudos, à repetição das lições, quando a criança vinha dormir em casa. (ARIÉS, 1986, p. 232)

Esse cuidado passou a despertar novos sentimentos na família que, deixando de ser apenas responsável pela aprendizagem prática de seus filhos, passa a ser responsável por sua formação moral e espiritual, “passando a formar os corpos e almas”, (ARIÉS, 1986, p. 277), e conta com a escola para colaborar nesta função.

A necessidade de a família relacionar-se com outras instituições, em especial com a escola, permanece e se reforça, conforme aponta Szymanski (2000), em seu trabalho “A família como locus educacional”, principalmente ao dizer que:

os pais, enquanto educadores, podem ser sujeitos de um programa de formação. Este seria um serviço importante a ser oferecido às famílias, já que se cobra tanto sua participação na educação das crianças e jovens e seu envolvimento em outras instituições educativas, principalmente a escola. (SZYMANSKI, 2000, p. 19)

Essa ideia toma novos contornos, mas permanecem os desafios expressos nas indagações relativas ao que as famílias esperam das escolas e às expectativas da escola em relação a elas.

Muitas são, hoje, as expectativas das famílias e são diversos os motivos que levam os pais a matricular os filhos nas escolas. Para eles, a escola é “um local de conhecimento, de preparação acadêmica, de proteção e ascensão social” (TANCREDI; REALI, 2001, p. 79). Ainda de acordo com Paixão (2006), é o modelo econômico de um país que atua como um fator importante que influencia as famílias nas opções pela escolarização dos filhos, pois, quanto maior a necessidade imposta pelo mercado de trabalho, maior o interesse das famílias em relação à escolarização dos filhos.

Sejam quais forem as razões pela busca da formação escolar para os filhos, ao colocá-los na escola, a família já deixa implícito e, muitas vezes explícito, o desejo de participação no processo de escolarização. Desejo nem sempre concretizado, talvez pelas diferenças entre as duas instituições, que merecem ser levadas em consideração.

Paixão (2006) é uma das autoras que buscou analisar estas diferenças. Vincent, Lahire e Thin (2001) também mostram que a forma escolar de socialização, fundamentada na visão de uma sociedade da escrita, difere da forma familiar de socialização fundamentada na oralidade, o que traz pontos, se não de conflitos, ao menos de dificuldades entre as duas realidades. Silva-Spadini (2008) caminha na mesma direção ao apontar que a atuação e responsabilidade da escola estão voltadas para a aquisição de conhecimentos formais e sistematizados mediados pelos professores. Já a atuação e responsabilidade da família remetem para a aquisição de conhecimentos assistemáticos e sua maior preocupação é com a

socialização. Essas características próprias de cada instituição, escola e família são apontadas por outros estudos como os de Tancredi e Reali (2001) e os de Magalhães e Tancredi (2002).

Trabalhos como os de Silva-Spadini (2008), Silva (2003), Ribeiro e Andrade (2006), Cruz (2007) Carvalho (2004) e algumas concepções sobre a relação família-escola trazidas por Lahire (1997) e Thin (2006) mostram os desencontros que acontecem entre as duas instituições, principalmente, como já descrito anteriormente, ao se desconsiderarem as diferenças entre a cultura familiar e a cultura escolar; ao se apresentar o mito da não disposição à participação por parte dos pais no acompanhamento da vida escolar dos filhos; ao se culpar a família pelo fracasso do aluno na escola; ao se apoiar num modelo estereotipado de família para se relacionar com elas; e ao gerar ações que mais promovem o afastamento do que a aproximação das famílias.

Há outros estudos relativos a este tema, como o de Carvalho (2004), indicando ser desejável uma parceria entre as duas instituições; o de Moreira e Biasoli-Alves (2007), informando que famílias veem na escola de Educação Infantil a principal colaboradora na tarefa de educar seus filhos; o de Maranhão e Sarti (2007), que pesquisam familiares e profissionais de uma creche que compartilham dos cuidados na primeira infância, evidenciando alguns conflitos existentes entre esses atores, principalmente na expectativa que ambos têm em relação à higiene e alimentação dos filhos; o de Ribeiro e Andrade (2006), que observam uma assimetria na relação entre família e escola, assimetria esta que contribui para a exclusão das camadas populares da escola. Entretanto, pesquisas como as de Gasonato (2007), Tancredi e Reali (2001), Duarte (2009) mostram o interesse dos pais em manter os filhos na escola, bem como a disposição de participar da vida escolar dos filhos.

Graminha e Santos (2005), Marturano (2006) e Vianna (2005) indicam que, de um modo geral, o ambiente familiar pode direcionar positivamente o aprendizado escolar, mas sinalizam também para a necessidade de se investigarem melhor quais são os instrumentos promotores de desenvolvimento escolar, no seio das famílias. Apontam a participação em reuniões escolares e o nível socioeconômico como

fatores que contribuem para o bom desempenho do filho na escola, porém não determinantes do seu sucesso ou do seu fracasso.

Alguns estudos apontam para a necessidade de as escolas buscarem novas estratégias de aproximação com as famílias. Paro (2007) contribui com essa ideia, dizendo que é preciso “levar em conta a continuidade entre educação escolar e familiar” (p. 25), acreditando numa integração entre as duas instituições capaz de propiciar que “ambas se apropriem de uma concepção elaborada de educação” (idem, p. 25). Para que isso aconteça, a escola precisa se aproximar efetivamente das famílias de seus alunos, criando espaços de reflexão conjunta sobre as práticas educativas. Szymanski (2001) sinaliza que o “ponto de partida para uma relação efetiva [entre família e escola] é o reconhecimento mútuo” (p. 70). Este reconhecimento pressupõe o “reconhecimento da sua própria ignorância pelo outro” e apresenta como propósito, para estabelecer o encontro, o de “desvelar seus [da família e da escola] saberes e competências” (idem, p. 73). Isso implica, segundo a autora, partir de uma visão real e objetiva de família diferente de um modelo idealizado e olhá-la por dentro. Isso pode ensejar uma forma de agir e de educar a ser descoberta e considerada (Szymanski, 2001). Pressupõe, também, encontros com as famílias que sejam baseados no diálogo autêntico conforme propõe Paulo Freire (2005/1968).

Pudemos conhecer, a partir dos estudos acima, as questões que cercam a relação escola-família, e que estão enraizados na cultura escolar, em alguns casos, impedindo que a escola perceba e analise alguns efeitos de suas ações, em relação às solicitações e expectativas de participação familiar.

## **1.2 Participação e educação**

Acreditamos ser a participação das famílias na vida escolar um fenômeno complexo, e também muito exigido hoje, principalmente pelas escolas, como um dos fatores capazes de melhorar a qualidade do ensino. Mas, de qual participação estamos falando?

Para tratar do assunto, neste capítulo, apresentaremos as ideias de Bordenave (1984), informando quais são os níveis de participação, sua importância e suas características. O outro autor de grande abrangência teórica considerado uma autoridade e referência na área de educação a ser apresentado é Paulo Freire (1921-1997). Concluiremos o capítulo apresentando nossa concepção de participação, que não é a de uma simples troca de saberes. É um cuidado; modo de ser e estar com os outros; é a que conduz a um processo de libertação.

### *1.2.1 O que é participação?*

Bordenave diz que, na sociedade de hoje, há um grande apelo à participação de uma maneira geral, e uma das justificativas para este apelo é o fato de que “a civilização moderna inicialmente levou o homem a um individualismo extremo e agora, devido à alienação crescente, apela para a participação coletiva” (BORDENAVE, 1994, p. 7).

Além desse fato, a participação revela a vontade da população em gerir o próprio destino e, por isso, está em alta, devido ao descontentamento geral do povo marginalizado e ao entusiasmo que participar proporciona a todos para que se sintam parte de um grupo social mais amplo. Portanto, conclui o autor que estamos vivendo a “era da participação” (idem, p. 8).

A partir do senso comum, o autor aborda a etimologia da palavra participação: “fazer parte de um grupo ou associação”, “tomar parte numa determinada atividade”, “ter parte num negócio” (BORDENAVE, 1994, p. 22). Ou seja, fazer, tomar e ter parte. Indica ainda que “a prova de fogo da participação não é o quanto se toma parte, mas como se toma parte” (idem, p. 23).

A participação, para esse autor, é entendida como uma necessidade humana universal, já que nenhum homem é uma ilha (BORDENAVE, 1994, p. 11) e, portanto, o que mobiliza as pessoas a participarem é a satisfação pessoal íntima de fazer parte de uma comunidade.

Mas quais são os objetivos da participação? Do ponto de vista de quem a favorece, pode se apresentar como sendo fator de libertação ou, então, como uma forma de manutenção de uma situação de controle. Para aqueles considerados progressistas, ela deve facilitar o crescimento da consciência crítica, ajudar a resolver problemas que não dependem apenas de uma só força, além de resolver conflitos de forma pacífica. Ela é importante em nível mais amplo, também para garantir certa dose de controle das autoridades por parte do povo, evitando a corrupção e a má utilização de recursos.

Nesse sentido, o autor acredita que o objetivo final da participação deveria ser a autogestão, isto é, “uma autonomia dos grupos populares organizados em relação ao poder do Estado e das classes dominantes” (idem, p. 20).

Conceitos importantes por ele apresentados para definir a participação da população são os de micro e macroparticipação. A microparticipação se dá a partir de grupos primários, como a família ou os grupos de amizade.

Segundo Bordenave (1994), a microparticipação seria uma aprendizagem para a macroparticipação, já que é possível, através dela, “desenvolver ‘mentalidades participativas’ pela prática constante e refletida da participação” (idem, p. 25).

A macroparticipação acontece quando o indivíduo intervém nos processos dinâmicos que constituem ou modificam a sociedade (BORDENAVE, 1994, p. 24). Para o autor, a sociedade participativa é “aquela em que todos os cidadãos têm parte na produção, gerência e usufruto dos bens da sociedade de maneira equitativa” (idem, p. 25).

A participação na escola, por exemplo, é considerada, pelo autor, como uma microparticipação, e se apresenta em dois sentidos: da comunidade na escola e da escola na comunidade. Diz ainda que, se houvesse maior grau de participação dos pais na escola, o currículo poderia ser discutido e adaptado às necessidades locais; os pais poderiam interferir no calendário, nos trabalhos práticos e nas pesquisas mais adequadas aos interesses do grupo; e, se houvesse maior participação da escola na comunidade, seria bom para reduzir a distância entre ela e, por exemplo,

o mundo do trabalho, aumentando a utilização de locais da comunidade como lugares de aprendizagens – como fábricas etc. (idem, p. 61).

Apresenta também alguns exemplos de participação que podem sinalizar modos diferentes e legítimos de participar, contribuindo assim para ampliar o leque de possibilidades de reflexão para quem estuda este fenômeno.

Um dos exemplos é a participação na família, quando são escolhidos, pelos seus membros, os rumos a serem tomados por todos; na comunidade, quando se resolvem problemas estruturais do bairro; no trabalho, quando os trabalhadores são consultados, pelos patrões, sobre formas de agir; e na luta política, quando as pessoas, ao fazerem determinadas escolhas, podem até substituir um certo paternalismo estatal por aquilo que o autor chama de participação responsável.

Bordenave (1994) apresenta ainda as diversas maneiras de participar, as ferramentas necessárias para a participação e o grau de controle dos membros sobre as decisões.

São várias as maneiras de participar. O primeiro tipo de participação é a *participação de fato* (Bordenave 1994, p. 27), aquela que se dá no seio da família, no culto religioso etc. O segundo tipo é o da *participação espontânea*, da qual fazem parte os grupos de vizinhos e ou de amigos; há a *participação imposta*, pela qual os indivíduos são obrigados a fazer parte de grupos e a realizar atividades indispensáveis (ex. a disciplina escolar e a militar); a *participação voluntária*, na qual o grupo é criado pelos próprios participantes, que definem sua organização e seus objetivos (idem, p. 28); a *participação provocada*, na qual agentes externos ajudam os outros a realizarem seus objetivos ou os manipulam para atingir os seus próprios. Esta modalidade também é chamada de participação dirigida ou manipulada (idem, p. 28); e há a *participação concedida*, aquela exercida pelo poder de influência dos subordinados, como, por exemplo, a participação nos lucros e o planejamento participativo que, segundo o autor, “encerra em si mesma um potencial de crescimento da consciência crítica, da capacidade de tomar decisões e de adquirir poder” (idem, p. 30).

Já as ferramentas necessárias para uma participação real seriam o *conhecimento da realidade*, considerado um problema de pesquisa, com uma

metodologia própria capaz de permitir aos membros de uma comunidade conhecerem a realidade e também a si mesmos (como ocorre na pesquisa participativa); a *organização das pessoas*: “A participação tende para a organização e a organização facilita e canaliza a participação” (BORDENAVE, 1994, p. 67); a *comunicação*: na qual são informados aos membros do grupo os problemas e quais são os canais de consulta, de reivindicações e diálogo para solucioná-los; e a *educação para a participação*.

O grau de controle dos membros sobre as decisões e o grau de importância das decisões de que se pode participar (idem, p. 33) são questões-chave para a participação.

O menor grau de participação é o de *informação*, pela qual os membros são informados sobre decisões já tomadas pelos dirigentes; na *consulta facultativa*, os mesmos podem consultar os membros se e quando quiserem; na *consulta obrigatória*, os subordinados devem ser consultados, embora a decisão seja dos dirigentes; um grau mais avançado é a *elaboração/recomendação*, pela qual os subordinados elaboram e recomendam medidas administrativas; a *cogestão*, pela qual a direção é compartilhada; a *delegação*, pela qual os dirigentes têm autonomia em certos campos ou jurisdição, e delegam autoridade e liberdade de decisão; o grau mais alto de participação é a *autogestão*, pela qual o grupo determina seus objetivos e desaparece a diferença entre administradores e administrados (BORDENAVE, 1994, p. 30-32).

Refletindo sobre como se educa para a participação, segundo o autor, a participação pode ser aprendida e aperfeiçoada pela prática da reflexão (idem, p. 72), na práxis, que mistura a prática, a técnica, a invenção e a teoria. O aprendiz de participação deve saber como evitar tentativas de manipulação; ela não é considerada um conteúdo, mas uma mentalidade e um comportamento. É uma vivência coletiva e não individual.

O autor propõe levar em consideração a importância das *decisões conjuntas*, as quais são apresentadas em níveis do mais alto para o mais baixo: no primeiro nível, há a *formulação conjunta da doutrina e política da instituição*; no segundo, é *conjunta a determinação de objetivos e o estabelecimento de estratégias*; no terceiro, acontece, conjuntamente, a *elaboração de planos, programas e projetos*; no

quarto, há a *alocação de recursos e administração de operações*; no quinto, a *execução das ações*; e no sexto, há apenas a *avaliação de resultados* (idem, p. 33-34). É importante saber que a democracia participativa promove a subida da população a níveis cada vez mais elevados de participação (idem, p. 34).

A partir das considerações do autor, podemos nos perguntar: se a participação é tão almejada e desejada pelas instituições e pela população, por que continua sendo um desafio para a maioria dos agentes envolvidos?

Bordenave (1994) apresenta uma contribuição importante para essa questão, ao tratar dos conflitos relacionados à participação. O primeiro é o *conflito social*, que apresenta a estrutura do poder como determinante do nível de participação. Para o autor, nas sociedades existe uma oposição entre sistema de solidariedade e sistema de interesse (idem, p. 41). Normalmente o Estado se alia ao sistema de interesse, no qual os membros se apoiam por fins utilitários numa solidariedade mecânica e não orgânica. Na nossa sociedade – regida pelo sistema de interesse e com uma marcada estratificação socioeconômica, a participação será uma guerra a ser travada para vencer a resistência dos detentores de privilégio (idem, p. 42).

Outros conflitos mais específicos podem surgir devido ao *ambiente interno do grupo*, por não apresentar um consenso ideológico capaz de garantir que seus membros aceitem valores e crenças fundamentais da organização; a *estrutura da organização* também pode interferir negativamente, uma vez que, quanto maior e mais complexa, mais difícil a participação. A *distribuição de funções* também é uma questão conflitante, pois, quanto mais flexível e descentralizada for a liderança, maior a participação. É importante também que haja uma *flexibilidade de programação*, capaz de garantir o replanejamento de ações programadas pelo grupo.

Já em nível de sociedade global, o que impede e atrapalha a participação pode ser a *contradição entre a igualdade na esfera pública e desigualdade na esfera privada*, a divisão entre o setor social e o setor civil. Para avançar nesse ponto, é importante entender a democracia como participação e não apenas como representação (BORDENAVE, 1994, p. 54).

Outro ponto a ser destacado nas ideias do autor é o que leva as pessoas a não participarem. Para não cair no erro de atribuir à própria população o ônus da não participação, o autor apresenta dois conceitos fundamentais: o da *marginalidade*, que significa ficar de fora de algumas coisas, às margens de um processo, e o da *marginalização*, como sendo um processo provocado pela sociedade.

O erro de se atribuir à população a sua marginalidade está no fato da participação ser entendida, muitas vezes, apenas como falta de participação voluntária no consumo dos bens materiais e culturais da sociedade (BORDENAVE, 1994, p. 18). Porém, esses bens materiais e culturais estão repartidos, de antemão, de maneira desigual. Desta forma, é incorreto atribuir aos próprios setores marginalizados a sua condição de não participação (idem, p. 19).

Por ser considerada autoprovocada, esta visão leva a “estratégias integradoras – que visam a incorporação dos setores populares à vida nacional, adaptando-os e integrando-os às condições exigidas pela modernização da sociedade” (idem, p. 19). Este seria então, segundo o autor, o preço da participação, entendida como uma inclusão num modelo pré-estabelecido.

Diz o autor que não há marginalidade e sim marginalização. Nesse novo enfoque, a participação deve ter um caráter de processo coletivo e transformador, não apenas do consumismo, visto na visão da marginalidade. Seriam, então, os sujeitos, não meros “convidados de pedra”, e sim, conquistadores de uma “presença ativa e decisória” (BORDENAVE, 1994, p. 20) em todos os processos sociais. Em suma, esta postura propõe que se mude a forma de perceber a participação popular, passando de um caráter integrador para um caráter conscientizador e libertador.

O autor também apresenta fatores que condicionam, ou não, a participação da população: as *qualidades pessoais* dos membros dos grupos, ou seja, se há pessoas autoritárias ou submissas; a *natureza do problema* e se sua solução interessa ou não a todos; a *filosofia do grupo* também pode interferir no alcance da participação permitida; e a *estrutura social* apresentada, uma vez que se participa mais quando se está entre iguais.

Como forças atuantes na dinâmica participativa, o autor traz a informação de que o homem não nasce sabendo participar, e apresenta a contribuição da psicologia social, com algumas reflexões, como, por exemplo, sobre a importância de se considerar a força das instituições sociais, já que o homem é um ser institucionalizado, e os dogmas são canalizados pela tradição e cultura (BORDENAVE, 1994, p. 48).

Bordenave (1994) afirma que se devem levar em consideração as diferenças individuais na forma de participar. Essas diferenças são importantes para a dinâmica do grupo, mas exigem uma coordenação e complementação maiores, função de todo o grupo e de suas lideranças. O estilo da liderança também define outro ponto importante, que é a atmosfera geral do grupo. Quando o grupo se conhece bem, há mais participação, ele se mantém informado sobre o que acontece e são criados mecanismos de realimentação para os membros reconhecerem as consequências de seus atos e o resultado das ações coletivas.

### 1.2.2 Educação

Paulo Freire apresenta uma vasta obra sobre Educação que é reconhecida principalmente pela sua *ousadia epistemológica*, pelo seu *engajamento político*, por um *pensar esperançoso* e, principalmente, por apresentar a libertação como força impulsionadora da sua pedagogia (STRECK; REDINE; ZITKOSKI, 2010).

Iniciaremos nossa reflexão sobre as ideias de Paulo Freire, que colaboram para a compreensão do objeto de estudo do presente trabalho, falando sobre sua visão de homem.

Para Freire, não é possível fazer nenhuma reflexão sobre Educação, sem refletir sobre o próprio homem. Freire encontra, na própria natureza humana, o núcleo fundamental que sustenta o processo educativo: é a consciência do ser humano como um ser inacabado, numa busca constante de sua completude através da reflexão sobre si mesmo. Neste processo, o homem é visto como sujeito e não objeto, reconhece que é uma busca pessoal, mas não individual, a busca por '*ser mais*' (FREIRE, 1999).

É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornam educáveis na medida em que se reconhecem inacabados. Não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou a sua educabilidade. (FREIRE, 2000, p. 64)

Na sua reflexão sobre o processo educativo, o autor apresenta duas formas de entender as práticas educativas: a educação bancária, que torna as pessoas menos humanas; e a educação libertadora, que torna as pessoas mais conscientes, mais livres e humanas (STRECK; REDINE; ZITKOSKI, 2010).

Na visão bancária de educação, “o saber é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber” (FREIRE, 2005/1968, p. 67). Ela é um ato de “depositar, transferir, de transmitir valores e conhecimentos” (idem, p. 67). Esta concepção, portanto, remete à ideia de reprodução de conhecimentos adquiridos através da transmissão, em contraposição ao que se indica como adequado atualmente, ou seja, a produção de conhecimento como construção e elaboração. A educação bancária provoca, então, a manutenção e não a libertação dos indivíduos, relacionadas atualmente às abordagens de ensino mais tradicionais.

Através da educação bancária, se consegue a domesticação (FREIRE, 2005/1968) um processo que cria uma consciência passiva de submissão dentro do processo educativo.

Já a educação libertadora “implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo...” (FREIRE, 2005/1968, p. 81). É, portanto, aquela que, através da sua prática, propõe-se a, como seu próprio nome diz, libertar o homem da sua condição de oprimido, através de práticas educativas problematizadoras, que procuram a inserção crítica do sujeito na realidade.

Como ferramentas importantes para alcançar os objetivos de uma educação libertadora, apresentaremos a seguir o que o autor define como diálogo e participação.

O diálogo, segundo sua própria definição, é “este encontro dos homens, mediados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2005/1968, p. 78-79).

Partindo dessa premissa, o diálogo permite compreender a relação entre as pessoas como um encontro, do qual façam parte o agir e o refletir e não simplesmente o ato de depositar ideias de um sujeito no outro (FREIRE, 2005/1968).

Ser dialógico é não invadir, é não manipular, é não sloganizar. Ser dialógico é empenhar-se na transformação constante. (FREIRE, 1977, p. 43)

A educação dialógica é considerada não autoritária, que impulsiona o pensar crítico-problematizador e “busca a superação da situação opressora com a instauração de uma sociedade de homens em processo de permanente libertação” (Idem, p. 134).

Esta prática, fundada no “amor, na humildade, na fé nos homens” (FREIRE, 2005/1968, p. 94) estabelece entre os envolvidos, uma relação horizontal, capaz de proporcionar uma reflexão sobre a vida em sociedade, discutir sobre nossa educação, cultura etc... e abre a possibilidade de agirmos de outro modo e de transformar a nossa realidade.

A outra ferramenta, a participação, está atrelada ao fato de Freire ser um grande defensor da *escola pública popular*, vendo na participação um dos eixos fundamentais capazes de garantir que a escola realmente atue desta forma.

Para Freire (2001), a qualidade de uma escola deve ser medida não apenas pelos conteúdos que transmite, mas pela possibilidade que “todos os usuários da escola, pais e comunidade – tiverem de utilizá-la como um espaço para a elaboração de sua cultura” (p. 16).

Freire acredita que a luta por uma escola democrática implica um processo de progressiva abertura e inserção comunitária. Adepto da democracia participativa, indica como deveria ser esta participação:

a participação não pode ser reduzida a uma pura colaboração que setores populacionais devessem ou pudessem dar à administração pública... implica, por parte das classes populares, em estar presente na História e não simplesmente nela representada; Implica a participação política das classes populares através de suas representações ao nível das opções, das decisões e não só do fazer o já programado. (FREIRE, 2001, p. 75)

Para Lima (2009), a participação de que Freire fala é uma “participação no processo de decisão, um ato de ingerência, e não a atitude do espectador que se limita a assistir ou, de mais ou menos longe, a contemplar” (p. 33).

Freire reconhece que a democratização da escola demanda mudanças profundas nesta instituição, como, por exemplo, a formação permanente de professores, a reformulação de currículo. Também faz um alerta para que sejam ouvidos todos os que atuam internamente e no seu entorno: pais, comunidade e funcionários, através de associação de pais e conselhos da escola (FREIRE, 2001, p. 35-53).

Mas, o que escutar das famílias? Propõe que elas digam como veem a escola, o que esperam dela e que avaliem o que e como se ensina (idem, p. 43). O autor sabe que a população tem expectativas em relação à escola e que precisamos conhecê-las e considerá-las para que sejam feitas mudanças significativas na sua forma de atuar, para que possa ser cada vez mais popular e democrática.

Uma das formas de ouvir as famílias, apontada em seus trabalhos e de suma importância, são os conselhos deliberativos<sup>1</sup>, que são atuantes e participam efetivamente das decisões e realizações da escola (FREIRE, 2001, p. 84).

Acreditamos na importância das famílias participarem na escola, de uma forma coerente e sintonizada com o pensamento freireano. Paulo Freire não pode ser considerado apenas um intelectual acadêmico, mas sua teoria e sua práxis são carregadas de um sentido existencial profundo. Conceito como o de humanização serve para ilustrar a sua proposta de mudança, considerado um tema gerador da sua teoria (FREIRE, 1999) e serve também para refletir sobre qual seria, para nós, o sentido da participação das famílias na vida escolar.

A humanização do homem, para Freire, é condição para que os seres humanos sejam “capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de significantes testemunhos

---

<sup>1</sup> É um órgão colegiado, constituído por representantes de todos os segmentos da comunidade escolar (pais, alunos, professores e diretor/a), que toma decisões sobre as dimensões administrativa, financeira e político-pedagógicas da escola. É uma forma de gestão na qual a direção é compartilhada por um conjunto de pessoas com igual autoridade ([www.sed.sc.gov.br/.../doc.../2093-folder-conselho-deliberativo-escol](http://www.sed.sc.gov.br/.../doc.../2093-folder-conselho-deliberativo-escol)).

[...] (FREIRE, 2000, p. 51-52) e, desta forma participativa, vê-se a possibilidade de reconstrução da sociedade, reconstrução esta, defendida pelo autor, ao longo do seu legado (STRECK; REDINE; ZITKOSKI, 2010).

Como dito anteriormente, para Freire, o que define e identifica o homem é seu inacabamento, a sua inconclusão e, diferentemente de outros seres, o homem se reconhece inconcluso e inacabado. A partir da reflexão sobre suas ações, o homem as ordena e as avalia, busca eficiência para atingir seus objetivos. Como diz o próprio autor:

O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser de busca constante de ser mais e, como pode fazer esta auto-reflexão, pode descobrir-se como ser inacabado, que está em constante busca. (FREIRE, 1999, p. 14)

Destaca a relevância das relações, ao afirmar que: “mais ainda a inconclusão que se reconhece a si mesma implica necessariamente a inclusão do sujeito inacabado num permanente processo social de busca” (STRECK; REDINE; ZITKOSKI, 2010, p. 209).

Essa busca, portanto, apesar de objetivar a lapidação da identidade particular de cada ser humano (idem, p. 209), não pode ser feita sozinha, só se dá em comunhão com os demais seres humanos nas práticas de ação e reflexão, atribuindo sentido a essas ações e configurando a sua existência no mundo.

Portanto, a necessidade de se relacionar com os outros é condição humanizadora dos homens. O desafio da humanização é, portanto, o homem compartilhar os seus bens com seus semelhantes.

Os bens materiais, que garantem a existência física; os bens políticos que possibilitam a participação de todos na vida social e os bens simbólicos e culturais que garantem a tomada de consciência de si e do mundo e o acesso à uma existência digna. (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2010, p. 209-210)

Configura-se, a partir desta teoria, uma nova forma de perceber e de abrir espaço para a participação da família na escola: uma possibilidade de humanização de todos os envolvidos no processo educativo, a partir de uma prática reflexiva, de solidariedade, comunhão e política.

Em síntese, estes são os princípios da teoria de Paulo Freire que, juntamente com as considerações de Bordenave, permitem traçar uma análise para a participação da família na escola, objeto deste estudo.

### **1.3 Escola, família e participação**

Será apresentada, a seguir, uma síntese de pesquisas sobre família, escola e participação, organizada da seguinte forma: *avaliação participativa da e na escola*, na qual as famílias são chamadas a participar, com o objetivo de avaliar o serviço que a escola oferece a seus filhos; outras se propõem a analisar *modos institucionais de participação*, que se traduzem, principalmente, pela participação da família nos conselhos de escola; estudos referindo-se à *participação da família contribuindo para o desempenho escolar do aluno*.

#### *1.3.1 Avaliação participativa da e na escola*

Os estudos abaixo apresentam experiências nas quais as famílias são convidadas a avaliar o desempenho da escola.

Sordi (2011) descreve uma experiência de “regulação da qualidade de ensino em escolas municipais ancorada nos princípios da participação e negociação com os atores locais organizados em Comissões Próprias de Avaliação (CPAs)” (idem, p. 1). Apresenta o resultado de uma investigação qualitativa com o propósito de inaugurar uma “forma de regulação mediada pela negociação entre os atores envolvidos no processo de qualificação da escola” (idem, p. 3).

O estudo busca ainda caracterizar as formas de organização das comissões; identificar fatores que potencializam e ou constroem o envolvimento dos atores sociais envolvidos no processo e refletir sobre a eventual interferência das CPAs na participação em processos de avaliação pretensamente democráticos.

A autora faz, inicialmente, uma crítica à avaliação da escola ancorada apenas nos resultados obtidos pelos alunos nas provas oficiais, que medem o seu desempenho escolar. Vê na avaliação institucional participativa um:

elo estratégico para recomposição da conectividade entre os dados sistêmicos oferecidos às redes de ensino e que informam algo sobre a qualidade do trabalho escolar desenvolvido e a avaliação dos alunos. (SORDI, 2011, p. 1)

Uma vez que essa avaliação devolve “a titularidade aos atores locais para pronunciar-se sobre a concepção de qualidade de escola pública que querem firmar” (idem, p. 1), afirma que “lutar por melhores índices de desempenho dos alunos/escolas reclama por maior clareza das variáveis que afetam esta equação para evitar determinados vieses de interpretação” (idem, p. 2).

A autora sinaliza ainda que:

construir uma cultura de responsabilização multilateral pelo êxito do Projeto Pedagógico da escola gera condições para que os atores sociais implicados no processo de qualificação aprendam a guiar-se por um pacto de qualidade negociada, no qual problemas e metas da escola são assumidos de modo plural e geram demandas amplas submetidas ao controle social da comunidade. (SORDI, 2011, p. 3)

Com essa proposta, não trata apenas do êxito ou fracasso das estudantes, mas olha para os êxitos e fracassos da escola na promoção da aprendizagem dos alunos.

A pesquisa apresenta alguns pontos que merecem destaque, a partir da ótica de participação familiar: o primeiro é que, na análise dos relatórios das referidas comissões, encaminhados pela escola, a lista de presença sempre apresenta o segmento família como estando em menor proporção. Nos relatórios, há muita irregularidade de presença dos segmentos (professores, alunos, gestores), bem como a ausência de famílias em vários deles.

Nas conclusões, a autora afirma que a participação desejada é a que permita a todos participarem em todos os momentos, pronunciando suas concepções de mundo e de expectativas quanto à qualidade, negociando perspectivas e produzindo novos sentidos, e que a proposta das comissões vem incidindo positivamente, principalmente ao fortalecer a gestão democrática, mas ainda apresenta dificuldades de adesão.

Outra pesquisa (MACHADO, 2010) aborda a avaliação participativa, tratando-a como uma importante dimensão do trabalho pedagógico efetivado em escolas, mas focando especificamente nas escolas do campo. Apresenta como objetivo analisar em que medida a crítica e autocrítica, como proposta de avaliação participativa, se traduzem no cotidiano dessas escolas.

A autora vê na avaliação crítica e autocrítica da escola, “uma experiência relevante no sentido da afirmação de uma proposta de avaliação participativa e emancipatória” (MACHADO, 2010, p. 63), que compreende estudantes e educadores como sujeitos do processo ensino e aprendizagem. Diz ela que:

Essa forma de avaliação parte do pressuposto que todos os sujeitos que atuam na escola têm uma parcela de responsabilidade com o seu funcionamento e com a qualidade dos trabalhos ali desenvolvidos. Portanto, todos podem e devem ser avaliados e avaliar o outro para que haja mudança de postura e crescimento, tanto no aspecto individual, quanto coletivo. (MACHADO, 2010, p. 63)

Percebe que este não é um processo simples, já que pressupõe a disposição das pessoas em abrir-se às críticas, refletir sobre suas próprias ações e reelaborá-las para atender às demandas vindas como resultado da avaliação.

Machado (2010) aponta para a importância do conceito de participação ser ampliado para além dos termos das relações entre professor-aluno, aluno-aluno e escola-comunidade e, citando Paro (1995), afirma que a escola deve questionar até que ponto promove as condições de participação dos pais e da comunidade em geral, ou até que ponto justifica essa não participação sob o discurso de que os pais são desinteressados. Machado (2010) define participação como:

comprometimento com determinada questão de interesse coletivo, implicando cooperação, envolvimento e responsabilização dos sujeitos para com o trabalho pedagógico, com a discussão e encaminhamentos de soluções para os problemas que nele se apresentam. (MACHADO, 2010, p. 61)

Ressalta que a participação de crianças, jovens, professores e pais não pode se limitar ao espaço dos conselhos, comissões e representação de turma. Conclui que participação não é “simplesmente questão de técnica, senão de postura, de princípios e valores”, que exige “rigor científico/acadêmico e disciplina, entendida como a necessária organização e auto-organização para o trabalho pedagógico” (idem, p. 65-66).

### 1.3.2 *Modo institucional de participação*

Os trabalhos apresentados a seguir são pesquisas sobre participação nos moldes que denominamos “institucionais”, uma vez que representam situações nas quais a participação das famílias está prevista em regimento escolar, como é o caso dos conselhos de escola e das reuniões de pais.

Chazanas (2011) propõe-se a acompanhar as formas pelas quais as famílias participam na escola, analisando suas percepções e expectativas em relação à participação.

A autora define três eixos principais como categorias de análise dos dados. São eles: *razões da participação*, pelas quais se busca compreender o sentido da participação para as famílias pesquisadas; *estratégias e formas* de como a participação ocorre, eixo no qual são discutidas as formas de relacionamento com as escolas; e as *percepções das famílias sobre a escola*, pelas quais se percebem dois movimentos diferenciados: o da *escola como aliada* e da escola como um *espaço fechado*.

O estudo informa inicialmente que, quando as famílias são convidadas a falar sobre participação, o interesse levantado pela maioria dos entrevistados é sobre o processo de aprendizagem dos estudantes. Alegam que sua presença na escola tem como principal objetivo “conhecer a estrutura da escola para poder acompanhar a educação dos filhos, ou para poder estimulá-los nos estudos” (MACHADO, 2010, p. 83), justificando que é “a partir dessa motivação que buscam se inteirar dos problemas enfrentados pela escola, com o objetivo de torná-la um local mais propício para o estudo” (idem, p. 83).

Segundo a autora, há um forte predomínio, por parte das famílias, da preocupação em relação à estrutura física da escola. Já em relação à organização pedagógica, as famílias entendem que este seria um tema reservado aos docentes, cabendo a elas, apenas, ajudar a organizar e ministrar aulas, caso o professor falte.

Nesse trabalho, as formas de participação analisadas são as institucionais e referem-se principalmente às reuniões de pais e aos conselhos de escola. Esse estudo alerta para que um dos significados mais frequentes da escola em relação à participação das famílias é quando, por algum motivo, a família não consegue cumprir com suas atribuições.

Algumas famílias pesquisadas por Machado (2010) entendem a escola como um lugar difícil de adentrar, apesar do reconhecimento de que há um esforço da gestão em facilitar esse processo. As famílias sentem-se constrangidas em reuniões de pais, nas quais veem expostos e julgados seus problemas enfrentados em casa, o que contribui para inibi-las dentro do espaço escolar. Um amplo conhecimento do funcionamento estrutural da escola também coloca tanto gestores como docentes numa posição de superioridade. A autora conclui que, para aceitar a entrada das famílias na escola, é necessário abrir mão dessa posição e compartilhar o poder.

Como alguns condicionantes das dificuldades que as famílias enfrentam para a participação, Machado (2010) indica os fatores econômicos e sociais, como, por exemplo, horário de trabalho inflexível; o nível socioeconômico apresentado pelas famílias; e o seu capital cultural.

Outra forma institucional de participação familiar são as reuniões de pais. Silva-Spadini (2008), citando Magalhães e Tancredi (2002), informa que são elas um momento de comunicação entre escola e família, para entregar os resultados obtidos pelos alunos (notas) e informes gerais de interesse das escolas. Indica também que os pais veem expostas suas dificuldades em lidar com os filhos e se retraem ou então deixam de comparecer. Ainda nesse trabalho, Silva-Spadini apresenta o resultado de uma proposta de maior articulação entre família e escola, a partir de encontros reflexivos com as educadoras: a elaboração de uma reunião de pais mais acolhedora e feita com o principal objetivo de informar aos pais os avanços dos alunos e não o seu fracasso, além de apresentar indicativos de como os pais podem ajudar os filhos, incentivando e estimulando sua aprendizagem.

Outro material que trata do assunto reunião de pais, de forma mais didática, é o livro “Reunião de pais: sofrimento ou prazer” (BEATE et al., 1996). Elaborado por profissionais da educação de escolas de elite da cidade de São Paulo, propõe algumas reflexões que, a título de informação, merecem ser apresentadas.

O livro traz um roteiro para organização de reuniões, compartilhando pontos de vista entre seus diversos autores e apresenta formas de resolver os problemas apresentados nas escolas e que demandam uma ação da mesma em direção às famílias. Como fio condutor da proposta de sua elaboração, as autoras baseiam-se em Piaget, e adotam uma abordagem construtivista.

As autoras apresentam a reunião de pais como uma das ramificações do projeto pedagógico, justificando a importância de se pensar bem sobre as mesmas, indicando que sua elaboração e execução é de responsabilidade do próprio professor e não na equipe gestora (BEATE et al., 1996, p. 22).

O livro apresenta como objetivo o compromisso de capacitar o professor para refletir sobre um novo caminho em torno da reunião de pais (BEATE et al., 1996, p. 23) e, em sua estrutura, traz um roteiro a ser seguido: iniciando com a caracterização do grupo de pais; indica como motivar os pais, apresentando como aspectos fundamentais que a reunião deve estar relacionada com o contexto de vida dos participantes e que o tema tem que satisfazer as suas expectativas (idem, p. 44).

Informa ainda como o professor deve pensar no tema, sendo o mesmo transformado em objetivo do encontro, considerado este o aspecto mais importante no preparo de uma reunião (BEATE et al., 1996, p. 49). Indica como se estruturam os conteúdos do encontro (idem, p. 57); apresenta passos de como se desenvolve uma reunião (idem, p. 59); de como se planeja o desenvolvimento de uma reunião (idem, p. 65). Numa segunda parte do livro, traz, para os professores, sugestões de temas e algumas propostas de reuniões já preparadas.

### *1.3.3 Participação da família, contribuindo no desempenho escolar*

Tratando mais especificamente de modos de participação familiar que contribuem no desempenho da vida escolar dos filhos, Marturano (2006) apresenta, em seu artigo, a descrição do RAF – Inventário de Recursos do Ambiente Familiar, entendidos como ações da família que colaboram para o aprendizado acadêmico dos filhos nas escolas. Esse inventário é apresentado em três domínios: *recursos*

*que promovem processos proximais; atividades que sinalizam estabilidade na vida familiar e práticas parentais que promovem a ligação família-escola.*

O instrumento é considerado pela autora consistente e adequado enquanto indicador de desempenho escolar e ajustamento do aluno na escola. Para justificar esta posição, apresenta resultados de outras pesquisas que se utilizam do RAF e suas correlações entre desempenho acadêmico dos alunos e ambiente familiar.

A autora inicia suas reflexões afirmando que os pais e a família têm um papel importante na aprendizagem escolar das crianças e apresenta um apanhado histórico, indicando a década de 1960 como um marco no qual os estudos passaram a investigar a influência de processos da vida familiar sobre o desempenho das crianças na escola.

Apresenta, como resultado de algumas pesquisas que se utilizam do RAF, que:

os pais e a família podem direcionar positivamente o aprendizado escolar, a motivação da criança para os estudos e o desenvolvimento de competências interpessoais que garantem um bom relacionamento com professores e colegas. (MARTURANO, 2006, p. 498)

Esse direcionamento se dá nos diferentes níveis de ensino: educação infantil, no ensino fundamental e médio e até na universidade, além de afirmar que o “envolvimento direto dos pais com a vida escolar dos filhos parece ser um preditor significativo de progresso acadêmico, desde a meninice até o final da adolescência” (idem, p. 498).

O Inventário de Recursos do Ambiente Familiar foi construído sobre três pilares – uma concepção ecológica do desenvolvimento, um levantamento de evidências de pesquisa relacionando o desempenho acadêmico aos recursos disponíveis no contexto familiar e uma ampla sondagem junto a famílias de crianças com queixa escolar, seja diretamente, seja através da consulta a relatos de entrevistas.

A autora alerta, também, para o fato de que ainda faltam instrumentos com a finalidade específica de identificar, no âmbito da família, recursos promotores de desempenho escolar.

A pesquisa de D'Avila-Bacarji, Marturano e Elias (2005), intitulada "Recursos e adversidades no ambiente familiar de crianças com desempenho escolar pobre", apresenta como seu instrumento o uso do RAF, exposto acima, e tem como objetivo:

investigar recursos promotores de desenvolvimento e circunstâncias de vida adversas no ambiente familiar de crianças encaminhadas para atendimento psicológico em razão do baixo desempenho escolar, em comparação com dois grupos de crianças não encaminhadas, um com desempenho escolar pobre e outro com bom desempenho. (D'AVILA-BACARJI; MARTURANO; ELIAS, 2005, p. 43)

Em seus resultados, as autoras concluem que as crianças encaminhadas ao atendimento mostraram mais problemas de comportamento, e seu ambiente familiar menos recursos promotores do desenvolvimento. Além disso, há indícios de maior dificuldade de seus pais em lidar com elas.

Outro trabalho que merece consideração é uma pesquisa em andamento, na área da saúde, que apresenta como objetivo "configurar e problematizar as relações no território equipe-família, evidenciando o que dificulta uma efetiva participação da família ao tratamento das crianças" (ROMAGNOLI et al., 2005, p. 1) que são atendidas num centro psicopedagógico da Prefeitura de Nova Lima, Minas Gerais. A grande questão apresentada pelas autoras refere-se a uma questão presente também em estudos da área de educação, e diz respeito a relatos de dificuldades em conseguir uma parceria efetiva com as famílias das crianças e adolescentes.

Com esta pesquisa ainda em andamento, as autoras pretendem dar conta da complexidade que atravessa a relação da equipe com a família, além de construir alternativas de trabalho com o grupo. Acreditam que é necessário não só a produção de conhecimento sobre o tema, mas "a construção de novos dispositivos que intervenham nessa situação e contribuam para formação de profissionais que consigam sustentar essa heterogeneidade" (ROMAGNOLI et al., 2005, p. 8).

Diogo (2010), da Universidade de Açores, apresenta um trabalho que tem por objetivo questionar o fundamento de alguns mitos e críticas que envolvem a ideia de que o envolvimento dos pais constitui um fator de sucesso escolar.

Para a autora, esta ideia parece "constituir um consenso social" (Diogo, 2010 p. 71). Apresenta uma crítica relativa à relação que os pais estabelecem com a

escola: “os pais não se envolvem suficientemente na escolaridade dos filhos e que esta demissão parental está na origem de problemas” (idem, p. 73).

Para desenvolver o tema, a autora se utiliza de quatro subtemas: no primeiro, a crítica ao funcionamento das famílias e o processo de modernização a que estas têm estado sujeitas; no segundo, crítica a demissão dos pais no acompanhamento da escolaridade e a evolução em nível de investimento das famílias na escola; em terceiro lugar, a persistência de desigualdades na relação das famílias com a escola; e, por fim, o impacto do envolvimento dos pais no sucesso escolar dos filhos (DIOGO, 2010, p. 71).

Apresentarei, resumidamente, apenas as discussões feitas no último subitem, uma vez que o mesmo está inserido na problemática apresentada neste capítulo.

A autora inicia questionando: em que medida a crença de que o envolvimento parental conduz a um maior sucesso escolar dos filhos é um mito ou corresponde a uma evidência? Apresenta três tipos de respostas encontradas a partir da investigação realizada na pesquisa.

Primeiramente, Diogo diz que o envolvimento parental surge associado ao sucesso escolar, mas em função da classe social. Há, segundo a autora, um conjunto de trabalhos que concluem serem as famílias de classe social mais elevada aquelas que se envolvem mais na escolaridade dos filhos, e estes, conseqüentemente, conseguem obter maior sucesso escolar (DIOGO, 2010, p. 86).

Em segundo lugar, Diogo aponta para outros estudos, evidenciando o fato de que os pais que se envolvem mais na escolaridade dos filhos, independentemente de seus recursos materiais, acarretam um maior sucesso dos filhos na escola. A autora destaca ainda o papel desempenhado pela escola no envolvimento dos pais como sendo um dos fatores positivos que contribuem para melhorar este desempenho escolar.

Em terceiro lugar, a autora afirma que, numa perspectiva mais crítica, alguns autores alertam que não se pode dizer que o envolvimento dos pais está na origem do sucesso e se inter-influenciam mutuamente, destacando que a questão não pode ser tratada como uma relação de causa e efeito (DIOGO, 2010, p. 90). Há ainda,

dentro dessa visão de participação, trabalhos que encontram efeitos contraproducentes no envolvimento parental, alegando que o mesmo pode ser gerador de tensão entre pais e filhos, acarretando efeitos negativos e gerando angústia, principalmente em estudos nos quais são analisadas práticas como apoiar o trabalho de casa; pagar a professores particulares; explicações sobre as lições; mandar recitar lições e punir resultados. Outra consequência negativa apresentada pela autora está relacionada à expectativa dos professores em relação aos pais que se envolvem menos na escolaridade dos filhos, como causa do fracasso.

Diogo (2010) apresenta também um dado interessante ao alegar que, na medida em que há uma ênfase social pela participação dos pais na escola, as classes que obtêm maior sucesso no atendimento desta demanda são as classes média e alta, indicando aí o início de uma nova desigualdade entre os grupos sociais.

As experiências apresentadas nas pesquisas relatadas acima nos remetem a reflexões importantes sobre o tema escola, família e participação, uma vez que indicam, a partir dos itens levantados, experiências nas quais as famílias são convidadas a avaliar o desempenho da escola, identificam fatores que potencializam e/ou constroem a participação e indicam a ocorrência de uma cultura de responsabilização multilateral pelos aspectos da vida escolar.

Apresentam também que as famílias entendem a escola como um lugar difícil de adentrar, que se sentem constrangidas em reuniões de pais, apesar de alguns autores se preocuparem, inclusive, em elaborar um roteiro para organizar essas reuniões. Ressaltam o fato de que, para aceitar a entrada das famílias na escola, é necessário compartilhar o poder.

Em relação ao desempenho do filho, indicam instrumentos com a finalidade específica de identificar, no âmbito da família, recursos promotores de desempenho escolar, alegando que os pais e a família podem direcionar positivamente o aprendizado escolar, outras alegando que este envolvimento pode ser gerador de tensão entre pais e filhos, acarretando efeitos negativos e gerando angústia, principalmente em relação aos estudos.

São estas informações importantes que contribuem para justificar a proposta da presente pesquisa, que traz novos elementos capazes de descrever a participação da família na escola.

A seguir, apresentaremos a trajetória metodológica escolhida para que se responda às inquietações apresentadas neste trabalho.

## 2. MÉTODO

### 2.1 Estudo de caso

Para atender ao objetivo deste projeto, que é o de compreender como é considerada por gestores, professores, famílias e alunos a participação familiar na vida escolar dos filhos de uma unidade escolar, adotamos como método o estudo de caso de tipo etnográfico.

O estudo de caso é uma modalidade de pesquisa qualitativa, entendido como uma forma particular de estudo, na qual há uma exploração dos dados em termos de suas relações com o contexto em que foram produzidos (ANDRÉ, 2008, p. 14 e 16).

André (2008), citando Merriam (1988), apresenta quatro características do estudo de caso qualitativo que convergem para atingir ao objetivo da presente pesquisa: *particularidade*, ou seja, o estudo de um fenômeno particular; a *descrição* literal e completa da situação investigada; a *heurística*, que favorece a compreensão do leitor sobre o fenômeno investigado e a *indução*, na descoberta de novas relações, conceitos e compreensões (ANDRÉ, 2008, p. 17-18).

Este será, então, um “estudo em profundidade de um fenômeno educacional, com ênfase na sua singularidade e levando em conta os princípios e métodos da etnografia” (ANDRÉ, 2008, p. 19, 24 e 25), entendendo a etnografia como uma perspectiva de pesquisa tradicionalmente usada pelos antropólogos para estudar a cultura de um grupo social. Outro aspecto que justifica a opção por esta modalidade de pesquisa para estudar o fenômeno da participação da família na vida escolar dos alunos de uma unidade escolar é o de que este método, segundo André (2008), deve ser usado quando: há interesse em conhecer uma instância em particular; pretende-se compreender profundamente essa instância particular e sua complexidade e totalidade e busca-se retratar o dinamismo de uma situação numa forma muito próxima do seu acontecer natural (idem, p. 31).

Em relação aos resultados da pesquisa, o que importa é o conhecimento derivado do caso, ou melhor, o que se aprende ao estudar o caso (ANDRÉ, 2008, p. 16). André (2008), citando Stake (1994), afirma que esse conhecimento gerado é

mais concreto, mais contextualizado, mais voltado para a interpretação do leitor e baseado por populações de referência determinadas pelo leitor (ANDRÉ, 2008, p. 17).

## **2.2 Objetivo geral**

O objetivo geral desta pesquisa é compreender como é considerada a participação familiar na vida escolar dos filhos, do ponto de vista dos gestores de escola, dos professores, das famílias e dos alunos de uma unidade escolar.

## **2.3 Objetivos específicos**

1. Descrever as ações de participação da família na vida escolar dos filhos, relatadas pelas famílias, gestores, professores e alunos.
2. Investigar as expectativas dos atores envolvidos quanto à participação das famílias: no que a participação da família ajuda na vida escolar das crianças.

## **2.4 Procedimento para coleta de dados**

Utilizaremos, como procedimento para coleta de dados, a observação e a entrevista reflexiva.

### **2.4.1 Observação**

Para Ludke e André (1986), a observação ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional, pois é utilizada como um dos principais métodos de investigação capaz de possibilitar um contato pessoal e estreito entre o pesquisador e o fenômeno pesquisado (p. 26).

As autoras indicam que a observação, para ser considerada como um método científico, necessita ser controlada, sistemática, planejada e preparada rigorosamente pelo pesquisador. Entendem por planejamento determinar com antecedência “o que” e “o como” observar (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 25).

Para as autoras, a primeira tarefa da observação é delimitar o objeto de estudo, definindo, assim, o foco da investigação e sua configuração espaço-temporal; é necessário também decidir sobre o grau de participação do observador; ter preparo material, físico, intelectual e psicológico, além de saber fazer registros descritivos; é necessário um treinamento dos sentidos para centrar nos aspectos relevantes (idem, p. 25-26).

Entre as vantagens deste procedimento, as autoras indicam que a experiência direta é considerada o melhor teste para a verificação da ocorrência de um determinado fenômeno; que o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais para auxiliar no processo de sua compreensão; que permite ao observador chegar perto da *perspectiva do sujeito*; que essa técnica é útil para descobrir aspectos novos de um problema, além do fato de que a observação permite a coleta de dados em situação na qual é impossível outra forma de comunicação (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 26).

#### 2.4.2 Entrevista reflexiva

A entrevista reflexiva proposta por Szymanski (2004) se apresenta como alternativa para se trabalhar com temas mais complexos e subjetivos, os quais instrumentos mais fechados e num formato padronizado não dariam conta de resolver. Lomar (2007) explica:

Esta modalidade reflexiva de entrevista consiste em um conjunto de procedimentos formulado para atender às condições que permeiam o estudo de fenômenos humanos e que são explicitados na própria situação de entrevista. (p. 40)

Na sua constituição, é levada em conta a *presença de uma intencionalidade* do entrevistador e do entrevistado.

Esta modalidade de entrevista é coerente com a postura dialógica, usada como referencial nesta pesquisa. Princípios como o de horizontalidade nas relações entre entrevistador e entrevistado, compreendendo o entrevistado como parceiro das descobertas do entrevistador, e também o caráter de intervenção, proporcionam aos participantes momentos de reflexão – esta sendo compreendida como possibilidade de transformação.

Os passos que se apresentam nesta proposta são: preparação, contato inicial, aquecimento, questão desencadeadora, questões para refinamento (capazes de confirmar a compreensão do pesquisador) e devolutiva (SZYMANSKI, 2004).

O contato inicial entre entrevistado e entrevistador é de suma importância para se estabelecerem relações de respeito mútuo e confiança, fazendo-se necessária uma apresentação de ambas as partes, bem como de tornar claras questões relativas ao sigilo e também quanto às técnicas utilizadas para coleta de dados.

Um momento muito especial é o da escolha da questão desencadeadora, que deve abrir espaço para que se revelem os fenômenos que estão sendo investigados nos objetivos gerais da pesquisa. No caso da presente pesquisa, as questões foram:

1. Dirigidas às famílias:

- “Como é para você, participar da vida escolar dos filhos?”
- “Como vocês acham que a família pode contribuir para melhorar o desempenho dos filhos na escola?”

2. Dirigidas aos gestores:

- “Como vocês consideram a participação da família na vida escolar?”
- “Como as famílias desta escola participam da vida escolar dos filhos?”
- “Descreva como seria, para vocês, uma boa participação.”

3. Professores de escola:

- “Como as famílias desta escola participam da vida escolar dos filhos?”
- “Como seria, para vocês, uma boa participação da família?”

- “De que forma a participação da família pode ajudar no seu trabalho na escola?”
4. Dirigida aos alunos do Fundamental I - 5º ano e Fundamental II - 9º ano
- “Você acha que a família pode ajudar nas coisas na escola?”
  - “Em que situação seus pais vêm pra escola?”
  - Como você se sente quando seus pais são chamados na escola?

Após a transcrição e pré-análise das entrevistas, procede-se à devolutiva, que consiste na apresentação dos dados organizados para que o entrevistado confirme, ou não, a compreensão do entrevistador sobre os fenômenos revelados durante a entrevista.

Privilegia-se, desta forma, a experiência vivida pelos pesquisados e também a interrogação do mundo proposta por Martins e Bicudo (1989), para quem a “a experiência de um determinado aspecto da realidade é tida como uma relação entre aquilo que é experienciado e aquele que está experienciando” (p. 24).

## **2.5 Procedimento para análise de dados**

Dentro desta trajetória metodológica, faz-se necessário, para o pesquisador, ao analisar os dados, cuidar de guardar o *distanciamento necessário*, colocando em suspensão suas próprias crenças, preconceitos e explicações, deixando assim que o fenômeno se mostre (ESPÓSITO, 1993, p. 43).

A análise dos dados a ser utilizada se apresenta como uma prática que permite ao pesquisador “superar intuições ou impressões antecipadas e possibilita a desocultação de significados invisíveis à primeira vista” (SZYMANSKI, 2004, p. 64). A constituição interpretativa desta análise será capaz de promover uma compreensão que possibilitará compreender o fenômeno da participação na vida escolar dos filhos de uma determinada unidade escolar.

Apresento como passos para a análise dos dados:

1. Coleta de informações, por meio das transcrições gravadas das falas dos entrevistados.
2. Análise e identificação, nas falas, da compreensão do fenômeno estudado.
3. Agrupamento dos dados em unidades semelhantes, gerando constelações que nos permitem ver como se constituíram os fenômenos observados. O termo constelação é utilizado por Szymanski (2004), em substituição ao termo categoria, e possibilita arranjos mais variados dos dados apresentados.

(...) é importante refletirmos sobre onde estamos nesse vasto universo de possibilidades de interpretações. Assim como um céu pode ser desenhado de mil maneiras, assim os fenômenos. (idem, p. 3)

4. A “explicitação de significados” (SZYMANSKI, 2004), que são os procedimentos de sintetização e agrupamento.
5. A interpretação final será feita segundo o referencial de Bodernave, Paulo Freire e a partir da literatura disponível tratando da relação família-escola.

## **2.6 Constituição da situação de pesquisa**

A escola pesquisada faz parte da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo e foi escolhida pela pesquisadora a partir da fala da coordenadora, relatando o trabalho dessa escola com as famílias, que via nesta integração uma forte aliada para melhorar o desempenho da escola como um todo.

Esta afirmação fez surgir o problema de pesquisa do presente trabalho: Como as famílias e esta escola compreendem a participação da família na vida escolar dos filhos?

A partir do encontro com a coordenadora, iniciei a fase de observação da escola, para coletar informações que fundamentassem meu projeto de pesquisa.

Apresento, a seguir, uma síntese do relato dos encontros iniciais, com o objetivo de aproximar o leitor da situação vivida pela escola e suas ações no sentido do trabalho com as famílias. Foram realizados, no ano de 2012, três encontros entre pesquisadora, Coordenação e Direção. Nos relatos, os nomes dos participantes são fictícios.

O primeiro encontro foi no dia 11/05/2012, e teve como objetivo conhecer a escola e ouvir dos envolvidos suas expectativas em relação à minha participação no projeto escola-família. Participaram as duas coordenadoras e a assistente de Direção.

Fui recebida pela coordenadora pedagógica Elza, que disse que os alunos que ali estavam (cantando alto e gritando) ensaiavam para uma apresentação do dia das mães, a ser realizada no dia seguinte, sábado. Ela relatou que a escola era tranquila e que acreditava ser a aproximação com a família importante para melhorar o desempenho da escola. Falou-me da sua intenção de dar continuidade a um trabalho com as famílias através de um projeto que tinha por objetivo conhecer o aluno pela sua história de vida, através de entrevistas com as famílias. Este projeto teve início havia um tempo, mas não dera resultado, na sua visão, pelo fato de a escola chamar para os encontros apenas os pais dos alunos “que davam trabalho”. Apresentou-me sua colega Julia, também coordenadora, que partilhava da mesma visão, e relatou ser uma equipe de trabalho com o mesmo objetivo, a partir de um projeto seu, ao qual as outras pessoas integrantes da gestão foram se somando e acrescentando novas ideias, mas todas com um objetivo comum: trabalhar bem e oferecer uma educação de qualidade aos alunos.

Elza mostrou-me rapidamente as fichas de atendimento, utilizadas nesse projeto, que eram preenchidas por professores e gestores que atendiam as famílias em entrevistas individuais, e também o questionário que aplicava nos alunos antes de chamarem as famílias. Este questionário sempre era acompanhado de um desenho de família, sobre o qual Elza, por ser psicopedagoga, fazia uma “inferência”, a partir dos estudos realizados nesta especialização.

Os alunos entrevistados eram os que apresentavam algum comportamento considerado diferente do padrão, como, por exemplo, aqueles que desacatavam o professor, que se intitulavam “bissexuais”, que cabulavam aula ou simplesmente procuravam a Coordenação dizendo: “preciso de psicóloga”. Elza relatou que, quando chegou à escola, os professores encaminhavam todo tipo de indisciplina para que ela providenciasse a convocação das famílias, mas que, naquele momento, isto já diminuía, e ela atribuía a diminuição ao fato de que tinha delegado ao professor autor da queixa a obrigação de convocar e entrevistar a família, atitude

hoje feita por todos os professores da escola. Informou que eles tinham tempo para isto, devido às jornadas de trabalho coletivo na escola.

Nos seus relatos ficou destacada a presença da Coordenação, nos momentos de estudo coletivo, de acompanhamento do trabalho do professor em sala de aula. Também disse ser a equipe gestora muito compreensiva e que trabalhavam em conjunto, uma cobrindo o horário da outra, trabalhando além do tempo etc. Disse que na escola havia ótimos professores e que principalmente os novos trouxeram uma energia nova à escola, além de serem muito bons.

Por considerar a assistente de Direção uma pessoa próxima às famílias e que também incorporava este projeto, chamou-a para conversarmos juntas, e a mesma relatou alguns feitos pelos quais se sentia respeitada pelas famílias, e que, naquele momento, na escola, havia fila de espera de mães para matricularem seus filhos, pois percebiam que a escola cuidava deles muito bem.

Fomos interrompidas algumas vezes por uma funcionária, que quis saber o horário da festa e que anunciou a chegada de uma mãe que fora chamada à escola, imediatamente, a mãe foi atendida pela assistente, após uma breve conversa para lembrar quem era o aluno e o que tinha motivado a convocação.

Julia, coordenadora, disse que o atendimento às famílias dos alunos dava segurança ao professor em sala de aula, e percebia que a sala de aula não era um lugar fácil e que o professor sentia-se seguro por ter a ajuda da coordenação para lidar com esses casos de aluno. Disse também que, apesar de ver na família um componente importante para contribuir com a escola, ela não podia ser a única responsável por comportamentos e atitudes dos alunos dentro da escola. “Não podemos delegar tudo às famílias”.

Terminamos este breve encontro, agendando o próximo, no qual estaria presente a diretora também (que nesta data presidia o conselho de classe).

O segundo encontro aconteceu no dia 01/06/2012, com o objetivo de conhecer mais de perto o trabalho da escola com as famílias. Participaram as duas coordenadoras, a diretora e a assistente de Direção.

Fui recebida por Elza, que atendia a um aluno, enquanto esperava seu irmão chegar para confirmar a história contada sobre uma mordida que havia dado num colega. Percebeu-se, por parte da Coordenação, a intenção de inicialmente compreender o que ocorrera, para depois orientar o aluno no sentido de não mais agir daquela forma.

Iniciou mostrando-me o Projeto Político Pedagógico da escola, um documento bem organizado e estruturado, que norteava os trabalhos da escola. O mesmo é composto de fotos ilustrativas dos ambientes da escola, com seus alunos, a equipe técnica e os autores que fundamentam a sua proposta filosófica: “seguir uma linha humanista, envolta na ética e na cultura da paz, com respeito e afeto ao próximo”. Os autores apresentados são: Comenius, Rousseau, Pestalozzi e Paulo Freire. Foi-me dada a oportunidade de trazer o material para lê-lo em casa, o que foi feito e, a partir desta leitura, foi possível perceber um projeto político pedagógico bem amarrado e com várias informações importantes para compreender a escola.

Ressalto aqui, tendo em vista o objeto da minha pesquisa, os itens nos quais são levados em conta a participação das famílias:

1. Reunião de pais – neste item é apresentado o entorno da escola, de uma cultura de violência, que impera também nas famílias; apresenta-se a proposta de acolher as famílias tendo por base o projeto: “Conhecendo o aluno, sua história e história de vida”, o que, segundo a equipe, ajudara a diminuir os índices de violência na escola; apresenta-se também uma pesquisa feita com os pais, cujo resultado aponta que 90% dos pais aprovam a escola;
2. A constituição do conselho de escola, composto por representantes de pais, professores, alunos, equipe técnica, equipe de apoio; seu funcionamento e plano de ação.
3. A associação de pais e mestres, seu funcionamento e plano de ação.

Foram apresentadas também, nesse encontro, as fichas de acompanhamento dos alunos, informando-se o procedimento para atender às famílias que são chamadas à escola em função do comportamento apresentado pelos filhos.

Paralelo a esse trabalho, Elza foi relatando os fatos e ocorrências da semana, considerada por ela, uma semana muito dura, na qual teve que fazer algumas entrevistas difíceis (a família de um aluno em liberdade assistida; a família de uma adolescente de inclusão, que Elza desconfiava que estivesse sendo abusada sexualmente pelo pai, um ex-presidiário).

As duas coordenadoras, Elza e Julia, reclamaram da transferência compulsória de alguns alunos considerados difíceis em outra escola, que eram encaminhados para esta, pois a Diretoria de Ensino sabia que ali “dariam um jeito”. Sentiam-se abandonadas, pois ajudavam os outros, mas ninguém as ajudava. Neste momento, vale ressaltar o grande nó que elas encontram no processo de orientação/encaminhamento dos alunos considerados difíceis e merecedores de atendimento especializado: não tinham apoio de ninguém, relataram que o CAPS (Centro de Atendimento Psicossocial) infantil que atendia ao bairro era ineficiente, que sua equipe não sabia o que fazer com os casos difíceis (como o de uma aluna que “surtava”, ameaçando ir embora, gritando para todos e tendo ataques quando contrariada). Para este caso, a equipe fazia, com a referida aluna, “combinados”. Curiosamente, numa das visitas da equipe do CAPS à escola, a referida aluna “surtou”, e Elza pediu que a equipe ensinasse à escola a estratégia dos combinados, mas, conforme relatou, não resultou em nada e a menina continuou agindo da mesma forma, até levar uma “bronca” das psicólogas.

Elza mostrou-me, também, estratégias pedagógicas de que se utilizava para acompanhar de perto o desenvolvimento dos alunos e trabalho dos professores, também descritos no Projeto Político Pedagógico, demonstrando ter a escola um projeto amarrado e bem estruturado para que o aluno tivesse um bom ensino.

Mostrou-me a escola e suas dependências, sendo a mesma bem organizada e limpa, com salas ambientes bem estruturadas, com espaços para inclusão e reforço/recuperação.

Fui, então, apresentada à Direção, que logo pediu a minha ajuda para ver se faríamos alguma coisa por aquelas famílias, para que “elas nos ajudassem”. E contou detalhes das suas entrevistas na semana; dos casos difíceis de professoras que não ajudavam, como no caso de uma que deixou de entregar um bilhete aos alunos, informando que haveria uma reposição de aula no sábado e que o transporte

escolar passaria para pegar os filhos, “um cuidado que tivemos com as famílias”, que, visivelmente, foi boicotado por aquela professora.

Percebeu-se uma sintonia e um entrosamento grande entre equipe técnica pedagógica, capaz de acolher as dificuldades da coordenadora, no relato dos casos, e um trabalho coeso entre elas, no que diz respeito às atitudes a serem tomadas em relação à professora em questão.

O terceiro encontro ocorreu no dia 15/06/2012, e participaram dele as duas coordenadoras.

Começamos conversando sobre as provas da cidade que a Prefeitura aplica nos seus alunos, como forma de prepará-los para prova Brasil.

Elza relatou que, a pedido dos professores, nas salas de 8ª série, houvera um remanejamento de alunos considerados “difíceis” para uma mesma sala, uma vez que era um grupo considerável de alunos com problemas e que atrapalhavam o rendimento de todas as salas. Questionei: “uma sala homogênea com os piores alunos?” Elza confirmou, dizendo que tinha sido uma opção do grupo de professores, como forma de ajudar a todos.

No momento, estavam agendando uma reunião com os pais dos alunos desta classe, para solicitar ajuda no acompanhamento e na disciplina de todos. A ideia de um professor era a de “colocá-los na parede”.

Fiz uma reflexão sobre a responsabilização das famílias, opinando que chamá-los apenas para culpá-los não era o caminho mais indicado; sugeri que colocassem, lado a lado, professores, família e alunos, e que todos falassem suas dificuldades nas relações. Instiguei a reflexão sobre o fato de que, para a família, talvez também não fosse muito fácil lidar com os filhos, considerados pela escola como “rebeldes”.

Nesse momento, entrou na sala um aluno para mostrar suas tarefas, foi acolhido e elogiado por Elza, que relatou, quando o mesmo saíra, que ele havia sido transferido compulsoriamente de uma escola por mau comportamento e encaminhado para a Diretoria de Ensino, que, por sua vez, o encaminhava àquela escola como sendo uma das poucas que resolvia as questões. Elza e Julia se

ressentiam desta atitude, dizendo que, dessa forma, não dariam conta de resolver outras questões, já que, a cada semana, chegava um caso novo, que demandava da equipe uma atenção redobrada. Sentiam-se também desamparadas pela Diretoria de Ensino que apenas encaminhava os alunos e não se colocava à disposição para ajudá-las, e injustiçadas pelas outras escolas que, no lugar de investir nos alunos, de alguma forma, os obrigavam a se remover para outras unidades.

Voltamos a refletir sobre a reunião de pais, agendada para a terça-feira seguinte, pela manhã, e Elza concordou com minhas reflexões. Fomos discutindo formas de conduzir a reunião sem o enfoque da culpabilização. Disse que contavam com a ajuda de uma psicóloga, e que iria, junto com ela, discutir estratégias e dinâmicas para aproximar os pais da escola, no lugar de afastá-los.

Esses encontros aconteceram antes do período de férias e só retomamos o contato no final do ano de 2012, quando a coordenadora Elza, meu contato com a escola, foi transferida para a supervisão. No ano de 2013, não houve contato com a escola. No início de 2014, com a colaboração de Elza novamente retomei os contatos, agora com o objetivo de agendar as entrevistas com todos os envolvidos no projeto de pesquisa aqui relatado e, nesse momento, já qualificado.

Cabe aqui uma ressalva para o tempo da escola, que é “corrido”. Entrei em contato antes do carnaval de 2014 e, por sugestão da equipe, esperei até depois do carnaval para agendar as entrevistas.

### 3. RESULTADOS

#### 3.1 As entrevistas<sup>2</sup>

Meu contato foi Julia, a coordenadora que acompanhou os encontros iniciais. Após um ano atípico – licença médica da referida coordenadora, greve de professores e Copa do Mundo, que alterou o calendário escolar –, consegui agendar as entrevistas para o início de julho de 2014.

Foram entrevistados, na gestão, a Direção e uma coordenadora, pois não foi possível, por uma questão de disponibilidade de horário, entrevistar as duas coordenadoras, a diretora e a assistente de Direção.

Ressalto aqui a importância e o cuidado da pesquisadora em não impor nenhuma condição, deixando a cargo da escola organizar e convidar os participantes das entrevistas, sendo essa organização um dado de pesquisa a mais a ser observado e analisado.

Foram entrevistadas duas professoras, uma do Fundamental II, de Matemática, que estava, naquele momento, em jornada de trabalho coletivo, e uma outra que estava em sala de aula, mas que, por solicitação da coordenadora, deixou os alunos da Educação de Jovens e Adultos fazendo uma atividade. A segunda professora também lecionava na mesma escola, no período da manhã, com o Fundamental I. A primeira professora apresentava uma experiência de participação em conselho de escola. Minha solicitação inicial à Coordenação, em relação aos entrevistados, foi serem 3 professoras: uma de Fundamental I, uma de Fundamental II e uma participante do conselho. A partir da organização da Coordenação, com duas professoras, ela atendeu meu pedido.

Com as famílias foi mais complicado o agendamento. A escola solicitou que eu viesse à reunião de pais para que elas escolhessem duas famílias para eu entrevistar. No dia da reunião, 22 de julho, fui à escola às duas horas da tarde, e a coordenadora me encaminhou uma mãe de aluno do Fundamental I e outra mãe de

---

<sup>2</sup> Todas as entrevistas na íntegra encontram-se disponíveis na Secretaria do Programa de Estudos Pós Graduação e educação: Psicologia da Educação da PUC-SP.

alunos do Fundamental II – gêmeos do nono ano, para entrevista. Nenhuma delas tinha experiência de participação em conselho de escola, apesar de esta ter sido uma solicitação minha.

Na mesma reunião, a coordenadora, de posse do termo de consentimento para entrevista a menores de idade, conseguiu a autorização para duas crianças do quinto ano e três adolescentes do nono ano, dois deles gêmeos.

A entrevista aos alunos foi feita em outro dia da semana, nos horários pré-estabelecidos pela Coordenação.

As devolutivas ocorreram em horários pré-agendados. E a partir da disponibilidade dos participantes. A devolutiva às mães ocorreu no dia da seguinte reunião de pais. Por uma questão de ordem pessoal de uma das mães, não foi possível fazer a devolutiva.

## **3.2 Síntese descritiva das entrevistas**

### *3.2.1 Entrevista gestão*

Participaram da entrevista a pesquisadora, Vilma, a diretora e Julia, a coordenadora. Foi solicitada ao grupo uma breve apresentação. Vilma tinha 29 anos de magistério, ainda lecionava no Estado, e estava perto da aposentadoria. Julia acumulava o cargo de professora de Educação Infantil, também perto da aposentadoria, e relatou ter sido um grande desafio sair da Educação Infantil e assumir o cargo de Coordenação no Ensino Fundamental. Porém foi se envolvendo com os adolescentes e naquele momento se sentia muito bem neste posto, achando inclusive que tinha muito a contribuir por conta de sua experiência na Educação Infantil. Relataram preocupação com a chegada dos alunos de 6 anos na escola, alegando não ter a EMEF um espaço adequado para acolhê-los. Vilma acredita que todos deveriam passar pela sala de aula e pela gestão, alegando ter a gestão críticas, por parte dos professores, que não tinham fundamento. Principalmente quando a gestão tomava certas atitudes que desagradavam aos professores, mas que eram inevitáveis, segundo ela. Acreditam que a troca entre professores e gestão

é muito importante para que se resolvam os conflitos apresentados na relação professor-aluno, um dos grandes desafios que a gestão tem que resolver. Informaram que, por apresentarem um olhar diferente para esses conflitos, os resolvem de forma mais tranquila e dialógica. Disseram que a participação da família é de extrema importância, e que a escola não chegaria a alcançar seus objetivos ou a ter um resultado satisfatório, se não houvesse a parceria com a família. Apresentaram o projeto de conhecer o aluno através da sua história. Os alunos eram aqueles encaminhados pelos professores. A justificativa é de que há uma necessidade de entender melhor quem é o aluno, qual a sua história. Inicialmente a Coordenação faz uma abordagem com o aluno através de questões, de desenhos; depois chama os pais, apresenta as mesmas questões e investiga se o aluno teve alguma dificuldade. Nesse momento, começam a aparecer os problemas e, a partir deles, elaboram-se ações. Este projeto está atrelado ao Projeto Político Pedagógico da escola, fundado numa linha humanista. Julia também considera a participação da família fundamental. Disse que, se a criança tem o apoio da família no processo de aprendizagem, é diferente. Percebe que as entrevistas com as famílias ajudaram a escola a melhorar nas relações, inclusive pelo fato de os próprios professores atenderem às famílias, e pela troca que é feita entre os envolvidos no processo. Entendem que ser professor não é fácil, e se propõem a apoiá-los com essas ações. Preocupam-se com o fato de algumas famílias delegarem responsabilidade demais aos filhos, inclusive quando o mais velho tinha que tomar conta do mais novo, insistindo para a importância dos pais assumirem as suas responsabilidades no acompanhamento dos filhos, principalmente dos maiores (adolescentes e pré-adolescentes). Disseram que as famílias participavam naquela escola, frequentando as reuniões de pais, as atividades culturais, a festa junina, a mostra cultural e nas atividades que eram feitas fora da escola, como as de cinema e de teatro, e no dia da família na escola. A expectativa que tinham em relação à participação ideal das famílias na escola era a de que participassem efetivamente no dia a dia. Alegavam que há alunos de quem não conseguiam conhecer as famílias, pois não compareciam às reuniões nem atendiam às convocações. Em casos extremos, condicionavam a entrada do aluno à presença de um responsável. Informaram que a equipe escolar tinha horários flexíveis para atender às necessidades das famílias, sendo impossível não conseguirem atendê-los por este motivo. Sentiam que faltava, para esses pais, valorizar mais a educação dos filhos. Na devolutiva da entrevista,

participaram a pesquisadora, Vilma, a diretora, Julia, a coordenadora e estava presente na sala Fabiana, assistente de Direção, que contribuiu em um momento com a entrevista. Foi feita uma síntese da entrevista relatada anteriormente e solicitado que aprofundassem algumas questões. A primeira foi em relação ao sentido das entrevistas com as famílias. Julia disse que o sentido era o de tentar compreender as ações e atitudes de uma criança e se a família contribui para elas. Informou também que, de posse da informação, a escola partilhava com os professores a situação da criança, para que juntos conseguissem buscar uma maneira de lidar com ela. Esperavam fazer, dentro da escola, o que era possível para tornar a vida da criança mais fácil. Reconheciam que a parte da escola era a parte pedagógica, e que muitas vezes mudava-se o olhar, inclusive dos professores mais resistentes, quando se conhecia a história da criança. Entendiam que a vida era complicada e tentavam encontrar a melhor maneira para que os alunos convivessem na escola mais felizes. Quando a escola identificava nas famílias a impossibilidade de participação, apesar de lutarem bastante para que ela acontecesse, a escola “abraçava o aluno”, acolhia-o na sua dificuldade. Ao refletirem sobre como essa participação interferia diretamente nos resultados satisfatórios da escola, Vilma disse que, se o pai acompanha o filho na vida escolar, já andou metade do caminho. Um visto no caderno é importante para saber se está realizando as atividades, se está fazendo a lição de casa, e saber como está o comportamento dele na escola. Julia disse que, nas reuniões, costumavam conversar com os pais sobre a importância da participação deles na vida escolar dos filhos, já que essa participação interferia também no processo de aprendizagem do aluno. Solicitavam que a família valorizasse o que o aluno fazia. Em relação ao significado da importância dos pais assumirem mais a responsabilidade pela educação dos filhos, Julia falou que era responsabilidade dos pais garantir a autonomia dos alunos, mas não os deixando sozinhos e sim acompanhando-os no processo escolar, inclusive criando formas de acompanhamento a distância, uma vez que muitos pais trabalhavam. Reconheciam alguns casos de negligência no cuidado com os filhos, além da falta de disponibilidade para participar, em função do trabalho. Reforçavam que, em todas as atitudes da escola, o objetivo era o aluno e que não era só estar presente e vindo pra escola que os pais eram necessários, mas valorizando o que o aluno aprendia. Os contatos com os pais também favoreciam que a escola tomasse atitudes diferentes daquelas que os alunos vivenciavam em

casa, oferecendo aos mesmos uma outra experiência, para que eles pudessem “escolher” melhores caminhos. Ao serem indagadas sobre o que faltava para a escola, nessa relação com as famílias, disseram que faltava maior participação dos pais nos conselhos de escola e na associação de pais e mestres.

### *3.2.2 Entrevista com os professores*

Participaram da entrevista a pesquisadora, Ivana, professora do Fundamental I e Débora do Fundamental II. Foi feita inicialmente uma apresentação da pesquisa e de seus objetivos. Começaram a falar espontaneamente sobre um programa novo da Prefeitura, um diário eletrônico, suas vantagens e o medo que o novo pode causar na vida do professor. Foi feita a solicitação de uma breve apresentação. Ivana, professora do Fundamental I e EJA (Educação de Jovens e Adultos), acumulava dois cargos na mesma escola e estava há 23 anos no magistério. Disse que tinha passado por outros cargos, mas que preferia a sala de aula. Debora trabalhava há 27 anos no magistério, já tinha atuado em outros cargos, e também preferia a sala de aula. Lecionava Matemática no Ensino Médio no Estado e no Fundamental II e EJA na Prefeitura. Disseram gostar muito da EJA, pois sentiam que os alunos tinham por elas respeito e admiração. Relataram fatos de encontrarem ex-alunos e serem reconhecidas pela importância da sua participação na vida deles. Disseram que as famílias daquela escola participavam, que o intuito da Prefeitura era o de trazer a família para a escola. Ivana falou que antigamente a família era mais participativa, atribuindo ao fato das mães não trabalharem tanto. Relatou que havia uma grande dificuldade de a família participar na escola, por falta de tempo e de interesse também. Falaram sobre o encontro de pais, atividade que ocorria há algum tempo e que iniciara com uma grande quantidade de pais, depois foi se esvaziando. Elas reconheciam a importância desses encontros de pais, pois as famílias necessitavam de orientação. Debora disse não ter dúvida de que, quando o pai participava, o aluno era diferente. Reconhecia que havia pouca participação, principalmente das famílias dos alunos do Fundamental II, nas atividades que a escola organizava, como a festa junina e a mostra cultural. Achava que os próprios alunos mais velhos não faziam questão de que os pais participassem das atividades dos filhos. Comemoravam o dia das mães na escola

mas, devido à baixa participação das famílias, deixaram de comemorar. Ivana disse que deviam insistir nessas atividades. Disseram ter um horário bastante flexível, também proporcionado pela gestão, para atender às famílias, fossem as que eram chamadas ou as que queriam vir conversar. Ivana disse que, quando a participação da família era maior, o resultado do aluno era diferente. Achavam que uma boa participação não era só estar presente, era acompanhar, incentivar e apoiar o aluno, auxiliando e se interessando pelas coisas da escola. Ficavam indignadas com os pais que vinham às reuniões e estavam sempre com pressa. Para elas, isso não era participação. Outra situação era a dificuldade dos pais de participarem dos conselhos e APM, considerados por elas um importante instrumento para melhorar o serviço oferecido pela escola. Para elas, quando o pai participava, ficava diferente, pois desenvolvia no filho a responsabilidade, e ele percebia que tinha alguém interessado naquilo que estava fazendo. Debora disse que ajudava também na postura, no respeito, disciplina e no próprio aproveitamento pedagógico do aluno. Reconheciam que havia exceções, como no caso de uma família com duas irmãs em que o pai não participava, e uma delas ia bem na escola, enquanto a outra ia muito mal. Atribuíam isso à personalidade de cada uma. Débora falou da sua relação com a profissão, que passa por muitas mudanças, mas que os professores ainda sobrevivem porque gostam. Às vezes se sentiam frustradas, por não conseguirem alcançar os alunos na aprendizagem, reconheciam ser difícil trabalhar com várias crianças, cada uma com uma orientação diferente vinda de casa. Pediram um pouco mais de “luzes”, para saber como se relacionar melhor com as famílias. Lembraram que é muito bom poder elogiar um aluno numa reunião, e disseram que acreditavam muito nessa parceria como sendo essencial para que o aluno deslanchasse e formasse o caráter, e a sua aprendizagem fosse muito mais eficiente. Na devolutiva, foi retomada a fala da entrevista anterior, solicitando que refletissem melhor sobre como a relação com a família ajudava a enfrentar os desafios de sala de aula. Perceberam que o aluno com orientação de casa, com a família participativa, conseguia se desenvolver melhor e com maior segurança. Insistiram em dizer que não podiam generalizar totalmente, porque havia casos de alunos que não tinham apoio, mas que eram muito esforçados. Débora completou que era um aluno com diferencial. Foi solicitado que refletissem sobre a reunião de pais e quais seriam seus objetivos. Disseram que usavam as reuniões para divulgar resultados e outros avisos, mas, como alguns pais vinham apenas às reuniões,

utilizavam esse momento para conversar sobre o comportamento dos filhos, o que, para alguns, significa “falar mal dos filhos”. Mas elas não viam assim, reconheciam esta atitude como uma forma de orientação. Reforçaram a ideia de “pressa” dos pais de irem logo embora da reunião. Elas informaram também, nessa ocasião, a importância da família se preocupar com a vida escolar dos filhos. Reconheciam que alguns pais não conseguiam vir às reuniões, mas elas se colocavam à disposição para atendê-los depois, e sempre que isso acontecia, demonstrava para elas ter havido preocupação por parte da família. Aprofundaram um pouco a reflexão sobre “toda regra tem sua exceção”, reconhecendo ser uma minoria de pais que não participavam, cujos filhos iam bem na escola. Foi perguntado se sabiam como atrair os pais para a escola, já que elas percebiam pouca participação das famílias nos eventos, e elas disseram não saber como, pois reconheciam a dificuldade das famílias de se organizarem em função de questões sociais, financeiras e de saúde. Identificavam que a escola proporcionava diferentes atividades, mas que não surtiam efeitos. Foram questionadas se sabiam qual participação faltava para ajudá-las, e disseram que seriam no acompanhamento e no interesse pelo aluno, para resultar em melhora da aprendizagem. Colocaram o fato de alguns pais virem à escola para questionar determinadas atitudes dos professores em relação aos filhos, e que, se isso não acontecesse, se tivessem os pais “do seu lado”, se trabalhassem juntos, seria melhor. A participação foi considerada um dos fatores determinantes do sucesso do aluno, mas não o único. Disseram que os pais sabiam o que a escola esperava deles, em relação à participação, pois isso era informado em todas as reuniões da escola. Ao refletir sobre o que faltava na escola em relação à participação da família, disseram que seria ter mais pais participando e que a escola poderia ser um espaço mais aberto, porém disseram que havia pouca estrutura para isso. Débora quis acrescentar uma última coisa. Que nem sempre dependiam da família determinados comportamentos dos filhos na escola. Citou, como exemplo, o uso sem limite dos celulares em sala de aula, e atribuiu essa atitude a fatores sociais.

### 3.2.3 Entrevista com as mães

A primeira entrevista foi feita com Ivana, mãe de aluno do Fundamental I e a segunda, com Ana, mãe de gêmeos do Fundamental II. A devolutiva foi feita só com Ivana, pois, apesar das tentativas da pesquisadora, não houve acordo em relação a um horário. Ivana é mãe de aluno do 2º ano do Ensino Fundamental e tem outro filho que estudou na escola também, até o 9º ano, e terminou no ano passado. Acha importante participar da vida escolar do filho e o faz, sempre quando pode, indo às quatro reuniões de pais para verificar como os filhos estão. Também comparece quando convocada por alguma ocorrência. Não participa dos conselhos de classe e festas porque trabalha, alegando que o trabalho atrapalha a relação com a escola. Em casa, procura acompanhar, fazer com que o filho desenvolva as atividades, oferece gibis para leitura, compra livros de histórias, já que ele gosta de ler e ouve as histórias que ele inventa. Procura ter atividades voltadas para o que ele gosta de fazer, acha que obrigando é pouco produtivo. Disse que, quando tem lição, o filho avisa, e que compreende quando ele pede para fazê-la em horário diferente do proposto por ela, e que o irmão também o acompanha nas lições. Disse gostar desta escola e lutou para conseguir uma vaga, pois seu filho foi encaminhado para uma escola estadual, que tem fama de não ser muito boa. Gosta porque a escola, quando vê a dificuldade do aluno, “pega em cima”, chama os pais, propõe reforço. Reconhece que a participação da família contribui para melhorar o desempenho das crianças na escola, pois elas precisam de atenção e estímulo. Costuma dizer ao filho que a escola é sua única obrigação, e cobra dele responsabilidade por isso. Explica que o que ele hoje aprende na escola vai usar no dia a dia. Concluiu a entrevista dizendo só ter elogios para a escola, que gosta dos professores, pois são dedicados, acompanham, querem ensinar, querem que o aluno aprenda, sempre tiveram aula de reforço para quem precisasse, e acompanhamento na parte emocional. Quando percebem que o aluno está com algum problema, têm o cuidado de chamar os pais, de conversar, de encaminhar. Gosta também do fato de a escola ter, dentro de uma sala, uma estagiária. Entende que criança gosta de chamar atenção e de ver que está sendo valorizada. Disse que já questionou a professora a respeito de uma fala que chateou ao filho e a mesma entendeu e até se retratou. Sente que isso significa que a escola “dá abertura”.

Ana é mãe de alunos gêmeos do 9º ano e já teve um filho mais velho que se formou na escola. Disse participar da vida escolar dos filhos quando eles têm alguma dúvida nas lições. Quando faltam, procura pegar o caderno com outros alunos. Acompanha todas as reuniões, conversa com a coordenadora quando precisa. Acha que, nas gestões anteriores, interagia melhor com a escola, e se queixa do baixo número de reuniões. Considera importante ter pelo menos duas no bimestre, e não uma só. Acha as reuniões importantes, para saber das dificuldades dos alunos. A escola dá explicações sobre a forma de avaliação, e entrega resultados. Estava naquele dia preocupada com uma nota baixa que um dos filhos tinha tirado, achando que havia algum erro, e estava esperando o professor para tirar dúvidas em relação a isso. Disse ter liberdade para falar com todos os professores. Queria saber o motivo da nota baixa para poder ajudá-lo em casa, contratando professora particular, se fosse o caso. Costuma frequentar as festas juninas. Orienta os filhos a virem para escola e a respeitar os professores, como respeitam o pai e a mãe. Eles não podem discutir com o professor. Se eles tiverem algum problema, devem conversar com ela, que ela verifica o que está acontecendo. Orienta a não agredirem os coleguinhas também. Em relação ao filho tirar nota baixa, disse que iria procurar saber o que está acontecendo, que brigar não adiantava, iria deixá-lo nervoso, mais rebelde.

Na devolutiva da Ivana, foi feita uma síntese da entrevista anterior. Foi solicitado para que falasse mais sobre “dar atenção às coisas da escola”, o que significou para ela conversar sobre o que acontece na escola, com os amiguinhos, professoras, se estava tudo bem. Acha que com sua participação ajuda o filho a ir melhor na escola, comparando seu desenvolvimento com o do outro filho mais velho, que, quando era pequeno, não teve a mesma participação da mãe, por conta do trabalho. Acha que uma das formas de se relacionar com as famílias é quando a escola resolve os conflitos entre famílias e professores. Para ela, está claro o que a escola espera da família em relação à participação, uma vez que é sempre enfatizado, nas reuniões, pela Coordenação, Direção ou assistente, a importância dessa parceria. Disse ter um bom retorno das coisas que pede à escola.

### 3.2.4 *Entrevista com adolescentes*

Participaram da entrevista os alunos do 9º ano: Gabi, Marcos e André, os dois últimos, irmãos gêmeos. Eles acham que a família ajuda nas coisas da escola, apesar de Gabi reconhecer que seus pais trabalham muito e ela “tem que se virar”. Já os meninos disseram que a família deles ajuda, principalmente nas lições, quando têm dúvidas. Disseram que não podem ir mal em nenhuma das matérias, e que a mãe briga se isso acontecer. Gabi disse que, quando tira nota abaixo da média, a família tira algo de que gosta, por exemplo, computador e celular. Percebem que a escola chama as famílias para as festas, mostra cultural e quando o aluno está aprontando ou não está fazendo as lições. As famílias dos três nunca foram chamadas, pois são considerados bons alunos. Ao falar de colegas que já tiveram as famílias chamadas, disseram que os pais brigam com eles, mas que não melhoram no comportamento. Disseram não saber o que resolveria nesses casos. Gabi acha que os pais deles deveriam se importar mais com esses alunos. Marcos acha que resolveria a questão da indisciplina, só se a mãe viesse assistir aula com o aluno indisciplinado. Disse já ter presenciado uma situação dessas, na qual a mãe de uma colega foi chamada para assistir aula, pois a filha estava sofrendo agressões verbais por parte dos outros colegas. Disseram que se sentiriam mal se seus pais fossem chamados, pois haveria quebra de confiança. Procuram fazer a coisa certa. As famílias os incentivam a irem bem na escola, cobrando resultados. Os pais da Gabi, apesar de trabalharem fora, pedem pra ela se comportar e fazer todas as tarefas. Para eles, a escola trata bem aos pais, atendendo a suas solicitações, e os pais gostam da escola.

Na devolutiva foi feita uma síntese do que falaram na entrevista, e perguntado: se a participação da família não ajuda a mudar o comportamento do filho na escola, por que ela é tão importante? Segundo eles, para que os alunos “caiam na real” e percebam que o que estão fazendo está errado. Também acham válido os pais serem chamados para que eles saibam o que está acontecendo com os filhos. Disseram que alguns alunos até rasgam a convocação. Confirmam: tudo que precisam, a família liga e a escola resolve. Acham que a escola tem fama de ser boa, principalmente pelo jeito de ajudar as pessoas. Acham que a escola poderia ajudar o aluno a se comportar melhor, chamando-o para uma conversa séria.

Quando a questão é muito grave, a coordenadora chama a família direto. Terminaram reafirmando que acham a escola boa, que ajuda muito e que, quando é preciso, chama o pai.

### *3.2.5 Entrevista com as crianças*

As entrevistas foram feitas individualmente, primeiro com Carlos e depois com Lucas (ambos do 5º ano). Já na devolutiva, os dois estavam juntos. Carlos acha que a família pode ajudar nas coisas que a escola pede, principalmente nas lições, quando não sabe resolvê-las, e para estudar nas provas. Disse que os pais se revezam nessa tarefa. Não precisa de ajuda somente em Matemática, já que é bom nessa matéria. Das atividades escolares, gosta mais do recreio, Educação Física e Matemática. Seus pais vêm para a escola quando são chamados, por ele não fazer as tarefas em sala de aula e “ficar dormindo”. Quando isso acontece, ao chegar em casa, seus pais o colocam de castigo “o dia inteiro no quarto”. Disse que isso ajudou, pois ele passou a dormir mais cedo. Dorme em sala quando sua professora dá aula e ele pensa que é história de dormir. Sente-se triste quando a professora ameaça dizendo que irá chamar os seus pais, pois sabe que vai apanhar. Sua mãe às vezes fala que vai bater, mas não bate. Sua família também vai à escola nas reuniões e festa junina. Sua mãe alerta para o fato de que, se ele repetir de ano, vai estudar na mesma sala do irmão menor que está no 3º ano. Acha que poderá até repetir alguns anos, e tem medo da 7ª série, pois os alunos aprontam muito lá. Sobre a possibilidade de mudança de comportamento em função da sua família ser chamada à escola, disse que não mudou, pois tem muito sono e ainda dorme na sala.

Lucas acha que a família pode ajudá-lo na escola, prestando mais atenção nele, porque seus pais prestam mais atenção no seu irmãozinho, e isso o ajudaria pois se considera “ruim na escola”. Seu padrasto é quem o ajuda nas pesquisas, porque sua mãe trabalha. Disse que esquece de fazer as lições de casa, e que seu padrasto o lembra todo dia – “tem lição? Já fez?” – e, às vezes, fala que não tem, por ter preguiça em fazê-la. Seus pais costumam ir às reuniões da escola, mas sabe que os pais são chamados individualmente quando os filhos aprontam na escola.

Seus pais nunca foram chamados, mas disse que se sentiria mal, caso isso acontecesse, achando inclusive que essa atitude não ajudaria em nada no seu comportamento. Sua mãe fala para fazer a lição, ou que ele será um lixo quando crescer. A família vem para a escola na festa junina. Seu pai também o incentiva a se comportar na escola, pergunta se está bem. Como mora na praia, não costuma ir à escola. Relatou conflitos familiares com o padrasto e o desejo de morar com o pai, e que esses pensamentos interferem no seu rendimento, pois fica pensando nisso e não termina as lições. Delega à professora o fato de tirar nota baixa: “eu me esforço e ela dá nota baixa para mim”. Às vezes apanha quando tira nota baixa, mas não é sempre. Ameaçam bater, caso tire novamente nota baixa, e o obrigam a pegar livro na biblioteca, mas ele não gosta de ler. Disse não estudar para as provas, e que as broncas e castigos da família não o ajudam a melhorar na escola.

Na devolutiva, que aconteceu com os dois juntos, foi feita uma síntese do que falaram nas entrevistas, e solicitado que pensassem sobre o que poderia ser feito para que mudassem seu comportamento. Carlos disse que acordar mais cedo ajudaria, mas acha que a família não pode ajudar em nada a melhorar na escola. Fizeram silêncio quando questionados se os castigos ajudam a melhorar. Carlos disse que a família ajuda muito, mas atrapalha também, pois pede, por exemplo, para fazer lição, enquanto estão assistindo TV na sala. Lucas disse não gostar de fazer lição. Que seu padrasto pede para fazer, principalmente quando a professora escreve no caderno que não fez. Acham que a escola precisa avisar os pais quando eles não vão bem na escola. Dizem contar às vezes que não estão indo bem. Carlos relata que tem várias atividades durante a semana e que não dá tempo de fazer lição. Lucas acha que sua família poderia ajudá-lo a memorizar a tabuada. Disse que o castigo às vezes o ajuda a fazer as lições. Carlos disse que fica com medo quando a família é chamada à escola, e Lucas, “com o coração ardendo”, pois sabe que vai apanhar e ficar de castigo. Para melhorar na escola, Carlos acha que tem que fazer as lições. Lucas disse que tem a cabeça cheia de ideias e fica difícil de fazer lição, e quando chega em casa já está cansado. Essas ideias, algumas têm a ver com as coisas da escola, outras não. Carlos diz não prestar atenção na aula por conta delas. Lucas insiste que quer morar com o pai, na praia, porque lá tem muito mais diversão do que aqui. Acham a escola um pouco chata, e que o que se aprende nela serve “mais ou menos”. Sobre o que pode ajudar a melhorar, Lucas

acha que a professora passa muita lição e que poderia explicar melhor, pois às vezes ele não entende.

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

Como exposto anteriormente, na análise apresentada a seguir, haverá o agrupamento dos dados em unidades semelhantes, gerando constelações, termo utilizado por Szymanski (2004) em substituição ao termo categorias.

Nas constelações estará presente a fala dos entrevistados, que, em alguns itens, foram editadas, com o objetivo de facilitar a compreensão do leitor, preservando o seu conteúdo.

Apresento a seguir um quadro com as constelações que emergiram de cada segmento entrevistado: gestão, professores, mães, adolescentes e crianças.

##### Quadro 1. Constelações dos grupos entrevistados

<b>GESTÃO</b>	
	Desafios da Gestão
	Como a família participa da vida escolar dos filhos, segundo a equipe gestora
	Considerações da equipe gestora sobre participação
	Participação ideal da família na vida escolar, segundo a gestão
<b>PROFESSORES</b>	
	Desafios de ser professor
	Como a família participa da vida escolar dos filhos, segundo os professores
	Considerações dos professores sobre a participação da família na vida escolar dos filhos
	Participação ideal da família na vida escolar dos filhos, segundo os professores
<b>MÃES</b>	
	Como a família participa da vida escolar dos filhos
	Como a participação influencia no desempenho escolar, segundo as mães
	Como esta escola se relaciona com as famílias, segundo as mães
<b>ADOLESCENTES</b>	
	Como a família participa da vida escolar dos filhos, segundo os adolescentes
	Como a participação influencia na vida escolar, segundo os adolescentes
	Como esta escola se relaciona com as famílias, segundo os adolescentes
<b>CRIANÇAS</b>	
	Como a família participa da vida escolar dos filhos
	Como a participação influencia na vida escolar, do ponto de vista das crianças
	Como essa escola se relaciona com as famílias, segundo as crianças
	Como se sentem quando as famílias são chamadas

## 4.1 Gestão

### 4.1.1 Desafios da gestão

**Nesta constelação, estão descritos os desafios enfrentados pela equipe gestora na sua rotina diária.**

A equipe gestora, composta por duas coordenadoras, uma diretora e assistentes de Direção demonstrou ser uma equipe integrada e articulada na proposta pedagógica, bem como empenhada em melhorar, cada vez mais, o desempenho da escola como um todo, investindo no atendimento individualizado aos alunos e suas famílias.

*“o nosso objetivo é o aluno.” (VILMA)*

As ações apresentadas pela equipe para garantir que esse atendimento aconteça estavam visíveis nos momentos de reflexão, comunicação e encontros do grupo, e na forma como se organizam para atender às demandas das famílias:

*“a escola está aberta das 7h da manhã às 11h da noite. A gente tem um caderninho de comunicação e vai se conversando por esse caderno, então sempre sabemos. Quem veio, no horário que veio, o que aconteceu, e sabe como atender. A gente tem todas as anotações diárias, sempre tem alguém na escola, sempre tem uma de nós.” (VILMA)*

Refletiram com frequência sobre os desafios que fazem parte da sua rotina. Um deles é relatado por uma das coordenadoras, quando demonstrou qual foi sua preocupação ao assumir aquele cargo, trabalhando pela primeira vez com adolescentes. O ambiente acolhedor da escola fez com que a mesma reconhecesse a recompensa por enfrentar novos desafios e por aprender com novos grupos:

*“aos pouquinhos fui me envolvendo com os adolescentes, eu achava que não tinha jeito pra lidar com eles, a referência dos adolescentes que eu tinha era os meus filhos, e fui muito rigorosa com eles, podia ter ouvido mais os meus filhos também, compreendido mais, eles não tiveram essa oportunidade.” (JULIA)*

A coordenadora e a diretora apresentaram uma vasta experiência em educação, inclusive atuando ainda em sala de aula, em outras escolas. Apesar de estarem contentes pela proximidade da aposentadoria, se reconheceram mais capazes e experientes para lidar com as questões apresentadas no dia a dia.

*“Agora que estou no final da minha carreira, percebo que sou uma professora mais paciente, ouço mais os meus alunos, fico pensando: agora que vou me aposentar! porque a gente adquire esse momento, essa paz.” (JULIA)*

Toda essa experiência contribuiu muito para enfrentar outro grande desafio enfrentado pela gestão que é o de intermediar conflitos na relação professor-aluno. Os professores encaminham à Direção e Coordenação os alunos que apresentam algum problema, seja da ordem da indisciplina ou da dificuldade de aprendizagem. Muitas vezes, a gestão se considerou incompreendida nas ações que tomou a partir da solicitação dos professores para resolver esses problemas. Reconheceram que estão em um lugar apropriado para que esses conflitos sejam vistos com outro olhar, e atuam dessa forma. Essa atitude nem sempre é compreendida pelos professores, como uma ação efetiva:

*“A gente toma algumas atitudes que às vezes eles: ‘Ah, a Direção passa a mão na cabeça’. Não é que a Direção passa a mão na cabeça, a Direção está vendo aquele problema de outra forma, outra visão. Mais do diálogo, de mostrar pra ele (aluno) que está errado, até chegar a entender: ‘eu estou errado, eu tenho que ir lá e pedir desculpas e fazer diferente, porque aquilo que eu fiz não estava legal.’” (VILMA)*

Essa postura de diálogo, de acolhimento e de preocupação em atender ao professor na sua solicitação, fez com que a equipe sentisse-se mais próxima dos alunos e do entendimento das razões que os levaram a agir de determinada forma em sala de aula.

*“Quando eles vêm, já se acalmaram, vão conversar, você começa a entender o lado deles, o lado do professor, e às vezes a gente entende tão bem aquilo, que não tem como aplicar uma sanção, a gente vai conversando, eles vão se abrindo, vão sentindo confiança na maneira como a gente fala com eles, e aí uma coisa que parecia tão grande. Mas eu acho que é isso, também, a questão do parar e do ouvir.” (JULIA)*

Outro desafio por elas relatado foi o fato de não conseguirem a presença de alguns pais na escola, quando os mesmos são convocados por alguma questão apresentada pelo filho. Disseram ser difícil isso acontecer, pois se utilizam de várias

estratégias para conseguir o comparecimento das famílias (telefonema, envio de carta registrada) e lutam bastante para que os pais compareçam. Em último caso:

*“(o aluno) só entra com o responsável. E a gente deixa bem claro: a escola está aberta das 7h da manhã às 11h da noite. Não é possível que não tenha um horário que o pai não possa passar aqui. A gente tem todas as anotações diárias, sempre tem alguém na escola, sempre tem uma de nós.” (VILMA)*

Para a equipe, a presença dos pais nessas entrevistas facilitaria a tomada de ações para ajudar o aluno a melhorar seu comportamento e seu rendimento na escola. Caso não consigam conversar com a família:

*“aí a gente abraça ele. É o que a gente faz. A escola acolhe. Na medida do possível a gente vai fazendo o nosso trabalho”. (VILMA)*

Relataram algumas ações que demonstraram esse acolhimento, e uma postura diferente, quando perceberam e descobriram a dificuldade da família em acompanhar os filhos. Por exemplo, o caso de um aluno que não tinha quem olhasse suas lições e tinha um combinado com a diretora de mostrar para ela, todos os dias, o seu caderno. Ou então o caso de outro aluno que não tomava banho por não ter chuveiro em casa e era discriminado pelos colegas, pelo mau cheiro:

*“Demos banho nele, colocamos roupa, para ele era muito constrangedor estar na sala de aula, não ia aprender nada nunca, o tempo inteiro só recebia chumbo. Só recebia críticas. ‘porque ele está fedido, porque ele não toma banho, porque ninguém quer sentar perto dele, porque o material dele é uma bagunça’, mas o ambiente em que ele vivia, o pai bêbado e a mãe no hospital com uma criança deficiente, internada, os meninos na rua o tempo todo, eu falei: ‘gente, não tem como deixar o menino dessa maneira.’ E aí, conseguimos cobrar dele: ‘olha, você vai fazer o seguinte: vai colocar o uniforme, o Fabio (inspetor de aluno) vai com você, vai tomar banho aqui, trocar a roupa bonitinha, vai ter que começar a vir de uniforme. Então um dia sim e um dia não você vai tomar banho.’ E aí ele começou a participar mais (da aula).” (VILMA)*

Para a equipe, ao conhecer a história de vida dos alunos através das famílias e ao perceber quais eram as suas condições, conseguiam oferecer experiências diversas daquelas vivenciadas pelos alunos em suas casas e reconheceram que atitudes de respeito para com os alunos, por parte da escola, contribuem para que os alunos respeitem a escola também.

*“Às vezes, ele não tem determinados valores, que vivencia aqui. Mas a partir do momento que tem aqui dentro da escola, tem um contraponto. Por*

*exemplo: eu posso ter mil problemas, não posso ficar descontando meus problemas nos outros, e se uma pessoa está me querendo bem, está me acolhendo, porque não vou perceber, a gente está sempre confrontando os alunos quando tem essa conversa, a gente coloca eles para pensar, para valorizar: a minha vida já é complicada, mas se aqui é diferente, então posso ser diferente. De repente, sendo diferente aqui eu começo a ser diferente lá, a gente planta uma sementinha. E ele consegue perceber o que é ter, o que é não ter determinada coisa, fazer isso, ou fazer aquilo.” (JULIA)*

Outro desafio é o da participação dos pais nos conselhos de escola e APM, considerada pequena pela escola. Reconheceram que ainda têm muito que lutar para conseguir essa participação, assumindo para si a responsabilidade por alcançá-la.

*“Porque se eles estivessem bem presentes nisso, ajudando a tomar decisões na escola, eu acho que a gente avançaria muito. Mas isso ainda tem muito que trabalhar. E que venham no sentido de trazer propostas, de valorizar algumas ações, de querer melhorar na parte do conhecimento, da aprendizagem, dos recursos aqui para que seu filho tenha uma melhor educação. Percebo eles um pouco acomodados com o que é oferecido” (JULIA)*

Disseram ver, nas deliberações do conselho, um importante instrumento para apoiar as decisões da escola.

*“Mas o que nós queríamos é que eles estivessem discutindo com a gente, pra que a gente dissesse assim pro aluno: ‘olha, isso aqui foi discutido no conselho, nós também fizemos parte do conselho e nós votamos, nós demos opinião pra que isso acontecesse dessa maneira’”. (VILMA)*

Reconheceram a presença de alguns pais que consideraram reivindicadores, mas que tiveram dificuldade em convencê-los de que faziam um bom trabalho. A diretora relatou qual foi sua conduta em relação a um pai particularmente:

*“Então agora que ele está mais presente é que está vendo, quando chegou, chegou batendo na gente, aí na última reunião eu falei: ‘escuta, desde que você chegou, você só bateu na gente. Mas quando eu precisei de você, você pulou fora. Do jeito que você está falando parece que a gente não trabalha. Só que a gente trabalha muito’”. (VILMA)*

Segundo a equipe, aos pais falta perceber a importância que o seu voto tem nos momentos de decisão no conselho. Julia concluiu:

*“Por que a participação deles na vida escolar, no cotidiano, nos eventos, é importante? Muito. Nós já avançamos bastante, e queremos cada vez mais. Mas queríamos melhorar a participação deles na construção do trabalho. Para que os alunos avançassem bastante nas aprendizagens e que percebessem essa importância: ‘ah, meu filho sabe isso? Que legal! Pode*

*avançar mais.’ O que a gente vai fazer pra isso. E eles ainda não têm. Esse é um trabalho que a gente ainda está caminhando e precisamos trabalhar bastante ainda.” (JULIA)*

Nesta constelação, pudemos perceber que a equipe gestora, integrada e envolvida com a melhora do desempenho da escola, apresenta muitos desafios e, entre eles, o de mediar o conflito na relação professor-aluno. Com a finalidade de resolver esses conflitos, recorre às entrevistas com as famílias, colocando esta postura como integrante da rotina diária pedagógica vivida pela equipe, na escola. A partir das entrevistas, elabora ações envolvendo toda a escola, capazes de minimizar as questões apresentadas pelos alunos em sala de aula.

#### *4.1.2 Como a família participa da vida escolar dos filhos, segundo a equipe gestora*

**Nesta constelação, serão descritos os modos de participação familiar na escola, reconhecidos pela equipe gestora.**

Como já dito, para a equipe gestora, um dos maiores desafios descritos foi o de mediar conflitos na relação professor-aluno, decorrentes ou da dificuldade de aprendizagem ou de comportamentos inadequados em sala de aula. Para enfrentar esse desafio, a escola criou um projeto: “Conhecendo o aluno, sua história e história de vida”, no qual as famílias dos alunos encaminhados para a gestão são chamadas à escola para uma entrevista. A justificativa para o projeto foi:

*“Porque a gente entende que há uma necessidade de entender melhor quem é esse aluno, qual a sua história, realmente como é a história desse aluno. Então, eles são encaminhados, a coordenação faz uma abordagem com o aluno através de questões, inicialmente através do desenho, depois com os pais, as mesmas questões, aí vai investigar, como foi a gravidez, se chorou, andou, teve alguma dificuldade, vai fazendo uma abordagem com os responsáveis, começam a aparecer os problemas e, em cima daquilo, a gente trabalha.” (VILMA)*

A coordenadora Julia explicou qual o sentido dessas entrevistas com a família:

*“O sentido na verdade é tentar compreender as ações daquela criança, aquela atitude, por que aquilo está acontecendo. Se tem alguma coisa, por exemplo: é só no ambiente escolar? Tem alguma coisa na família que contribui pra aquilo? A ideia na verdade é essa. E nessas conversas, na*

*maioria das vezes, a gente descobre que o problema é maior, o problema vem lá de fora mesmo, vem da família, às vezes a família é um pouco desestruturada...” (JULIA)*

Reconheceram que as famílias ideais não existem, e que lidam, na atualidade, com diferentes arranjos familiares, e que, vez ou outra, são esses arranjos a causa das questões apresentadas pelos alunos em sala de aula.

*“... essas novas famílias, nós temos casos aqui na escola agora que tem causado muito problema para nós, essa nova constituição. Mãe com outra mulher, nós temos um caso aqui muito sério. As crianças não conseguem lidar com o problema, e começam a sofrer bullying dentro da escola. Mas até a gente descobrir que isso estava acontecendo, foi através dessas entrevistas. Você vai conversando, a pessoa sente aquela confiança e, de repente, se abre. Entendeu?” (JULIA)*

De posse das informações trazidas pela família, a escola conversa com os professores e elabora estratégias para minimizar as ocorrências.

*“A gente partilha com os professores toda situação da criança, para que juntos a gente consiga buscar uma maneira de lidar, não temos a intenção de resolver o problema familiar, que não é da nossa alçada, não temos o direito de invadir nem nada. Mas aqui, dentro da escola, o que é possível, o que a gente pode fazer para tornar a vida dessa criança mais fácil, para ficarmos atentos, por exemplo, para saber se essa criança está sofrendo algum tipo de bullying por causa disso, e que ações podemos ter para coibir isso.” (JULIA)*

A equipe reconheceu o seu papel pedagógico e o fato de não conseguirem intervir na constituição familiar, ou no que acontece fora dos muros da escola. As informações que conseguem através das famílias servem como ponto de partida para um plano de ação e um olhar diferente para o problema, e não como ponto de chegada para dizer que não há o que ser feito.

*“Na verdade, não invadimos o espaço deles, a gente só conhece e tenta lidar com aquela realidade. A nossa parte é a parte pedagógica. Então tentamos ver o que é possível. Como os professores falam: ‘ah, porque essa criança não faz a lição de casa, essa criança não tem ajuda do pai, não tem ajuda da mãe’. Então você já tem um dado forte: ‘olha, ela não tem mesmo. Ela não tem quem ajude mesmo. O que nós vamos poder fazer para ajudá-la?’ É contar com a gente aqui. Só tem a gente. Nesse aspecto, buscamos algumas soluções. É legal porque muda também o nosso olhar, quando conhece a história. Nossa, eu já vi muitos professores mudarem.” (JULIA)*

A mudança do olhar do professor para a questão apresentada pelo aluno foi considerada, pela equipe gestora, fundamental para que o mesmo melhorasse. As

informações das famílias são dados importantes e capazes de promover essa mudança na forma de acolher o aluno na sua necessidade.

*“Aí eu falei assim: ‘a professora Verônica já adotou o irmão dele. O irmão dele é outro menino na sala. Ele está excelente. Então, você podia adotar ele’. Bom, conclusão, ela acabou por aceitar. O trabalho dele que até então ela falava: ‘O trabalho dele é infantil. Você vê que as figuras são infantis. Mas olha, é muito rico.’” (FABIANA)*

Foi possível perceber que a equipe se preocupa com o aluno de forma individual e não mede esforços para que ele melhore seu desempenho na escola, e também que seja mais feliz. Insistiram que não tem a intenção de invadir o espaço da família, mas que compreender a situação por ele vivida promove uma aproximação de todos os envolvidos no processo educativo desse aluno.

*“A gente não almeja assim: mudar tudo. Mas a gente comemora esse um. E na verdade o que a gente tenta mesmo é: como entrar na fogueira e não se queimar. É como a gente vai fazer aqui pra conviver com isso. Sem invadir o espaço de ninguém, e a gente vai tentando lidar e se a gente tem uma vitória dessa...” (JULIA)*

De posse da informação da família, a equipe se propõe a fazer intervenções na forma de atuar do professor, que, ao atender às orientações, percebe um avanço no processo de aprendizagem do aluno e da escola como um todo.

*“E é um trabalho assim: a gente faz e termina intervindo em alguns momentos com os professores, que terminam fazendo o que orientamos, o que conversamos, e está vendo a mudança deles. Agora mesmo teve um depoimento no trabalho, de quanto os alunos melhoraram. Que era uma turma terrível, eles eram realmente terríveis, mas o grupo se juntou, o grupo pensou junto em algumas estratégias, em algumas ações pra trabalhar, pra tentar resgatar alguns que nós sabíamos que tinham problemas seríssimos, familiar, de estrutura familiar mesmo, e abraçar.” (VILMA)*

A mudança do olhar do professor para o aluno é capaz de promover mudança no modo de agir do mesmo. A equipe promove, então, encontros entre professores e os pais, nos quais são percebidos momentos de incentivo e encorajamento para que, cada vez mais, o aluno melhore.

*E eu vejo que hoje, ela (uma professora que inicialmente era resistente) até no conversar com os pais, conversa de uma forma diferente. Que ela fala: (da aluna) ‘eu gosto dela, ela é inteligente, eu quero que a inteligência dela aflore’. Ela está se envolvendo e os alunos estão amando a professora. (VILMA)*

Reconheceram ser difícil para o professor que está envolvido emocionalmente, resistente, mudar o olhar em relação ao aluno, mas que investem muito nessa mudança, e perceberam momentos de avanços e retrocessos, entendendo essa oscilação como natural do processo.

*“Agora é claro que às vezes melhora daqui, daqui a pouco vem outro caso, mas vamos fazendo na medida em que podemos, e vão surgindo outros casos, vamos tentando, sem essa coisa de achar que vai resolver os problemas. Não temos essa expectativa tão alta. A gente sabe, porque está difícil mesmo, a vida é complicada e temos que tentar encontrar a melhor maneira para que eles convivam aqui na escola de uma maneira mais feliz, sejam mais felizes aqui.” (JULIA)*

Há outras formas de participação das famílias que a equipe nomeou: nas reuniões de pais, nas atividades culturais, festa junina, mostra cultural, participando de atividades culturais fora da escola (cinema, por exemplo); o dia do pai na escola, com atividades como um coral da melhor idade, e atividades para o pai brincar com o filho, dirigidas pelo professor de Educação Física.

*“a gente tem bastante a participação dos pais”. (VILMA)*

Há uma grande preocupação da equipe gestora em ajudar o professor a desenvolver bem o seu trabalho, e recorrer à família dos alunos que apresentam alguma questão, seja da ordem da indisciplina ou da não aprendizagem, é uma estratégia que se traduz em um dos modos de participação familiar na escola. A equipe trabalha para que haja envolvimento dos pais na aprendizagem dos filhos, seja incentivando, acompanhando a vida escolar, olhando as lições, seja se interessando pelo que o aluno faz na escola. Nas demais atividades que oferece às famílias, como eventos culturais, festas e reuniões, a equipe reconhece uma boa participação da comunidade escolar.

#### *4.1.3 Considerações da equipe gestora sobre a participação*

**Nesta constelação, serão descritas as considerações que a gestão faz sobre a participação da família na escola e sua influência no desempenho do aluno.**

Primeiramente, a equipe reconheceu a importância da participação da família, como determinante para o sucesso da escola como um todo.

*“A participação da família é de extrema importância, acho que a escola não chegaria a alcançar seus objetivos ou a ter um resultado satisfatório ou plenamente satisfatório, se não houvesse a parceria com a família.” (VILMA)*

*“Nossa, fundamental. A criança que tem o apoio da família nesse processo de aprendizagem é outra coisa.” (JULIA)*

*“Se o pai acompanha o filho na vida escolar, já andou metade do caminho. A própria proposta da Prefeitura é de ter lição de casa, é dos pais acompanharem os boletins pela internet, a vida do aluno com os registros que os professores fazem a respeito do aluno, então, é nesse acompanhamento dos pais em casa.” (VILMA)*

*“Da família, que eles têm que ser nossos parceiros, que precisamos deles, que eles têm força, juntos, pra reivindicar alguma coisa, tudo isso dá resultado na escola.” (VILMA)*

Relataram que, muitas vezes, o problema enfrentado pelo aluno na família é muito maior do que aquele enfrentado pelos professores em sala de aula, e consideraram importante lançar um olhar compreensivo para esta questão.

*“Quando a gente se depara com a família e vê que aquele problema tem uma causa, e muitas vezes essa causa está longe da nossa alçada, está longe das nossas mãos resolver, porque o problema está dentro da casa dele, um problema de estrutura familiar, a família é completamente desestruturada, a família completamente ausente, então muitas vezes a criança chega aqui com algum problema e a gente percebe que é só carência de atenção.” (VILMA)*

Percebendo a situação, procuram atender à necessidade dos alunos, até por conta do projeto pedagógico que é de linha humanista e crê no aluno como um ser humano, com história e sentimentos.

*“Em cima disso, a gente tenta de alguma maneira, auxiliar, ou encaminhar para um especialista, vai atrás de fazer convênios, principalmente com psicólogos, temos convênios: ‘olha, não tem dinheiro pra pagar, vai lá, elas cobram baratinho,’ leva, ou então a gente percebe: o problema é que a criança não enxerga, então: ‘olha, vai lá, leva no oftalmologista,’ arruma oftalmologista, arruma o óculos, a própria Prefeitura tem um projeto de visão de futuro, que encaminha o aluno pra uma consulta oftalmológica, e muitas vezes é esse o problema do aluno.” (VILMA)*

A equipe reconheceu a dificuldade que algumas famílias enfrentam para acompanhar os filhos na vida escolar, e atribuíram essa dificuldade principalmente a questões de ordem social, financeira ou de saúde, pois os pais trabalham muito para sustentar as famílias e não têm tempo para acompanhar os filhos. Mas insistem em

falar com os pais sobre a importância em acompanhar os filhos nas atividades escolares.

*“Então o nosso trabalho, eu creio que seja um trabalho assim bem próximo dos pais. Nós pedimos muito as parcerias deles: em todas as reuniões, primeira reunião de início de ano, sempre falamos da parceria, nós os queremos aqui dentro da escola, os convidamos para assistir aula, principalmente quando a criança tem alguma dificuldade, senta lá do lado dele, na sala de aula, veja como é o comportamento, porque às vezes falamos para os pais um comportamento que não acreditam que o filho tenha na escola, porque em casa ele tem outro.” (VILMA)*

Consideraram que faz parte do seu trabalho pedagógico esse atendimento, aproximação e investimento na parceria com a família, e demonstraram adquirir muito conhecimento originado desses encontros, que facilitam o trabalho no dia a dia.

*“Às vezes na casa ele é reprimido por alguma coisa, então essa repressão é em cima de um castigo físico, de apanhar: ‘Lá ele não faz porque ele vai apanhar’. Então aqui é o lugar que ele tem mais liberdade para mostrar quem é. Mostrando quem ele é, podemos mostrar para ele que aquele comportamento está errado. Porque na casa dele tem um comportamento, aqui tem outro, ou ao contrário. Porque de repente a mãe vem falar alguma coisa, o pai vem falar, o colega diz que na rua ele bateu, mas aqui ele é um amorzinho, mas na rua ele é agressivo, tudo isso faz parte do nosso trabalho. Nós temos uma relação muito boa com os pais.” (VILMA)*

Apesar de perceberem o sucesso dessas ações, reconheceram que, em alguns casos, o problema que o aluno está enfrentando em casa é muito grande, e convencem o professor da situação para que o mesmo busque alternativas de trabalho. Relataram que alguns pais não atendem às solicitações da escola.

*“Porque tem alunos que até hoje nós não conhecemos os pais” (VILMA)*

Para que haja uma participação efetiva, refletiram sobre a responsabilidade que os pais deveriam ter no acompanhamento dos filhos. Disseram que os pais delegam, às vezes, a mesma para as próprias crianças, ou para a escola.

*“Muitos pais Infelizmente não querem enxergar algumas coisas, não querem perceber a necessidade de acompanhar, às vezes até pela dureza da vida que eles enfrentam mesmo. Quando a gente para pra pensar numa mãe que sai muito cedo de casa, que chega super tarde, a relação entre eles vai ficando tão dura, tão distante, no fundo a gente percebe as mães cobrando desses filhos mesmo, que eles se virem, que eles se ajudem...” (JULIA)*

*“Eles jogam as responsabilidades pra criança ou pra escola. ‘Eu não sei mais o que fazer. Vocês podem fazer com ele o que vocês quiserem’. Então jogam a responsabilidade para nós. Muitas vezes para criança, essa*

*responsabilidade que é jogada, eles não têm maturidade pra assumir.” (VILMA)*

Consideraram importante ter disponibilidade para atender aos pais, inclusive proporcionando horários alternativos de atendimento e ampliando seus horários de trabalho para atendê-los, ao mesmo tempo em que se desdobram em estratégias para garantir que os mesmos venham para os atendimentos.

*“Já chegou a ter pai que chegou aqui às 10h da noite. Nós ficamos até 11h, 11h05, 11h15, conversando. A escola já passou do horário de fechar e nós aqui conversando que o problema era sério e ele teria que vir mesmo. E nós esperamos.” (VILMA)*

*“muitas vezes chamamos o professor: ‘olha, pai, o professor está diretamente com o seu filho e tem mais autoridade pra falar sobre o que aconteceu’, já colocamos vários professores para falar, para ver que não é questão pessoal do professor com aluno, damos uma abertura grande de possibilidade dele estar vindo para escola. E, mesmo assim, tem gente que não conseguimos.” (VILMA)*

*“A gente consegue alguma coisa, atrelando o uniforme, leite, agora que não tem mais o leite, que é entregue pelo correio, então assim: o uniforme, material, principalmente os menores, a gente condiciona: para levar o material tem que vir, aí ele vem. (VILMA)*

A equipe ressaltou a importância das informações vindas da família, e que é mais complicado de trabalhar com as questões apresentadas pelos alunos sem essas informações. Mas, quando isso acontece:

*“aí a gente abraça ele. É o que fazemos. A escola acolhe. Na medida do possível vamos fazendo o nosso trabalho.” (VILMA)*

Acreditaram ser a participação dos pais importante para melhorar o desempenho dos alunos na escola e citaram algumas ações que julgariam ser importantes:

*“O pai olhando minimamente o caderno, está vendo se não está realizando as atividades, se está fazendo a lição de casa.” (VILMA)*

*“Como está o comportamento dele na escola, tem caso que, quando chamamos, pedimos para o pai inclusive vir para escola e assistir aula na sala com o filho ou que ele passe aqui uma vez por semana, de quinze em quinze dias, para ver se teve algum sucesso, se melhorou, naquilo que não estava indo muito bem, então vamos todo dia insistir no acompanhamento dos responsáveis na vida escolar do filho.” (VILMA)*

Falando mais especificamente sobre a participação da família interferindo no desempenho do aluno na escola:

*“É muito importante, a criança que tem a família que valoriza o que ele faz. A criança quer, como qualquer ser humano, ser elogiada, quer ser valorizada naquilo que faz. Então se ninguém nunca olha para nada, se tanto faz tirar 10 como tirar 5, como tirar zero. Isso é bom pra uma criança. Para que ela se sinta valorizada desde pequena.” (JULIA)*

Compreenderam que a não participação, muitas vezes, está atrelada à questão do excesso trabalho, outras vezes, reconheceram situações de negligência por parte da família:

*“Sabe quando a gente descobre essa negligência? Chega para nós sem procurar. Por exemplo: você nunca consegue que a criança traga, os professores estão sempre reclamando: a criança não traz agenda, não traz o caderno, a lição, e às vezes o tio da perua comenta com você: ‘ah, mas eu passo e a mãe está no bar’”. (JULIA)*

*“Você não consegue ligar. Outro dia nós ligamos para uma mãe vir buscar a criança, porque o menino estava passando mal: ‘eu não posso ir agora’ mas depois o tio falou que a mãe estava no bar.” (JULIA)*

*“Mas tem o caso também que a mãe trabalha tanto, porque é sozinha para sustentar todos os filhos, não tem o marido para ajudar, não tem ninguém, tem situações que nos deixam sensibilizados mesmo. E às vezes não tem um parente com quem possa dividir, então realmente fica difícil, mas ainda assim, quando conseguimos trazer essa mãe, às vezes choram, porque no fundo sabem que estão falhando. Essa falha às vezes, por mais triste que seja, você até compreende. Ele precisa comer, e só tem aquela pessoa para levar comida para dentro de casa, e você entende.” (JULIA)*

Para a equipe gestora, a participação da família é fundamental para o bom desempenho da escola como um todo. Podemos perceber, nessa constelação, alguns pressupostos teóricos sobre a participação da família na vida escolar dos filhos, que orientam as ações da escola, no sentido de atender às necessidades dos alunos. Percebe-se também um olhar compreensivo para as questões familiares que aparecem nas entrevistas com as famílias, norteadas ações de acompanhamento e cuidado ao aluno em questão. A equipe gestora considera importante uma parceria efetiva entre família e escola e reconhece que faz parte do trabalho pedagógico promover essa parceria.

#### *4.1.4 Participação ideal da família na vida escolar, segundo a gestão*

**Nesta constelação, serão descritas as expectativas da gestão em relação à participação ideal da família na vida escolar dos filhos.**

A equipe reconheceu a importância da participação da família, trabalha muito para que ela aconteça, mas ainda indicaram o que seria, para elas, a participação ideal. Gostariam que os pais participassem mais:

*“É que eles participassem efetivamente, no dia a dia.” (JULIA)*

Que viessem nas reuniões e que atendessem às convocações da escola:

*“Porque tem alunos que até hoje nós não conhecemos os pais.” (VILMA)*

Que valorizassem mais a educação dos filhos:

*“Então o meu sonho de consumo seria que esse pai não pensasse só em matricular o seu filho na escola, mas em acompanhar. Ele tem sim que vir para escola, mas ele tem que fazer a lição que o professor passa pra sala, o trabalho que o professor pediu, as tarefas ele tem que entregar, ele é convocado pra recuperação paralela ele tem que frequentar, entendeu, e essas coisas que a gente sente que está faltando um pouquinho pra algumas famílias entenderem o objetivo da criança... a importância do aprender. Não é o vir, mas realmente o que ele leva daqui. Valorizar mais a educação.” (JULIA)*

*“A gente fala às vezes pra eles: ‘olha, seu filho chegou e não tirou a mochila das costas, ele entrou de um jeito e vai sair do mesmo jeito, vai sair vazio, o objetivo dele é vir pra cá pra sair vazio? Não, é pra ele vir aqui pra adquirir conhecimento. O professor está aqui para transmitir esse conhecimento. Ele não quer.’” (VILMA)*

*“Não é só depositar a criança aqui, deixar aqui 5h com a gente, pra gente tomar conta. Não somos cuidadores, nós somos educadores pra transmitir o conteúdo e pra transmitir valores também. São valores que ele vê que aqui dentro existem, e que muitas vezes na casa dele não tem, mas aqui tem e ele tem que seguir e aprender e assimilar tudo isso.” (VILMA)*

A coordenadora terminou refletindo sobre a questão da autonomia do aluno, que requer um acompanhamento da escola e da família para ser alcançada. Algumas famílias, segundo ela, acreditam que estão dando autonomia, mas a escola considera que estão faltando com a responsabilidade para acompanhar a vida escolar dos filhos. O ideal seria que isso não acontecesse, ou seja, que a família não atribuísse responsabilidade demais aos alunos, deixando de cuidar deles.

*“Nosso papel aqui é ajudar o aluno a desenvolver autonomia, dele mesmo se responsabilizar pelo estudo, por seu aprendizado, pela sua vida escolar. Mas a gente passa para os pais que na verdade a responsabilidade disso e pra conseguir construir um ser humano capaz de ter mesmo essa responsabilidade com a sua própria vida, que isso tem que vir deles. Embora ela trabalhe o dia inteiro, ela tem que arrumar um minuto pra esse filho. Ela tem que orientar os filhos a seguir o comando dela, embora ela não esteja. Estabelecer um vínculo que ela possa confiar neles. A gente tem casos aqui de irmãos que cuidam de irmãos. Criança cuidando de criança.”*

*Quer dizer: não tem quem cuide dele e ele ainda tem que cuidar do pequeno.” (JULIA)*

Nesta constelação, é possível perceber que o ideal de participação para a equipe é o de participação efetiva da família na vida escolar dos filhos, valorizando, se interessando e incentivando os estudos, além de frequentar as atividades oferecidas pela escola. É ideal também que as famílias assumam suas responsabilidades pelos filhos.

## **4.2 Professores**

### *4.2.1 Desafios de ser professor*

**Nesta constelação, estão descritos os desafios enfrentados pelos professores na sua rotina diária.**

Uma das professoras comentou sobre um novo programa de informática oferecido pela Prefeitura, para registro de aula, notas e faltas online. Neste momento, foi possível perceber o que seria um dos desafios da profissão de ser professor: a dificuldade de lidar com o novo, o que, muitas vezes, causa, por parte do professor, reclamações até mesmo antes de se perceberem as vantagens que uma nova proposta possa trazer.

*“Nós estamos com um programa novo na Prefeitura. No começo pensamos que era um monstro, todo mundo começou a reclamar... a gente reclama, tudo o que é novidade, o que é o novo, a gente reluta um pouco pra aceitar.” (IVANA)*

As duas professoras trabalham com EJA – Educação de Jovens e Adultos, e relataram o quanto acham gratificante este grupo. Sentem-se reconhecidas e valorizadas, e comparam com os seus outros alunos – mais novos, que “estudam por obrigação”.

*“Muito bom trabalhar com os adultos.” (DEBORA)*

*“A gente se sente a professora mesmo, eles têm aquele carisma ainda com a gente, aquele respeito, admiração. Você percebe que estão aqui porque querem, precisam: ‘a gente quer aprender’, sendo que o aluno mais novo,*

*às vezes você se faz até essa pergunta: não estuda, vem porque a mãe obriga, então ele não vê importância ainda na vida dele, que é o estudo. Ainda mais hoje em dia.” (IVANA)*

Continuaram refletindo sobre a característica desafiadora da profissão, que é a de enfrentar várias mudanças, da dificuldade de lidar com o ser humano, mas, ao mesmo tempo, se reconheceram fazendo o que gostam. Acharam que dar aula é difícil, e que demanda envolvimento com as diferentes situações que vivenciam em sala de aula:

*“Fomos passando por todas essas mudanças, hoje muitos estão entrando, professores jovens, sem base, pedindo exoneração na semana seguinte. Você vê essas mudanças, trabalhando, se adequando a essas coisas essa situação...” (DEBORA)*

*“Porque acha que dar aula é fácil, e não é, dar aula envolve. Você está lidando com um ser humano hoje, que aquela criança chegou de uma tal maneira, acaba sendo psicólogo, medico, professor...” (IVANA)*

*“cada um (aluno) tem uma educação em casa, cada um vem de um jeito e você tem que lidar, tem que tratar de uma maneira diferente. Não dá pra você chegar e falar: ‘olha, a minha aula é: que nem, Matemática, acabou. Está aqui o conteúdo’.” (IVANA)*

Falaram também da sensação de frustração e de sofrimento quando não conseguem atingir o aluno na sua aprendizagem. Procuram entender o motivo para solucionar o problema.

*“Meu Deus, não consigo atingir esses alunos, nessa sala. Eu tentei tudo. Tem aqueles que você não consegue despertar. No caso de uma sala, o oitavo ano, falou: eu trabalhei isso aqui com outras salas e com essa, a realidade é outra. É diferente. Eu não sei. Realmente acaba mexendo com a gente. A gente sofre com isso também.” (DEBORA)*

*“A gente fala assim: ‘será que sou eu? O que será que está acontecendo?’ A gente se frustra, porque o que queremos é o resultado final: puxa vida, que turma, consegui transformar alguma coisa, consegui modificar. Sabemos que cada vez está pior, o pessoal jovem (professor) entra e não dá conta. Eles não têm estrutura para aguentar. Imagina, o aluno vem te enfrentar, tem que ter a sua postura, porque senão você vai perder a cabeça. Não pode. Tem que estar firme ali, você é o professor. Muitas vezes, tem professor que se iguala ao aluno.” (IVANA).*

Nesta constelação, percebe-se que um dos desafios que se impõe às professoras é a falta de sucesso em conseguir a aprendizagem de alguns alunos. Demonstram gostar muito da sala de aula, e sempre refletem sobre ações que poderiam fazer para que os alunos melhorassem na sua aprendizagem.

Reconhecem nas famílias uma das causas do insucesso de alguns alunos na sala de aula.

#### 4.2.2 Como a família participa da vida escolar dos filhos, segundo os professores

**Nesta constelação, serão descritos os modos de participação da família na vida escolar dos filhos, reconhecidos pelos professores.**

As professoras acharam que as famílias participam pouco das atividades oferecidas pela escola, que são: reunião de pais, festa junina, mostra cultural, dia da família na escola e escola de pais. Conseguiram refletir sobre essa pouca participação, atribuindo a ela algumas causas:

##### 1. Excesso de trabalho dos pais:

*“Nós tivemos em calendário, feito pela própria Prefeitura de São Paulo, o dia da família na escola, dia 5 de abril, um sábado, onde proporcionamos atividades para a família na escola. Tivemos gincana, café da manhã, coral e a participação foi pouca. Os próprios alunos vêm: ‘ah, professora, eu não pude vir porque a minha mãe teve que ir no supermercado, cuidar do meu irmãozinho’. Então, a gente sabe que, para quem trabalha, sábado é o dia de fazer várias atividades.” (IVANA)*

##### 2. O desinteresse das famílias pela vida escolar dos alunos mais velhos:

*“A gente percebe que o Fundamental I sempre é mais participativo.” (IVANA)*

*“por ser Fundamental II, tem essa questão: o adolescente não quer, eu lembro quando a gente passa pra 5ª série. Antes a minha mãe levava até a porta, agora não precisa mais, pode ficar ali. Quando eles passam para agora que é o 6º ano, eles já não querem tanto, porque eles já não são mais crianças.” (IVANA)*

Comentaram sobre as ações que a escola desenvolve, relatando sobre um projeto intitulado: “encontro de pais”, que foi muito positivo, surtiu um ótimo efeito, no início, mas depois foi se esvaziando, não por vontade da escola, mas dos próprios pais. Reconheceram serem importantes projetos dessa forma, pois aos pais faltam informações básicas.

*“Era interessante, os pais contavam a sua história, tinha depoimentos, mas eles foram... a escola pela escola continuaria.” (DEBORA)*

*“Convidamos para um café, chá à noite. Lotou o pátio, foi a cada semana, depois a cada 15 dias, e foi diminuindo, e o projeto acabou. A gente ficava aqui, preparava textos, trazia alguém da saúde para falar alguma coisa, e acabou. E a gente sabe que as pessoas têm tanta falta de informação, às vezes coisas básicas.” (IVANA)*

Quanto à reunião de pais, as professoras acharam a frequência pequena, naquela escola. Relataram quais os objetivos da reunião e como se sentiam em relação aos comentários de alguns pais, que diziam não ir a elas, pois não queriam ouvir falar mal dos filhos. Reconheceram que os pais têm sempre pressa, e sentiram que só vão às reuniões, porque as mesmas estão atreladas a outras atividades, como por exemplo, a matrícula.

*“Porque parece que o pai, a gente chama pra reunião, o pai fala: ‘já sei, já vou lá pra ouvir falar mal do meu filho.’ Você percebe numa reunião de pais, às vezes o pai senta lá atrás, ele já sai, porque o pai conhece o filho.” (IVANA)*

*“é informar sobre o rendimento, frequência, sobre a disciplina, aprendizagem em si, mas eles estão sempre com pressa. ‘dá pra me atender agora? Dá pra me atender antes? Porque deixei meu filho em casa...’ parece que ele só vem com pressa pra escola.” (DEBORA)*

*“Às vezes você chama, e o pai não vem. E agora, nós vamos ter reunião de pais, a gente aproveita para fazer a matrícula, ou quando é entrega de algum material ou uniforme, eles vêm. Mas às vezes você chama um pai pra orientar pra alguma coisa, ou mesmo pra gente conseguir uma parceria, que aquele aluno está dando um certo tipo de trabalho, ele não vem. Mesmo na reunião, muitos falam: ‘ah, eu vou lá pra ouvir falar mal do meu filho’, mas às vezes é o único momento que a gente tem, porque tem pais que só vêm na reunião.” (IVANA)*

*A gente começa a reunião com um texto, dá espaço para eles colocarem algumas coisas, tem uns que se interessam, mas outros que: ‘ah, professora, não posso ficar’. A gente já fez a reunião no sábado, mas, aqueles que vêm, vêm durante a semana, e outra coisa: hoje no Estatuto da Criança, fala que o pai tem direito a participar da reunião, a escola fornece até o atestado de horário. (IVANA)*

*“é aquela pressa, na reunião, não ter um compromisso, de ver que o objetivo não é que ninguém vai falar mal. Tem aquela coisa de falar que não fez a lição, que ele está indisciplinado, que ele perdeu uma avaliação, que está com muita falta, como falar mal.” (DEBORA)*

*“e, na verdade, a gente está orientando.” (IVANA)*

As professoras procuram convocar os pais para entrevistas, caso os alunos apresentem alguma questão, seja por indisciplina ou por dificuldade de aprendizagem. Esforçam-se para oferecer aos pais opção de horários, dizendo ser essa abertura uma característica da escola, com o apoio da Direção.

*“Temos nossas horas atividades dentro do nosso horário de aula. Como agora são 5 horas com alunos, nós temos a sala de leitura, de informática, com outros professores. Nessas horas, a gente pode convocar.” (IVANA)*

*“Também convocamos para a noite, porque às vezes eles têm essa disponibilidade, e a escola abre também outros horários, o pai não pode vir na reunião...pode vir à noite para conversar”. (DEBORA)*

*“A gente é bem flexível nesse ponto... a escola é”. (IVANA)*

Um comentário feito por uma das professoras reflete sobre se não seria responsabilidade da escola a baixa participação das famílias. Talvez a escola não tivesse proporcionando atividades adequadas, e termina concluindo que a escola não pode desistir de investir nessa participação.

*Acho que não é que a escola não está proporcionando. Está proporcionando, agora não sei o que fazer, não é que não esteja proporcionando. É não saber. (DEBORA)*

*A gente sempre fazia o dia das mães num sábado, e, parece que vai vindo menos (mães). Então, fazemos alguma coisa para o aluno levar para a mãe, e acaba. Eu não sei se a gente tinha mesmo que parar, porque se a gente for deixando, eu acho que devia insistir, retomar, quem sabe, se a gente for persistente... (IVANA)*

Nesta constelação, é possível perceber que as professoras acham que a família participa pouco da vida escolar dos filhos e atribuem essa falta, por exemplo, ao excesso de trabalho dos pais, bem como à falta de interesse pela vida escolar dos filhos mais velhos. Os modos descritos de participação são as reuniões de pais, os eventos culturais e festas, e também as convocações para entrevistar as famílias dos alunos que apresentam alguma questão. Fazem também uma crítica à escola, atribuindo a ela a responsabilidade pela baixa participação dos pais, reconhecendo a dificuldade que a própria escola tem em organizar a jornada de trabalho dos funcionários, por exemplo. Trazem também uma perspectiva ao dizerem que não podem desistir de investir na participação das famílias na vida escolar dos filhos, pois a consideram muito importante.

#### 4.2.3 Considerações dos professores sobre a participação da família na vida escolar dos filhos

**Nesta constelação, serão descritas as considerações que os professores fazem sobre a participação da família, e sua influência no desempenho do aluno.**

As professoras consideraram ser a sala de aula o lugar mais gratificante da escola. Mesmo tendo que lidar com as famílias, que são, segundo elas, cheias de problemas e “desestruturadas”. O que as agrada nesse lugar é:

*“Você não é mais um pedagogo, você lida com o ser humano, com o aluno, com a família, mas eu acho que é na sala de aula que você consegue estar ali de frente com o aluno, com a família, é muito difícil porque hoje as famílias estão com problemas sociais, desestruturadas, mas eu acho que a sala de aula é o lugar mais adequado e mais gratificante para o professor.” (IVANA)*

Demonstraram certa nostalgia, ao refletir sobre a “participação de antigamente” e a da sua própria família, atribuindo ao trabalho e à vida moderna, condicionada à falta de tempo e ao desinteresse pela escola também, os motivos para que as famílias participem pouco da vida escolar dos filhos.

*“Antigamente a família era muito mais participativa. No tempo em que eu era aluna os pais se interessavam, colaboravam com a escola. A maioria das mães não trabalhava tanto, a mãe olhava o filho, a casa, o lar. Hoje não, a mãe conquistou o seu espaço, só que ficou com dupla, tripla, quádrupla jornada, sobrou tudo para ela. Há algumas exceções, em que os pais dividem, mas, nessa escola, a gente tem uma grande dificuldade de vir (das famílias).” (IVANA)*

Consideraram que a pouca participação dos pais é prejudicial ao rendimento escolar do aluno.

*“Cheguei à mesma conclusão que a colega: vou parar, quero a sala de aula, a dificuldade que a gente encontra é essa mesma: eu acho que falta participação sim dos pais, que os pais ajudam muito, que os pais têm muito o que ajudar a gente, mas infelizmente, no dia a dia, o trabalho, o que a gente sente é isso.” (DEBORA)*

*“A gente não tem dúvida de que, quando o pai participa, o aluno é diferente.” (DEBORA)*

*“eu acredito muito nessa parceria.” (IVANA)*

*“Se a gente pudesse mesmo ter a parceria do pai, da mãe, da avó, que hoje em dia é muito presente na família, na vida dos nossos alunos... não vou*

*dizer que resolveria todos os problemas, porque a gente sabe que tem vários. Mas contribuiria muito se eles soubessem o valor que tem o interesse deles.” (IVANA)*

*“... então, essa parceria, mãe, pai, seria essencial mesmo para que esse aluno deslanchasse e formasse o caráter, a sua aprendizagem de maneira muito mais eficiente.” (IVANA)*

*“A gente percebe que aquele aluno que tem uma orientação em casa, que tem a família participativa, consegue se desenvolver melhor. Ele tem maior segurança, ou apoio de casa.” (IVANA)*

*“Na minha turma, eu percebo que, quando você faz uma reunião de pais, uma atividade na escola, ou pelo próprio contato da família com a gente, por bilhetes, tudo o que você manda tem uma devolução de atividades, ou de um bilhete, ou de um comunicado, você percebe como a família participa e que essa criança que tem esse apoio, essa mãe e esse pai, que é responsável e que cuida, se desenvolve muito melhor.” (IVANA)*

A participação que consideram adequada é mais completa e está atrelada à valorização ao ensino e ao que o filho faz na escola. Para elas, se o aluno tem a família acompanhando sua vida escolar, se sente importante e, conseqüentemente, assume maior responsabilidade perante os estudos.

*“qualquer pessoa quer se sentir importante, o pai diz: ‘olha, quero saber da sua escola, quero saber’. Tem momentos que o pai, a família deveriam vir... eu tenho relato de caso: eu tinha duas alunas, eram irmãs, e tudo o que tinha na escola, mostra cultural, festa junina, reunião de pais, vinha o pai e a mãe. O pai trabalhava à noite, mas as duas eram alunas exemplares. Então, a gente vê que quando a participação da família é maior, você vê que o resultado do aluno é diferente. (IVANA)*

*“Acho que eles desenvolvem no filho a responsabilidade. Porque está colaborando para mostrar ao filho que o que ele está fazendo é importante. Ele chega com a lição, ninguém perguntou se ele fez, se ele não fez, tanto faz ele fazer ou não, ninguém vai cobrar, ninguém vai ver. Se ele tem esse respaldo em casa, ele traz o retorno, o que ele fez. Puxa, alguém está se interessando em saber o que foi feito.” (IVANA)*

*“eu acho que ajuda também na postura, a questão do respeito, disciplina, o próprio aproveitamento pedagógico também, esse pai chega em casa, conversa sobre a lição, vê o que foi feito, ele desenvolve na aprendizagem.” (DEBORA)*

*“ele vê que aquilo que está fazendo é importante para alguém, não é só para ele, ou para a professora, é um caminho que vai seguir, ele quer ser alguma coisa, a família quer, contribui para isso, para que ele tenha um futuro, para que ele seja uma pessoa de responsabilidade, de caráter, então, esse apoio dos pais para gente, é comprovado que isso é essencial.” (IVANA)*

*“geralmente, a gente sempre faz as coisas pensando em alguém para mostrar, então eu acho que o aluno também faz isso. Ele faz a lição, quer mostrar que é um bom aluno, quer mostrar o caderno. Quando eles terminam a lição, eles querem mostrar. Eu estou dando aula pra EJA à noite, são adultos e eles são assim: ‘professora, corrige. Será que está certo?’” (IVANA)*

*“Quando ele faz, vê que o pai se importa, eu canso de falar nas reuniões: hoje, a nossa realidade, as mães saem cedo e voltam tarde da noite, às*

*vezes encontram com os filhos na hora da janta, não dá mais para a mãe dedicar aquele tempo, mas está na pia, no fogão, no tanque, pergunta: 'como foi a sua aula hoje? O que você fez?' Para mostrar para o filho que o que ele fez é importante." (IVANA)*

*"E eu acho que aqueles que tem o acompanhamento, mesmo que o pai não possa vir, que não compareça, a gente percebe a preocupação." (DEBORA)*

*"A gente vê aquela mãe que se preocupa, às vezes o filho termina a lição porque sabe que a mãe vai ver em casa. Tenho aluno que a mãe vista o caderno todos os dias. Então o filho já sabe: 'se eu fizer alguma coisa, meus pais vão ver'. Ele se preocupa em terminar, ele gosta, ele faz, porque o pai também... eu acompanho daqui e alguém acompanha de lá. Ele sente que o que ele está fazendo é importante. (IVANA)*

Apesar de entenderem que os filhos cujos pais apresentam uma participação na vida escolar são melhores alunos, em um determinado momento, pensam sobre as exceções a essa regra:

*"Lógico que a gente não pode assim generalizar totalmente, porque a gente tem casos de alunos que nem têm apoio, mas ele é mesmo esforçado, mas é uma minoria." (IVANA)*

*"... Tanto que toda regra tem as suas exceções. A gente sabe que pegamos várias famílias, várias salas de aula, tem aluno que não tem o pai, não tem a mãe, mora com a avó, mora com a tia, e se desenvolve, ele já vem dele, da personalidade..." (IVANA)*

*"Tem a Maria, de aprendizagem ela é boa. Poderia ser até melhor, mas a indisciplina, ela é muito agitada, tem dias que termina as coisas, tem dia que não, mas quando eu avalio, uma prova, ela vai bem. Mas se eu mando uma lição de casa não vem, a gente percebe que não é uma família que participa." (IVANA)*

Contaram o caso de duas alunas que representam bem essa exceção à da participação vinculada ao sucesso escolar:

*"Aquela aluna nossa, que era da aldeia SOS. Aline. Morava na aldeia. Não tinha mãe, morava com duas irmãs e o pai. Ele tinha um bar, ficava até tarde, as meninas dormiam no chão, não tinham nem um ambiente para morar, elas fugiram na verdade. O pai estava maltratando, elas fugiram. Só que tem duas situações: a irmã, que não chegou a ser nossa aluna, estudou no A., tinha uma postura completamente agressiva. A outra, Aline era um doce, inteligente, era a melhor aluna da oitava. Interessada, participava de conselho, de APM, projetos, ela estudava de manhã, a gente tinha o projeto contador de histórias, os alunos mais velhos contavam histórias para os mais novos." (DEBORA E IVANA)*

Ivana atribuiu o fato da aluna ir bem na escola, apesar da não participação da família, à personalidade de cada um e também refletiu sobre a importância da escola na vida desses alunos.

*“A personalidade de cada uma. O caráter de cada um, porque é o que a gente fala: tem as exceções, a gente sabe então basta a gente querer.” (IVANA)*

*“Tem aquela minoria, tem as exceções, a gente que já participou de encontro de pais, percebe que tem aqueles que passaram por dificuldades, eles começam a contar a vida deles, você vê que são pessoas de bem, trabalham, constituíram família, agora que têm oportunidade de estudar, e se contarem a história de vida deles, meu Deus, poderiam ser bandidos, muitos assim: ‘ah, professora, meu pai, minha mãe pegava a gente, e a gente se escondia no mato quando meu pai chegava, porque chegava bêbado e batia em todo mundo’. Então viveram num lar totalmente desestruturado e conseguiram, não tiveram a oportunidade de estudar naquela época, mas são trabalhadores, então, a gente tem as exceções.” (IVANA)*

*“Por isso que eu falo: nós professores, a gente fala da situação cada vez pior, e as políticas públicas, e isso e aquilo, mas acho que escola, ainda, pra esses alunos, pra essas crianças, ainda é o local que pode proporcionar alguma coisa. Pode passar alguma coisa para eles, pode instruí-los a alguma coisa. Despertar alguma coisa para eles.” (IVANA)*

*“Às vezes a gente trabalha dois anos com um aluno e a gente não conhece o pai. Então, estão ali e, apesar de toda dificuldade, estão produzindo.” (DEBORA)*

Consideraram a participação a família um fator determinante do sucesso do aluno, mas não o único. Reconheceram que há influências que interferem no trabalho e que nem sempre são determinadas pela família. São essas mudanças e adaptações da sociedade que até as famílias às vezes também têm problemas. Como exemplo, citaram a questão do uso do celular:

*“... eu digo das atitudes do aluno, às vezes não é só a família que influencia, o ambiente, por exemplo: o celular, ainda no Fundamental I, no Fundamental II nas primeiras séries, você ainda está conseguindo controlar. Mas eu trabalho no Estado com o Ensino Médio, é um grande agravante para gente. A própria família não dá conta”. (DEBORA)*

*“A gente sabe que o celular hoje faz parte. À noite nós lidamos com adultos. Muitos são pais e mães de família, avós que cuidam de netos, e elas trazem o celular. Mas é saber usar. Então assim: poderia ser um ótimo instrumento, só que a questão do jovem e do adolescente é não saber usar. O professor explicando e ele com o fone, ouvindo música. Aí a falta de respeito que causa o celular para a gente, alunos que não respeitam.” (IVANA)*

Comentaram de alguns pais que questionaram as atitudes da escola, considerando-os “inimigos”, e que os mesmos deveriam ser aliados, de preferência não questionando essas atitudes.

*“Quando você vê que o pai e a mãe vem e diz assim que o filho está certo. Esse não tem retorno, o pai vem, reclama, acha que perdeu o tempo dele, ‘vai demorar?’ esse chega e você não tem um retorno. O filho volta do mesmo jeito no outro dia. Você percebe que o pai achou que a escola está*

*cobrando demais, se a gente tivesse o pai do nosso lado pra trabalhar junto, seria melhor”. (DEBORA)*

Acreditam que não conseguem resolver os maiores problemas (de comportamento e aprendizagem) dos alunos, por conta da ausência dos pais, mas perceberam também uma perspectiva por parte da escola interferindo nessa falta:

*“Eu acho que são exatamente aqueles que são os maiores problemas, que necessitam, mas não dá pra contar com isso...” (DEBORA)*

*“Eu acho que a escola também poderia ser um espaço mais aberto, vários horários, finais de semana, mas não tem estrutura também. Nós também somos mães de família, temos casa, temos filho, temos marido, a gente já passa o dia inteiro praticamente fora, ela tem dois cargos e eu também, quer dizer, a gente chega em casa 11h da noite. O sistema deveria proporcionar outras pessoas trabalhando, a escola aberta, onde pudesse vir a comunidade, mas tudo é uma questão de estrutura, que depende não só da gente.” (IVANA)*

Nesta constelação, é possível perceber que a teoria construída pelas professoras em relação à participação das famílias está atrelada à sua necessidade imediata de resolver as questões apresentadas em sala de aula, por seus alunos – da ordem da indisciplina e da não aprendizagem, consideradas um dos desafios da sua profissão. Para elas, a pouca participação das famílias é prejudicial ao rendimento do aluno, mas não determinante. Relatam casos nos quais os alunos apresentam sucesso, mesmo não tendo a participação dos pais na vida escolar. Atribuem esse sucesso à personalidade de cada aluno, mas reconhecem a importância que a escola tem na vida desses alunos.

#### *4.2.4 Participação ideal da família na vida escolar dos filhos, segundo os professores*

**Nesta constelação, serão descritas as expectativas dos professores em relação à participação ideal da família na vida escolar dos filhos.**

As professoras apresentaram com clareza o que esperam de uma boa participação. Reconheceram que os pais vêm pouco à escola, mas entendem que participar é mais do que estar presente, seria valorizar e se interessar pelo que os filhos fazem na escola.

*“Eu acho que a boa participação não é só estar presente, é acompanhar, incentivar, dar apoio, não é só o fato de estar presente. Então, o pai vem pra uma reunião e no outro bimestre o filho está com o mesmo problema, então, o apoio, precisaria, em vez de estar presente, no sentido de auxiliar...” (DEBORA)*

*“Auxiliando, se interessando pelas coisas da escola, pelo filho. Por dentro do que é o pedagógico, às vezes pode ser um pai que não entenda, que não tenha estudo, mas para participar ele não precisa ser um pai letrado: ‘olha, eu quero saber o que acontece com o meu filho, o que a escola está proporcionando pra ele, o que ele está levando de bom,’ não é só ele estar vindo aqui.” (IVANA)*

*“Aquele que vem na reunião de pais: ‘professora, já chamou o nome do meu filho? Já posso ir embora?’ Então, esse não está participando. Veio assim quase que por uma obrigação. Tem que vir. Então você percebe isso: tem aqueles que: ‘professora, eu vou ficar aqui, quero falar sozinho,’ não quer expor o problema, esse que quer participar. Mas aquele que só vem pra ir embora rapidinho...” (DEBORA)*

*“A gente sabe que olhar o caderno, dar um vistinho que olhou... participar, vir pra escola, seria esse conjunto de coisas, de estar presente. Não só presente fisicamente, mas presente nas ações que a escola está proporcionando.” (IVANA)*

Outro ponto discutido foi em relação ao conselho de escola, no qual as professoras reconheceram faltar participação das famílias. Para elas, seria ideal que houvesse maior participação, uma vez que os mesmos têm muito a contribuir com a escola.

*“O conselho de escola, um instrumento tão importante, pesa a voz do pai, do aluno, mais às vezes do que a do professor, do diretor. Mas trazê-lo, participar, é difícil, a gente tenta, fazia entrada e saída de aluno, a gente vê que tinha aqueles pais que ficam ali no portão reclamando: ‘ah, você vê, a escola? Tudo sujo? Então, aproveita o momento, vocês têm livre acesso à escola: o que nós podemos fazer? Tem funcionário suficiente? Como que a gente pode estar ajudando nessa questão? Vamos fazer uma palestra para os alunos, passar nas salas, os próprios pais, vamos colaborar’ nossa, tem “n” maneiras de estar colaborando.” (IVANA)*

Ainda falando sobre o que falta, em relação à participação das famílias naquela escola, as professoras relataram que sempre querem mais. Querem que todos participem, que todos saibam o que acontece na escola.

*“O que falta é aquilo que nós queremos sempre, ter mais pais, na verdade é isso.” (DEBORA)*

*“Na realidade a gente queria que tivesse todos, que todos estivessem cientes do que está acontecendo e não só na reunião, que viesse: ‘olha, como está o meu filho’, não é só a presença, mas eu tenho mães que: ‘ai, como está minha filha?’, às vezes manda um bilhetinho. Faltou, ela tem aquela preocupação de justificar: ‘olha, ela foi ao médico’, ‘ela teve uma diarreia, mas eu nem levei ao médico, eu mesma cuidei’, mas tem aquela preocupação, e outros casos que não...” (IVANA)*

Uma última reflexão sobre a participação ideal perpassou as dúvidas quanto à causa da não participação.

*“Falta mesmo, eu não sei se a escola não está atraindo, ou eles mesmos, com problemas social, financeiros, familiar, as coisas estão se agravando, de saúde... mas, não dá pra gente fechar o olho e não fazer nada. A gente tem que fazer. A gente tem que sempre tentar fazer alguma coisa.” (IVANA)*

*“Muitos veem a escola como uma barreira. ‘A escola do meu filho, pelo amor, a diretora, a professora... não’.” (IVANA)*

Para as professoras, a participação ideal não é só estar presente na escola, mas acompanhar e valorizar a vida escolar. Nesta constelação, é possível perceber o envolvimento das professoras com a questão política da participação, ao reconhecerem a força que teria uma participação familiar mais efetiva na vida da escola como um todo, principalmente através do conselho de escola.

### 4.3 Mães

#### 4.3.1 Como a família participa da vida escolar dos filhos

**Nesta constelação estão descritas as ações desenvolvidas pelas mães para acompanhar a vida escolar dos filhos.**

As mães afirmaram ser importante participar da vida escolar dos filhos, e o fazem vindo às reuniões, festas e atendendo às convocações da escola. A participação nas reuniões mereceu um destaque, pois consideraram esse encontro fundamental.

*“No ano, entre as quatro reuniões que tem na escola, eu procuro participar, verificando como eles estão. Sempre também quando eu sou convocada por alguma ocorrência, procuro vir.” (IARA)*

*“Sempre quando tem reunião eu já comunico meu chefe, meu gestor. São quatro reuniões no ano, então eu, se possível, quero participar de todas. Só não venho mesmo se... mas ele libera. Só não venho mesmo se é um caso de extrema necessidade, aconteceu alguma coisa, aí não dá pra eu vir. Caso contrário, as quatro reuniões.” (IARA)*

*“Em todas as reuniões. Só se tiver algum problema, tiver doente, tiver um médico, aí eu não venho. Mas geralmente eu venho aqui, converso com a coordenadora e tudo.” (ANA)*

Ivana reconheceu que a falta de tempo, decorrente do trabalho, impede que participe mais de outras atividades promovidas pela escola, como as festas e o conselho de escola.

*“Não participo muito em outras questões como conselho de classe, festas, porque infelizmente a gente tem que trabalhar. A mulher, hoje em dia, busca a sua independência, então não tem aquela de: é dona de casa. O trabalho acaba atrapalhando um pouco essa relação maior com a escola.” (IARA)*

*“Gostaria até de participar mais na questão da escola em si, mas fisicamente é inviável. Sempre quando tem eventos, festinhas, ou algum evento de final de semana, essas coisas, eu sempre procuro vir, participar. Eu não deixo ele sem participar. A não ser que seja uma coisa que não dê mesmo. Caso contrário, sempre.” (IARA)*

*“Na festa junina a gente vem, dessa que teve agora, eles não vieram, eles não estavam aqui, estavam no Rio de Janeiro.” (ANA)*

Afirmaram participar da vida escolar, mesmo sem necessariamente vir à escola, acompanhando o filho nas atividades de casa, investindo nas atividades de que ele mais gosta.

*“a gente procura sempre acompanhar, fazendo com que ele desenvolva as atividades. Ele gosta de ler, sempre está lendo gibi, sempre tem em casa bastante gibizinho. Eu sempre procuro comprar livrinhos de histórias para ele ler. Ele também fantasia bastante, inventa as histórias e conta pra gente. Então assim, eu procuro, em casa, ter as atividades voltadas pra o que ele gosta de fazer. Porque às vezes a gente obriga eles a fazerem alguma coisa e acaba não sendo produtivo, porque ele está fazendo obrigado.” (IARA)*

Apesar do trabalho e da sua ausência, Ivana disse promover um ambiente capaz de auxiliar o filho nas tarefas de casa.

*“o irmão acompanha, embora irmão adolescente não tenha muita paciência, mas ajuda, eu peço para ele acompanhar e ele ajuda.” (IARA)*

Outra forma de participação na vida escolar é quando as mães procuram orientar os filhos da importância e o valor que os estudos têm para o futuro e da sua responsabilidade em aproveitar o que a escola oferece e em cumprir as suas regras.

*“Eu procuro explicar que o que ele hoje aprende na escola vai usar no dia a dia. A questão da responsabilidade.” (IARA)*

*“Eu falo pra eles que eles têm que vir pra escola, não podem ficar pra fora, tem que entrar e tem que respeitar os professores, igual eles respeitam o pai e a mãe. Não podem chegar aqui e discutir com professor. Se eles tiverem algum problema, conversa comigo, aí eu venho para saber o que está acontecendo. Ele não pode chegar aqui e já discutir, porque tem aluno*

*que chega, discute com o professor, oriento pra eles não fazerem isso. Não agredir. Nem os coleguinhas também.” (ANA)*

*“E eu procuro sempre perguntar como foi o dia dele na escola, para saber se está tudo bem, se houve algum problema, se houve alguma briga ou se ele está tendo alguma dificuldade, enfim, nesses aspectos. Tanto na parte pedagógica quanto na parte pessoal também, de amiguinhos, de ter briga, aquela coisa de não ficar um xingando o outro, essas coisas.” (IARA)*

Já Ana, mãe de adolescente, disse que participava principalmente, ajudando os filhos nas tarefas de casa, quando eles têm dúvidas e inclusive indo à escola buscar as tarefas, caso eles faltassem à aula.

*“Para participar mesmo, quando ele tem alguma dúvida, como eu tenho um pouco de estudo, ajudo, se ele tiver dúvida quando chegar em casa, vou ajudar. Na semana passada, não vieram na escola. O que eu fiz: peguei o caderno de um aluno, e copiei toda matéria que eles tinham. Agora eles resolveram as questões que precisavam.” (ANA)*

*“Se eles precisarem eu ajudo.” (ANA)*

Achou fundamental ajudar, ao invés de brigar, caso eles apresentassem um desempenho abaixo da média, e reconheceu a característica “rebelde” que os adolescentes podem ter.

*“Não, eu ia ajudar, vamos procurar saber o que está acontecendo, brigar não adianta, eu vou brigar ele vai ficar nervoso, melhor eu ajudar do que brigar, hoje em dia não dá pra brigar com ninguém mais, porque eles ficam mais rebeldes ainda...” (ANA)*

Nesta constelação, é possível perceber, por parte das mães, que o maior envolvimento por elas, apresentado na vida escolar dos filhos, está vinculado às questões que interferem na aprendizagem, acompanhando as lições, orientando e valorizando a escola. Reconheceram que a falta de tempo por conta do trabalho impede que participem mais efetivamente das atividades escolares que demandam a presença dos pais, mas se desdobram para participar das reuniões de pais, por achá-las muito importante.

#### *4.3.2 Como a participação influencia no desempenho escolar, segundo as mães*

**Nesta constelação estão descritas as considerações acerca da influência da participação no desempenho do aluno na escola.**

As mães reconheceram que a participação da família pode ajudar no desempenho do aluno, principalmente oferecendo estímulo para estudar e ajudando a resolver as tarefas difíceis para que eles consigam tirar boas notas.

*“As crianças hoje precisam, não hoje, sempre foi assim: as crianças precisam de atenção, receber estímulo. Eles precisam receber estímulos porque: é uma obrigação, é. Mas, eu falo para ele: sua única obrigação hoje é a escola. Então você tem que fazer isso da melhor maneira possível. Tudo o que você tem que fazer, você tem que fazer bem. Então, às vezes: ‘mãe, eu quero isso’. Pra você querer isso, você tem que estudar, desenvolver a sua atividade, a sua responsabilidade bem. Então se você estiver bem na escola, que é a única responsabilidade que você tem, é bom pra você.” (IARA)*

*“Eu ajudo. Se for o caso, se tiver com alguma dúvida, eu sou quase professora de Matemática. Eu fiz, só que eu não cheguei a terminar, então...” (ANA)*

*“Vamos supor, no caso os meus filhos. Se eles tivessem uma dificuldade na matéria, que eu não tivesse condição, vou procurar. Ou vou na escola, para ver se tem algum tipo de recuperação, ou contratar alguma professora para ajudar naquele conteúdo.” (ANA)*

Ivana ainda reconheceu a diferença que teve a sua participação na vida de seu filho hoje, comparada com o seu filho mais velho, que, na época escolar, não teve sua ajuda.

*“Hoje ele está com 8 anos e está na 2ª série. E já está sabendo ler, eu percebo isso que dá uma diferença dos outros. Por exemplo, do meu do meio pra ele, é de 8 anos. O meu do meio com 8 anos na segunda série ainda não sabia ler. Tinha um acompanhamento diferente. Na época eu trabalhava numa outra empresa, era muito mais cobrada, então eu não participava tanto. Não agia com ele tanto como eu ajo com esse hoje. Então eu acho que essa é a diferença. Dele hoje, com 8 anos, na 2ª série, ele já pega o livrinho, lógico, ele não lê, mas ele vai lendo devagar, confunde as palavras, mas aí eu vou e corrijo, então nessa parte acho que eu estou contribuindo.” (IARA)*

Nesta constelação, as famílias se reconhecem como importantes para auxiliar no desenvolvimento escolar dos filhos, e não medem esforços para tanto, cada uma com suas estratégias próprias, como por exemplo: dar atenção, estímulo, tirar dúvidas nas lições, e cobrando responsabilidade.

#### 4.3.3 Como esta escola se relaciona com as famílias, segundo as mães

**Nesta constelação estão descritas as ações que a escola promove no sentido da aproximação com as famílias, compreendidas pelas mães.**

As mães demonstraram, em seus relatos, gostar desta escola. Sentiam interesse e vontade que os filhos estudassem nela. Reconheceram ser ela uma referência no bairro, inclusive por ser uma escola municipal que consideraram ser melhor que a estadual. Disseram gostar da escola, também pela forma séria que tratam os alunos e as famílias.

*“Eu particularmente gosto dessa escola. Tanto que o meu filho saiu da pré-escola e não veio pra cá. Foi pra uma escola estadual e eu corri, logo vim pra cá e fiz uma intenção de transferência, eu preferi que ele viesse e tive sorte, quando saiu a vaga. E eu pretendo que ele fique aqui até o oitavo ano. Porque eu gosto muito da proposta dessa escola. Eles veem que o aluno tem dificuldade, eles pegam em cima, eles conversam com os pais, tem aula de reforço, a gente vê que eles se preocupam com a questão da educação.” (IARA)*

*“Daqui eu tenho elogios, eu gosto dos professores, vejo que os professores são dedicados, que acompanham, querendo ensinar, que o aluno aprenda, a metodologia da escola: eles sempre tiveram aula de reforço, acompanhamento, tanto na parte emocional também, então, se eles percebem que o aluno está com algum problema, eles têm isso, sabe, o cuidado de chamar os pais, de conversar, de encaminhar. Porque criança gosta de chamar atenção, gosta muito de ver que está sendo valorizada, às vezes é uma palavra.” (IARA)*

Relataram sentir que tem abertura por parte da escola, para resolver pequenos problemas que acontecem no dia a dia, podendo conversar com os professores e a coordenação, que estão sempre com as portas abertas.

*“O ano passado tive uma questão, meu filho ficou magoado com uma coisa que a professora falou, mas depois eu vim na reunião, conversei com ela e ela: ‘ah, desculpa, eu não sabia que ele tinha ficado magoado, ele não me deixou transparecer nada’. Mas a gente tem essa abertura de poder conversar e esclarecer essas coisas. É importante.” (IARA)*

*“Quanto ao meu filho aqui, não sei o que aconteceu, eu vou conversar com o professor, que ele não está aí. Ficou com 2,5. Eu não estou entendendo. Matemática. Um tirou 8,0 e o outro tira 2,5. Eles não tiram nota vermelha, os meus filhos. Então, são coisas que assim, eu quero entender. Tudo bem, se ele não fez os trabalhos, se ele não entendeu a matéria, tudo bem, mas tem um motivo pra ficar com 2,5. Se ele não estiver aqui, (o professor) se ele não estiver hoje, eu acho que ele vai chegar. Se ele não estiver, depois eu volto e venho conversar com ele. Pra ver, pra entender. Porque, se meu filho vem todo dia na escola, algum motivo, tudo bem. Ele faltou a semana passada, mas tem um bimestre inteiro, ele tem que ter algum motivo para essa nota.” (ANA)*

Outra forma de relacionamento com as famílias é a reunião de pais, que a escola proporciona quatro vezes ao ano, para explicar a sistemática de avaliação, falar das dificuldades dos alunos, etc... uma das mães achou pouco o número de reuniões, comparando a atual gestão da escola, com a anterior.

*“Eu acho que na época que o Gilberto, a gente interagia mais na escola do que essa diretora de agora. Que acho que é a Vania, agora. Na época do Gilberto, tinha mais reunião do que tem agora. Agora acho que é a segunda reunião que está tendo na escola, e com o outro diretor eu acho que tinha mais.” (ANA)*

Ivana reconheceu que a escola está sempre aberta para receber os pais e se esforça para que eles participem.

*“Toda vez que tem reunião tanto a coordenadora, quando não pode ser a diretora, a vice estão conversando com os pais, deixando aberto para diálogo, para qualquer tipo de problema e ajuda, para procurar a escola, quando tem essas organizações de festas, enfim, numa série de eventos. Infelizmente, não dá pra gente participar de tudo. Porque, hoje em dia, a gente que trabalha não tem como. Não dá, mas, na medida do possível, eu procuro participar. E da escola eu tenho um bom retorno. Principalmente quando eu preciso de alguma coisa, eu ligo, e eles conseguem ajudar.” (IARA)*

Nesta constelação, percebe-se o reconhecimento, por parte das mães, de que a escola é uma boa escola, principalmente pela forma com que tratam as famílias e os alunos, individualmente. Acham a escola séria e disponível para atendê-las. E que se esforça para que haja participação das famílias.

## **4.4 Adolescentes**

### *4.4.1 Como a família participa da vida escolar dos filhos, segundo os adolescentes*

**Nesta constelação estão descritas as ações desenvolvidas pelas famílias dos adolescentes para acompanhar a vida escolar.**

Gabi considerou a participação dos seus pais pouca, quando disse não ter ajuda nas lições, pois eles trabalham muito.

*“meus pais trabalham muito, então nem me ajudam direito. É que eles trabalham demais, então não tem muito tempo para mim, para me ajudar em nada, então eu tenho que me virar sozinha.” (GABI)*

Já a família dos gêmeos ajuda mais, pois a mãe trabalha em casa e acompanha de perto as tarefas dos filhos.

*“a minha família ajuda. A minha mãe, quando eu fiquei um tempo fora, estava pegando matéria, me ajudando. Ela deixou umas lições até prontas, aí eu só terminei. Ela me ajuda também quando eu tenho dúvida, eu pergunto pra ela...” (MARCOS)*

*“Eu faço a lição, ela vê, se tiver dúvida, pergunto para ela. Se não tiver, faço, e se ela estiver fazendo alguma coisa importante, se sei fazer, nem chamo, mas quando preciso, chamo.” (MARCOS)*

Outra forma de participação seria as famílias castigarem ou brigarem quando as notas estão abaixo da média.

*“Ela briga se não for bem.” (MARCOS)*

*“Meus pais tiram algo que eu gosto, tipo computador, celular...” (GABI)*

Consideram que a participação também é orientação e incentivo para que atendam às solicitações da escola.

*“Eles falam pra eu me comportar, fazer minhas lições, se quiser tirar nota boa. Quando eles veem o boletim, falam pra eu me esforçar mais.” (GABI)*

Nesta constelação, percebe-se que os adolescentes acham importante a participação da família na vida escolar dos filhos, e elencaram algumas ações: ajudar nas lições, orientar e cobrar rendimento, incentivar, de vez em quando castigando, e também vindo às reuniões, festas e aos eventos promovidos pela escola.

#### 4.4.2 Como a participação influencia na vida escolar, segundo os adolescentes

**Nesta constelação estão descritas as considerações acerca da participação das famílias, influenciando no desempenho do aluno na escola, do ponto de vista dos adolescentes.**

A participação da família é considerada por eles, muito importante. Principalmente para que se esforcem nas atividades da escola. A atitude das famílias, brigando, castigando, de alguma forma interfere para que os alunos não decepcionem os pais.

*“Ela briga se não for bem.” (MARCOS)*

*“É que ela fala que tem que fazer a lição. Não pode tirar nota vermelha, porque senão ela fica brava. Aí eu não sei o que ela pode fazer.” (ANDRÉ)*

*“Eu tenho um irmão mais velho que já está no segundo (Ensino Médio). E eu tirei 5 em Matemática. Minha mãe fala: seu irmão não tirava 5, ele era melhor que você. Então você tem que se espelhar nele. Aí melhora.” (MARCOS)*

Acreditam que para o caso dos alunos que têm as famílias chamadas pela escola por questão de indisciplina ou mau rendimento, o comportamento não melhora apenas com os pais sendo convocados pela escola.

*“Não. O aluno não melhora.” (GABI)*

*“Que eu vejo, não. Ele melhora uns cinco dias e depois volta tenta, mas não consegue. A mãe dele fala com ele, mas não adianta não sei, se importam, melhoram e depois começa de novo. Não consegue, ele falou assim: eu vou ficar hoje sem falar com ninguém e depois já está falando, aí não dá.” (MARCOS)*

Já que convocar as famílias na escola não resolve os problemas, apontaram soluções para que os alunos melhorem:

*“Ah, sei lá, se os pais deles procurassem se importar mais com eles...” (GABI)*

*“Só se a mãe dele viesse à escola assistir aula junto.” (MARCOS)*

Como reconheceram que a participação da família é importante, ao serem questionados sobre a situação: se não adianta chamar as famílias, se não resolve, para que chamá-las? Marcos acredita que chamar as famílias, para falar sobre um mau comportamento ou baixo desempenho, é um sinal de ajuda por parte da escola.

*“Ah, para poder fazer com que o aluno caia na real, pra ele perceber o que está fazendo errado, senão ele pode se prejudicar. Por isso que eu acho importante.” (MARCOS)*

Indagados sobre que outra medida a escola poderia tomar não sendo a de chamar as famílias para conversar, Marcos respondeu:

*“Uma forma é chamar o aluno de lado e conversar com ele. Mas conversar sério, e ver se o aluno está entendendo mesmo, porque tem hora que conversa, mas não adianta. Entra num ouvido e sai no outro. Então tem que, talvez, conversar sério e ver se o aluno entende.” (MARCOS)*

Nesta constelação, os adolescentes reconhecem a importância de a família participar da vida escolar dos filhos, mas que as mesmas sozinhas não resolvem os conflitos apresentados na escola pelos alunos. Para eles, faz-se necessário uma “conversa mais séria”, principalmente nos casos de indisciplina.

#### *4.4.3 Como esta escola se relaciona com as famílias, segundo os adolescentes*

**Nesta constelação estão descritas as ações que a escola promove, no sentido da aproximação com as famílias, do ponto de vista dos adolescentes.**

Os adolescentes reconheceram como ações da escola para se relacionar com as famílias, as reuniões, festas e eventos.

*“Ah, em festas, nas reuniões, quando tem apresentação de alguma coisa aqui na escola...” (ANDRÉ)*

Outra ação é quando a escola chama as famílias dos alunos que aprontam.

*“Quando o aluno está aprontando, não está fazendo as lições, essas coisas, eles chamam.” (GABI)*

Ou quando deixa uma mãe assistir aula para resolver o problema da filha que está se sentindo ameaçada pelo grupo.

*“Um dia ficavam brincando com uma menina, só que ela não gostava. Aí a mãe dela foi chamada. Ela ficou do lado dela, até que ninguém mexeu com ela. A mãe também falou com o grupo, deu dicas.” (MARCOS)*

Quando atende bem às solicitações das famílias, mesmo por telefone.

*“Tudo que é problema que precisar, a minha mãe liga, vem aqui, já resolve.” (MARCOS)*

Afirmaram que as famílias e eles também gostam daquela escola, e apresentaram os motivos:

*“Então, a escola até que trata bem os pais, mas quando tem que dar uma bronca eles falam também. Só que até é legal.” (MARCOS)*

*“Eu não tenho o que reclamar da escola, a maioria das pessoas conhece. O jeito dela ajudar as pessoas...” (GABI)*

*“Eu acho que a escola ela é boa. Ela também ajuda muito. E quando precisa, ela também ajuda o aluno, chama o pai, mas de resto, é uma boa escola.” (MARCOS)*

Nesta constelação, os adolescentes reconhecem ações feitas pela escola para se aproximar das famílias: festas, reuniões, eventos, abrindo espaços para as mães assistirem aula, e, segundo eles, as famílias sentem-se bem atendidas e gostam da escola.

## 4.5 Crianças

### 4.5.1 Como a família participa da vida escolar dos filhos

**Nesta constelação estão descritas, pelas crianças, as ações desenvolvidas pelas famílias para acompanhar a vida escolar.**

Para as crianças, as famílias participam principalmente quando ajudam nas lições de casa e pedindo para que se comportem.

*“Às vezes eu esqueço (de fazer lição). Mas só que o meu padrasto me lembra todo dia.” (LUCAS)*

*“O meu pai fala que é pra me comportar, às vezes eu vou na casa dele e ele fica perguntando se eu estou bom na escola.” (LUCAS)*

*“Você tem uma lição de casa de alguma coisa. Aí ela te ajuda.” (CARLOS)*

Essa ajuda é alternada entre pai, mãe e, às vezes, o padrasto.

*“Às vezes o meu pai, às vezes a minha mãe.” (CARLOS)*

Segundo eles, os pais vêm à escola na festa junina, reuniões e principalmente quando são convocados por conta de um mau comportamento ou de dificuldade de aprendizagem. Carlos é um menino que apresenta como comportamento dormir em sala de aula. Por esse motivo, a escola chama os seus pais para conversar.

*“Às vezes, quando eu não faço nada, quando eu durmo na sala, eles vêm.” (CARLOS)*

Quando isso acontece, a consequência é:

*“Me colocaram de castigo e eu fiquei o dia inteiro lá no quarto.” (CARLOS)*

*“Conversaram e apanhei em casa.” (CARLOS)*

*“Ela briga comigo, às vezes me bate também. A minha mãe.” (LUCAS)*

Percebe-se que as famílias apresentam modos diferentes de participar, principalmente no que diz respeito às cobranças por um bom desempenho escolar.

*“Eles conversaram, aí falaram que na próxima iam me bater. Se eu não pegasse livro na terça, todo dia tenho que pegar livro pra ler e eu não gosto... eu gosto de ler, mas só que não todo dia. Eu tenho que ler toda semana até terminar o livro.” (LUCAS)*

*“Eu não gosto de fazer lição porque não dá nota. Eu falo isso pro meu padrasto. E ele fala que tem que fazer a lição.” (LUCAS)*

Nesta constelação são descritas, pelas crianças, ações desenvolvidas pelas famílias para ajudá-los, principalmente, a ir melhor na escola. São relatadas as consequências desencadeadas pelas famílias caso os alunos não cumpram com suas obrigações escolares, como, por exemplo, castigos.

#### *4.5.2 Como a participação influencia na vida escolar, do ponto de vista das crianças*

**Nesta constelação estão descritas as considerações, feitas pelas crianças, acerca da participação das famílias, influenciando no desempenho do aluno na escola.**

Os dois concordaram que as famílias podem ajudar nas coisas da escola e, apesar de achar que devem ajudar nas lições, Lucas tem outra necessidade, para ele, ajudaria se a família prestasse mais atenção nele.

*“Prestando mais atenção em mim, ajudando a fazer pesquisa...” (LUCAS)*

O pedido de ajuda de Lucas para que prestem mais atenção nele tem por objetivo que ele melhore nas notas de Matemática, sinalizando assim, a influência positiva que tem a participação da família no desempenho do aluno.

*“Porque eu sou ruim na escola. Em Matemática. Eu só ganho 1,0 em Matemática.” (LUCAS)*

Nota-se, na fala do Lucas, a necessidade de ter ajuda de alguém, mais especificamente da mãe, porém, ela trabalha, e quem o ajuda é o padrasto. A participação do padrasto não é considerada adequada, pois o mesmo pergunta se tem lição, todos os dias. Lucas, apesar de ter lição, diz a ele que não tem, e não a faz.

*“Meu padrasto me ajuda às vezes. Mas a minha mãe, ela fica trabalhando e aí ela não me ajuda.” (LUCAS)*

*“Ajuda, mas só que às vezes eu falo que não tem, porque eu estou com preguiça de fazer.” (LUCAS)*

Segundo os meninos, o incentivo que a mãe dá é em forma de exemplo:

*“Tem que fazer a lição, ou eu vou ser um lixo quando crescer.” (LUCAS)*

*“A minha mãe estava passando no SESC e ela viu um monte de homens deitados lá. E ela falou: ‘você vai virar isso se não fizer a lição.’” (CARLOS)*

Carlos tem o mesmo depoimento. Apesar da mãe se preocupar em saber se tem lição, ele diz que já fez e, na maioria das vezes, não fez.

*“Minha mãe, quando eu não copio a lição de casa, nem olha o meu caderno. Antigamente olhava, agora nem olha. Eu pego, chego, estou lá, sentado no sofá, assistindo TV e ela lá... ela falou: ‘fez lição?’ E eu: ‘Fiz.’” (CARLOS)*

Consideraram ser importante os pais descobrirem que não fazem lições, gerando consequências, que, por sua vez, parecem interferir nas suas próximas atitudes em relação às lições. Segundo eles, esses “castigos” ajudam a melhorar.

*“Quando eu não faço a lição, eles me deixam de castigo, fico uma semana sem ir pro SESC e outro negócio que eu vou lá. Que eu jogo futebol.” (LUCAS)*

*“Sim, (eu melhora) porque eu sei que vou ficar de castigo e não vou poder me divertir. Aí eu não saio pra rua, só brinco no quintal, mas eu não posso, porque eu tenho só um irmãozinho, aí o outro ele já está trabalhando.” (LUCAS)*

Nesta constelação, os alunos consideram ser importante a participação das famílias na vida escolar, contribuindo inclusive para que mudem algumas atitudes, em função do que poderá acontecer, caso não atendam às solicitações da escola.

#### 4.5.3 Como essa escola se relaciona com as famílias, segundo as crianças

**Nesta constelação estão descritas, pelas crianças, as ações que a escola promove, no sentido da aproximação com as famílias.**

As crianças reconheceram como ação principal da escola em relação às famílias o fato das mesmas serem chamadas por conta do mau comportamento ou da não aprendizagem:

*“Porque tem gente que bagunça na sala, bate nos colegas e xinga a professora. Um menino já xingou e já bateu na professora. Bateu nela. Bateu porque ela tava grávida e era J. V. o nome dele, só que ele já saiu da escola.” (LUCAS)*

*“Tem que avisar, senão depois eles descobrem e fica pior.” (CARLOS)*

A escola, segundo eles, se relaciona com as famílias através de reuniões, festas e entrevistas para falar do comportamento e/ou rendimento do aluno. Em relação às entrevistas, eles acham importante as famílias serem chamadas, apesar de reconhecerem que poderão ficar de castigo e ou até apanhar caso isso aconteça.

#### 4.5.4 Como as crianças se sentem quando as famílias são chamadas

**Nesta constelação, estão expressos os sentimentos dos alunos frente à convocação das famílias para virem à escola, discutir seu comportamento e aprendizagem.**

Quando as famílias são chamadas à escola, os alunos disseram sentir-se:

*“Triste. Ela vai chamar os meus pais, vai falar de mim, eu vou apanhar...” (CARLOS)*

*“Eu fico com medo.” (CARLOS)*

*“Minha mãe vem, quando eu fico em casa já fico com o coração ardendo, porque eu já sei que vou apanhar. Não apanhar. Às vezes, conversa e me deixa de castigo, um mês. Aí eu já penso...” (LUCAS)*

Nesta constelação, percebe-se que, no geral, as crianças sentem-se mal quando as famílias são chamadas, principalmente porque dizem que irão apanhar.

Em síntese, a equipe gestora, professores, mães e alunos reconhecem a participação familiar como fundamental para o bom desempenho do aluno na escola.

A escola deseja uma participação mais efetiva das famílias e não mede esforços para consegui-la, por considerar a integração com a família parte integrante do projeto pedagógico.

As famílias reconhecem a importância, mas sinalizam a falta de tempo, por conta do trabalho, um dos motivos para a não participação em algumas atividades promovidas pela escola.

Já os alunos, apesar de saberem que serão castigados caso os pais sejam chamados à escola, por alguma questão apresentada por eles em sala de aula, consideram importante que os pais saibam o que está acontecendo, para poder ajudar. Acham que dessa forma, a escola está “cuidando dos alunos”.

A partir da reflexão sobre as práticas de participação, as considerações e expectativas de todos envolvidos no processo, do que seria uma boa participação, surgiu uma teoria sobre a participação que ocorre nesta escola, baseada na sua prática cotidiana.

Condizente com a teoria freireana, que define a práxis como um modo de interpretar a realidade e a prática que decorre dessa compreensão (FREIRE, 2000), podemos concluir que, nos relatos dos gestores, professores, famílias e alunos, teoria e prática sobre a participação da família na vida escolar aparecem caminhando juntas, na mesma direção: ajudar o aluno no seu desempenho escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentaremos, a seguir, a análise final de como foi considerada pela escola – a partir da opinião de gestores e professores – e pela família – representadas pelas mães e pelos alunos – a participação da família na vida escolar dos filhos.

Todos concordam que essa participação é importante para melhorar o desempenho da escola como um todo (gestão); para melhorar o desempenho do aluno em sala de aula (professores); para melhorar o desempenho do filho na escola (mães) e para ajudar os alunos a atenderem às solicitações da escola (alunos).

As reflexões que aqui surgiram serão analisadas a partir do referencial teórico apresentado anteriormente: *a relação família-escola; o que é participação; educação; e família, escola e participação.*

- **Relação família-escola**

A relação entre a escola e a família assume um papel importante, na rotina diária da gestão, que compreende ser esta relação fundamental para que seja desenvolvido um bom projeto pedagógico. Para a gestão, “o foco é o aluno”, e seus membros não medem esforços para coletar informações vindas da família que ajudam a melhorar o seu desempenho em sala de aula, facilitando o trabalho do professor. Percebem que a criança não está isolada e nem desligada do mundo, tornando-se essas informações vindas da família um importante elemento favorecedor da educação libertadora, proposta por Freire (2005), já que permitem compreender a situação vivida por cada aluno e elaborar ações visando cuidar da sua aprendizagem de maneira individual tornando-a mais efetiva.

Já os professores acreditam na participação, inclusive ao não terem dúvida de que, “quando o pai participa, o aluno é diferente”, sendo a participação considerada fundamental para que desenvolvam um bom trabalho em sala de aula. Atuam conversando com os alunos e também com as famílias sobre essa importância, que não significa só estar presente na escola, mas principalmente “valorizando o que o

filho faz”. Sempre que necessário, abrem espaço na sua jornada para atender aos pais que, por motivo de trabalho, não conseguem comparecer na escola, nos dias agendados para as reuniões, por exemplo. Importam-se com os pais que ainda não conhecem, reconhecendo limitações para a participação pelo mesmo motivo.

Essa opinião das professoras converge com o exposto pelos trabalhos de Graminha e Santos (2005), Marturano (2006) e Vianna (2005), que veem o ambiente familiar direcionando positivamente o aprendizado escolar. Os autores acima apresentam, também, a importância de pesquisar melhor quais são essas ações promotoras de melhora no aprendizado escolar.

São professoras preocupadas e reflexivas em relação ao seu trabalho, e relatam casos considerados de exceção em relação à participação. Um deles é o de duas filhas cujo pai possui uma história de não participação: uma com ótimo e outra com péssimo desempenho. O sucesso da aluna, neste caso, é atribuído à “personalidade de cada uma, ao caráter de cada uma”.

Esta afirmação induz a uma dúvida: quando a família participa, o aluno é diferente, ou seja, a família define o sucesso; quando o pai não participa e o aluno apresenta sucesso, a responsabilidade é da sua personalidade? Observa-se que as professoras olham para as alunas como sujeitos apenas quando fogem à regra pré-estabelecida de julgar que, sem o apoio da família, o aluno não vai bem na escola. Os demais alunos que vão bem, e têm os pais que participam, não têm a sua personalidade levada em consideração. Seria este, a meu ver, um dos sinais de que a participação da família determinando o sucesso do aluno na escola é um mito construído ao longo do tempo, para justificar o fracasso da escola em atingir o aluno na sua aprendizagem.

O mito da não participação é um dos motivos, segundo Lahire (1997) e também discutido na dissertação de Silva-Spadini (2008), que promove o afastamento da família na escola, ao responsabilizá-la pelo fracasso do aluno. Diogo (2010) também reforça essa ideia ao questionar: “em que medida a crença de que o envolvimento parental conduz a um maior sucesso escolar dos filhos é um mito ou corresponde a uma evidência?”

Ressalto aqui que as professoras entrevistadas compreenderam que a participação é importante, mas não determinante para o sucesso do aluno, e que, para as mesmas, a não participação não é justificativa para não se investir na aprendizagem dos alunos que apresentam alguma questão em sala de aula, que interfere na aprendizagem.

Já as mães relataram gostar da escola, reconhecendo o modo acolhedor como a mesma se relaciona com as famílias e, principalmente, como cuidam dos alunos, “chamando os pais” quando acontece algum problema. Denominam a escola como *aberta aos pais*.

Os alunos, por sua vez, sentem que a escola é boa, séria e que as famílias, sempre que precisam, resolvem os problemas, até por telefone. Reconhece que a escola ajuda os alunos, “trata bem os pais, mas quando precisa, dá bronca”.

A relevância apresentada pela escola, ao buscar uma boa relação com as famílias, configura-se como uma das condições de humanização, marca da natureza humana, na busca constante por “ser mais”, busca esta que não é solitária, e se dá na relação com os outros. Esta condição é fundamental para que todos sejam “capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, de escolher, capazes de grandes ações, de significantes testemunhos [...]” (FREIRE, 2000, p. 51-52).

Todos esses depoimentos colaboram com a compreensão de que, para essa escola, a relação com a família é prioridade e, por que não, um diferencial.

- **O que é participação**

Para a equipe gestora e professores, a participação não está atrelada à presença na escola, mas sim à valorização e interesse que devem ser demonstrados pela família em relação ao estudo dos filhos. Seria importante que o pai “olhasse minimamente o caderno” e que viesse mais à escola para perguntar sobre o comportamento do filho.

Em relação aos eventos que a escola promove, a gestão acredita ter bastante participação das famílias. Opinião divergente apresentam as professoras, que alegam ser pouca, principalmente nas reuniões de pais.

Uma maneira de participação considerada por Bordenave (1994), a participação imposta, é utilizada pela escola, quando convocam os pais dos alunos que apresentam questões em sala de aula. O objetivo dessa convocação é compreender a situação vivida por eles, em casa. Como princípio de uma educação libertadora, proposta por Freire (2005), a escola também percebe que o aluno não está isolado do mundo, e que sua história de vida é capaz de contribuir para se elaborarem estratégias e ações capazes de minimizar esses problemas e, conseqüentemente, fazer com que o aluno melhore na sua aprendizagem.

Reconhece-se, nessa escola, que o objetivo da participação é o de libertação do aluno na sua condição de não aprendizagem, e não a manutenção de uma situação de controle, conforme afirma Bordenave (1994), quando trabalha com os objetivos da participação.

Refletindo sobre a não participação, os professores da escola fazem uma crítica à Instituição Escola, não propriamente àquela unidade escolar, ao dizerem que talvez a escola não esteja sabendo como fazer para que a família participe mais. Acreditamos ser esta uma boa crítica promotora de reflexão que, segundo Bordenave (1994), é um caminho para se educar para a participação. Para este autor, se educa para a participação através da práxis, ou seja, reflexão sobre a ação, atitudes estas muito presentes em todas as ações da escola.

Já as famílias e alunos apontam fatores sociais como o excesso do trabalho um dos motivos para a não participação, atitude reconhecida também pela gestão e professores, que compreendem ser o mundo do trabalho um limitador de ações de acompanhamento da vida escolar dos filhos.

- **Educação**

As ações desempenhadas pela escola a partir das entrevistas com as famílias revelam um modo de ser e de acreditar no ser humano como uma possibilidade. Há,

nas entrevistas, uma relação horizontal com as famílias, uma das características da postura dialógica apresentada pela equipe gestora e fundamentada nas ideias de Paulo Freire (2005/1968), que apresenta o diálogo como “este encontro dos homens, mediados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2005/1968, p. 78-79).

Interessante notar o que fazem com o resultado dessas entrevistas. A gestão “partilha com os professores as informações das entrevistas” e elaboram ações capazes de transformar a atitude dos alunos. Quando percebem que não podem contar com a ajuda e participação da família, a escola não mede esforços: “a gente acolhe”; reconhecem que as informações que coletam nas entrevistas promovem uma mudança no olhar do professor para com o aluno, e percebem, nessa atitude, um caminho para mudar também o comportamento do aluno, que passa a se sentir acolhido e vivenciando uma experiência diferente.

É essa, a nosso ver, mais uma atitude da equipe gestora sinalizando uma postura dialógica (FREIRE, 2005/1968) que se reflete na relação com os professores, com os alunos e com as famílias, promovendo um encontro capaz de possibilitar a tomada de decisões e elaborar ações transformadoras da realidade vivida pelos alunos.

Nesta atitude, podemos inferir para o sentido da participação descrito na Introdução deste trabalho, fundamentada nas ideias de Paulo Freire, que é o de humanização dos envolvidos no processo educativo. Mais especificamente, esse processo de humanização se reflete na melhora da relação entre o professor e aluno.

Esta humanização, que tem origem na atitude de diálogo (Freire, 2005/1968), acontece na escola, a partir da postura da gestão e dos professores, bem como na maneira como a família e alunos se sentem acolhidos no atendimento às suas necessidades.

Para ilustrar essas atitudes, temos alguns depoimentos da gestão: quando vão conversar com os alunos encaminhados à Direção, por motivo de indisciplina “conversando, escutando, você começa a entender o lado dele e o do professor”; “a gente coloca os alunos para pensar”; quando da entrevista com as famílias: “você

vai conversando, a pessoa sente aquela confiança e se abre”; após a entrevista, apresentando o resultado aos professores “ela não tem quem ajude mesmo, como podemos ajudar?”; “o grupo se juntou, tentou algumas estratégias e os alunos melhoraram”; “demos banho nele, colocamos roupa”; “nós adotamos ele”. Toda essa atitude dialógica e de escuta, que resulta em um cuidado especial para com os alunos, não seria tão significativa se não houvesse, por parte dos professores, uma mudança no olhar em relação àquele aluno: “ela está se envolvendo e os alunos estão amando a professora”.

- **Escola, família e participação**

Os modos institucionais como a escola se relaciona com as famílias são os eventos culturais, as festas, mas um merece destaque: são as reuniões de pais.

Elaboradas e planejadas pela equipe, identificamos nas entrevistas, aspectos que convergem com a proposta de Beate (1996), que vê na reunião *uma ramificação do projeto pedagógico*. É elaborada e administrada pelas professoras, que julgam haver pouca participação dos pais nesses momentos, mais uma vez, atribuindo à falta de tempo pelo excesso de trabalho e também à falta de interesse de algumas famílias a causa dessas ausências. Apresentam como objetivo das reuniões: “informar sobre rendimento, frequência, disciplina, aprendizagem”. Ressentem-se da pouca participação e da “pressa” apresentada por alguns pais durante esses encontros. Relatam que alguns pais vêm à reunião, como ressalta Silva-Spadini (2008), como um momento no qual os pais veem expostas suas dificuldades em lidar com os filhos, e se *retraem*. Segundo elas, a reunião, por vezes, é o único encontro com as famílias e, portanto, precisam dele “não para falar mal dos filhos”, mas para “falar a verdade e orientar as famílias”.

Se não houvesse, por parte da equipe escolar, uma intenção de se promover o encontro com as famílias de uma forma mais dialógica e acolhedora, por que não dizer humanizadora, poderíamos deduzir, nesta fala das professoras, uma intenção domesticadora em relação à família, traduzida por um traço, bastante difundido entre os educadores da atualidade, que seria a educação bancária (FREIRE, 2005), ou seja, aquela de depositar e transferir valores e conhecimentos aos que não possuem

o conhecimento necessário, neste caso, para que os filhos se saiam bem na sala de aula.

Ressalto que esta postura não interfere na boa relação que a escola estabelece com as famílias, mas precisamos pensar sobre como a sala de aula e os modos institucionais de se relacionar com as famílias, não naquela, mas na Instituição Escola, estão permeados de intenções colonizadoras para com as famílias, que se sentem, como afirma Machado (2010), “constrangidas” e se afastam da escola.

Da parte das famílias – mães e alunos –, as reuniões são reconhecidas como o momento mais importante de contato com a escola, pois está diretamente relacionada com a ciência sobre o desempenho do filho. Chazanas (2011) apresenta, na sua pesquisa, a mesma constatação: o maior interesse das famílias, quando são convidadas a falar sobre participação, está atrelado ao processo de aprendizagem dos alunos. Nessa escola, as mães divergem sobre o número de reuniões: para uma delas, é pouco; para a outra, é suficiente, o que demonstra ser difícil agradar a todos, numa instituição. Porém, todas concordam que a escola é um espaço aberto e que está sempre disposta para atendê-las.

Os alunos se relacionam com as reuniões de forma diversa – alguns se sentem seguros, e outros: “eu fico com medo”. Todos, porém, acham importante os pais participarem para saberem dos resultados: “tem que avisar, senão depois eles descobrem e fica pior” e reconhecem o esforço que as famílias fazem para vir à escola nesses momentos. A consequência dessas reuniões, para eles, na maioria das vezes, quando o resultado não é positivo, é de castigo: “conversaram e eu apanhei”; “meus pais tiram algo que eu gosto, tipo computador, celular”. Interessante perceber que, apesar de saberem que serão “castigados” pelas famílias, reconhecem ser este castigo uma forma de ajudá-los a melhorar na escola e, conseqüentemente, um modo de participação familiar considerado não muito adequado, mas que, dentro da possibilidade de cada família, é aquele que ocorre.

Em síntese, o que se percebeu, a partir dos dados e da análise, foi que a escola tem uma expectativa de participação, demonstrada pelos gestores e professores; as famílias apresentam um modo de participação muito próximo às expectativas levantadas; os alunos demonstram que as famílias incentivam os

estudos da sua maneira, seja ameaçando, seja castigando, mas que se preocupam sim com a escolarização dos filhos. A questão feita a todos os entrevistados, foi: o que falta?

Para a gestão, falta participação no conselho de escola que é um importante instrumento de apoio ao seu trabalho, bem como uma forma de intervir na educação do filho. Segundo a escola, os pais não sabem o poder que têm para definir as coisas: “porque se eles estivessem bem presentes nisso, ajudando a tomar decisões, eu acho que a gente avançaria muito”. Seria, a nosso ver, essa idealizada de participação dos pais no conselho um nível de participação próximo à cogestão (Bodernave, 1994), na qual a direção é compartilhada. Para Freire (2001), os conselhos de escola têm a missão de garantir a tão desejada democratização da escola, e a equipe gestora, considerada democrática, deseja promover, através desse instrumento, um processo de abertura e inserção comunitária, demonstrando necessidade de ouvir as famílias e de ter o seu apoio nas mudanças que julgam necessárias para melhorar a escola.

Para concluir, relatamos que a referida escola foi contemplada com um prêmio, pelo fato de ter conseguido ampliar o seu índice de aproveitamento nas provas programadas pela PMSP. Também, conforme a análise das professoras, a participação da família na vida escolar não pode ser determinante, mas, como objeto deste estudo, o modo como esta escola se relaciona com as famílias e investe na participação tem que ser ressaltado como um dos fatores capazes de promover essa melhora nos resultados da escola como um todo.

Nota-se, no presente trabalho, que a participação é um fenômeno complexo e permeado de situações que dificultam a sua articulação na escola. Ao mesmo tempo, percebe-se que, na escola pesquisada, a equipe chama para si a responsabilidade por esta articulação. É uma escola que apresenta um bom trabalho em equipe, e a disponibilidade para atender às famílias e resolver as questões apresentadas em sala de aula, como desafios pedagógicos. Apresenta também uma teoria própria sobre participação, elaborada a partir da sua própria experiência, e da reflexão sobre a sua prática, caracterizando, aqui, um modo particular de pensar e agir na direção da participação, que deve ser estudado e divulgado como uma possibilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. A. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 49, p. 51-54, maio 1984.

\_\_\_\_\_. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. 3. ed. Brasília: Liber, 2008.

ARIÉS, P; **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BEATE, A. et al. **Reunião de pais: sofrimento ou prazer**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

BORDENAVE, Diaz Juan E. **O que é Participação**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CARVALHO, M. E. P. Modos de Educação, Gênero e relação família-escola. **Cadernos de Pesquisa**, v. 34, n. 121, p. 21-58, jan./abr. 2004.

\_\_\_\_\_. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família escola. **Revista Brasileira de Educação**, n. 25, jan./ fev./ mar./ abr. 2004.

CHAZANAS, M. P. **Participação na escola: a voz das famílias**. 2011. Dissertação de mestrado. Unicamp, Campinas, 2011.

CRUZ, A. R. S. Família e escola: um encontro de relações conflituosas. **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 37, jul./dez. 2007.

D'AVILA-BACARJI, K. M. G.; MARTURANO, E. M.; ELIAS, L. C. S. Recursos e adversidades no ambiente familiar de crianças com desempenho escolar pobre. **Paidéia** (Ribeirão Preto) [online]. v. 15, n. 30, p. 43-55, 2005.

DIOGO, A. M. Do envolvimento dos pais ao sucesso escolar dos filhos. Mitos, críticas e evidências. **Revista Luso Brasileira de Sociologia da Educação**, n. 1, 2010.

DUARTE, L. A. A. **Participação da família na escola: como os protagonistas a compreendem**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

ESPÓSITO, V. H. C. **A escola: um enfoque fenomenológico**. São Paulo: Editora Escuta, 1993.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005/1968.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

\_\_\_\_\_. **Educação e mudança.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **A educação na Cidade.** São Paulo, Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança, um reencontro com a pedagogia do oprimido.** São Paulo: Ed. Paz e terra, 2003.

GASONATO, Maristela R. C. **O sentido das expectativas das famílias em relação à escola para formação de seus filhos.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

GRAMINHA, S. S. V.; SANTOS, P. L. Estudo comparativo das características do ambiente familiar de crianças com alto e baixo rendimento acadêmico. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 15, n. 31, 2005.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares – as razões do improvável.** São Paulo: Ática, 1997.

LIMA, Licini o C. **Organização escolar e democracia radical: Paulo Freire e a governança democrática da escola pública.** São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, 2009.

LOMAR, Teresa P. **O diálogo na prática docente – a compreensão de professoras de uma escola pública do Município de São Paulo.** 2007. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

LUDKE, M.; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, I. F. Crítica e Autocrítica: Avaliação Participativa em Escolas do Campo do Estado de Mato Grosso. **Educação: Teoria e Prática**, v. 20, n. 35, p. 57-69, jul./dez. 2010.

MAGALHÃES; TANCREDI. Como são vistos e ensinados na escola os alunos que fracassam: repercussões para a construção de uma prática voltada para o sucesso escolar. In: REALI, A. M. M.R; MIZUKAMI, M.G.N. **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola.** São Carlos: Edufscar Brasília, 2002.

MARANHÃO, D. G.; SARTI, C. A. Cuidado compartilhado: negociações entre famílias e profissionais em uma creche. **Interface, Comuni, Saúde e Educação**, v. 11, n. 22, maio/ago. 2007.

MARTINS; BICUDO. **A pesquisa qualitativa em educação** – fundamentos e recursos básicos. São Paulo: Moraes, 1989.

MARTURANO, E. M. O inventário de recursos do ambiente familiar. **Psicol. Reflex. Crit.** v. 19, n. 3, Porto Alegre, 2006.

MAZZOTTI, A. J. A. Uso e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de Pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 637-651, set./dez. 2006.

MOREIRA L. V. C.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. A família e seus colaboradores na tarefa de educar os filhos. **Ver. Bras. De Desenvol. Hum.** v. 17, n. 1, p. 26-38, 2007.

PAIXÃO, Lea P. Compreendendo a escola na perspectiva das famílias. In: MULLER; PAIXÃO. **Educação, diferenças e igualdades**. Cuiabá: Ed. UFMT, 2006.

PARO, Vitor H. **Qualidade do Ensino** - a contribuição dos pais. São Paulo: Xamã, 2007.

REALI, Aline M. M. R.; TANCREDI, Regina M. S. P. Interações escola-famílias: Concepções de professores e práticas pedagógicas. In: REALI, A. M. M.R; MIZUKAMI, M.G.N. **Formação de professores, práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: Edufscar Brasília, 2002.

RIBEIRO, D. F.; ANDRADE, A. S. Representações e vivências de pais de alunos de uma escola pública: investigando os bastidores da relação família-escola. In: BIASOLI-AVES, Z. M. M. (Coord.). **Livro de artigos do Programa de Pós Graduação em Psicologia** (ISBN 85-87238-17-6), Ribeirão Preto: Légis Suma, 2004. p. 433-445.

\_\_\_\_\_. Assimetria na relação entre família e escola pública. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 35, p. 385-394, 2006.

ROMAGNOLI, A.; COELHO e RIBEIRO. As relações equipe-família em análise: a pesquisa – intervenção no Centro Psicopedagógico Renato de Avelar Azevedo. 2005. Disponível em:  
[www.fafich.ufmg.br/coloquioenriquez/tcompletos/.../XIII+Coló...pdf](http://www.fafich.ufmg.br/coloquioenriquez/tcompletos/.../XIII+Coló...pdf)

SILVA, P. **Escola e família, uma relação armadilhada**. Interculturalidade e relação de poder. Porto: Edições Afrontamento, 2003.

SILVA-SPADINI, M. L. **Relação escola-família**: possibilidade de aproximação em situação de dificuldade de aprendizagem dos alunos. 2008. Dissertação (Mestrado

em Educação). Programa de Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

SORDI, M. R. L. Avaliação institucional participativa em escolas de ensino fundamental: limites e possibilidades de uma proposta. 2011. In: [www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/.../0317.pdf](http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/.../0317.pdf)

STRECK, D. R.; REDIN, E. E.; ZITKOSKI, J. J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2010.

SZYMANSKI, H. A família como lócus educacional: perspectivas para um trabalho psicoeducacional. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. v. 81, n. 197. p. 14-25. Jan./abr. 2000.

\_\_\_\_\_. **A relação família-escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano editora, 2001.

\_\_\_\_\_. **A prática reflexiva em pesquisas com famílias de baixa renda**. São Paulo, mimeografada, 2004.

TANCREDI, R. M. S. P.; REALI, A. A. M. R. Desenvolvendo uma metodologia de aproximação entre as escolas e a família com a parceria da Universidade. In: IV SEMPE – SEMINÁRIO DE METODOLOGIA PARA PROJETOS DE EXTENSÃO. **Anais...** São Carlos, UFSão Carlos, ago. 2001.

THIN, Daniel. Famílias de camadas populares e a escola: confrontação desigual e modos de socialização. In: MULLER, M. L. R e PAIXÃO, L. **Educação, diferenças e igualdades**. Cuiabá: Ed. UFMT, 2006.

VIANA, M. J. B. As práticas socializadoras familiares como locus de constituição de disposições facilitadoras de longevidade escolar em meios populares. **Educação e Sociedade**, v. 26, n. 90, Campinas, jan./abr. 2005.

VINCENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.